

PATRIMÔNIO PALEONTOLÓGICO

RESSONÂNCIA E ENCANTAMENTO

por

Mell Longuinho André Siciliano

*Aluna do Curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio
Linha 02 – Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento*

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio –
PPG-PMUS (UNIRIO/MAST).

Orientador: Professora Doutora Deusana Maria
da Costa Machado

UNIRIO/MAST - RJ, 29 de setembro de 2023

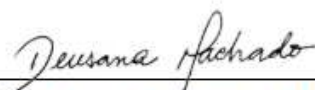
FOLHA DE APROVAÇÃO

PATRIMÔNIO PALEONTOLÓGICO

Ressonância e Encantamento

Tese de Doutorado de Mell Longuinho André Siciliano submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTI, como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por



Profra. Dra. Deusana Maria da Costa Machado
(orientadora - DDC DMIS UNIRIO/MAST)

Documento assinado digitalmente



ALINE ROCHA DE SOUZA FERREIRA DE CASTRO

Data: 08/11/2023 09:49:45-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profra. Dra. Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro
(membro interno - DDC DMIS UNIRIO/MAST)

Documento assinado digitalmente



LUIZ CARLOS BORGES

Data: 10/11/2023 12:19:42-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Luiz Carlos Borges

(m

Documento assinado digitalmente

ST)



LUIZ CARLOS BORGES RIBEIRO

Data: 14/11/2023 15:18:45-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Luiz Carlos Borges Ribeiro
(membro externo - Complexo Cultural e Científico de Peirópolis, UFTM)

Documento assinado digitalmente



THIAGO DA SILVA MARINHO

Data: 21/11/2023 20:50:11-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Thiago da Silva Marinho
(membro externo - Professor Adjunto, UFTM)

Rio de Janeiro, 29 de setembro de 2023

Catalogação informatizada pelo(a) autor(a)

L566 Longuinho André Siciliano, Mell
Patrimônio Paleontológico: ressonância e encantamento /
Mell Longuinho André Siciliano. -- Rio de Janeiro, 2023.
129

Orientador: Deusana Maria da Costa Machado.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em , 2023.

1. Fósseis. 2. Patrimônio Paleontológico. 3. Geoparques.
I. Maria da Costa Machado, Deusana, orient. II. Título.

RESUMO

SICILIANO, Mell Longuinho André. **Patrimônio Paleontológico: ressonância e encantamento**. Orientador: Deusana Maria da Costa Machado. UNIRIO/MAST. 2023. Tese.

São vários os trabalhos que tratam da relação entre comunidades locais e patrimônios, tendo os mais variados enfoques; no caso específico do patrimônio paleontológico, é crescente a preocupação com este tema. Tendo em vista que, de modo geral, as iniciativas para a preservação do patrimônio paleontológico são mobilizadas pela comunidade acadêmica, a presente tese nasce a partir de inquietações sobre a relação estabelecida entre os fósseis institucionalizados como patrimônio paleontológico e as comunidades locais que convivem de maneira cotidiana com este patrimônio, em particular aquele preservado pela iniciativa de geoconservação denominada geoparque, visto que a participação das comunidades é colocada como essencial em tais espaços. A proposta é pensar o dimensionamento desta relação a partir das noções de ressonância e encantamento, vislumbrando a possibilidade de mensurá-las para melhor compreendê-las. Para isto, o trabalho foi dividido em duas etapas, teórica e de campo. A etapa de campo foi desenvolvida nos arredores de dois geossítios do Geoparque Uberaba – Terra de Gigantes. Este geoparque é importante do ponto de vista científico pois abarca uma importante feição geológica: a Bacia Bauru, já do ponto de vista sociocultural, o espaço se torna interessante por ser um geoparque ainda em desenvolvimento. Os resultados mostram que, de modo geral, as comunidades locais investigadas estabelecem sim relações com o patrimônio paleontológico local, com diferentes níveis de compreensão do que seria este patrimônio, e também diferentes níveis de envolvimento. As noções de ressonância e encantamento se mostraram profícuas para o entendimento das relações estabelecidas, uma vez que permitiu tipificá-las, tornando mais fácil a compreensão de uma realidade tão complexa, e mostrando potencial de aplicabilidade em outros contextos.

Palavras-chave: Fósseis; Patrimônio Paleontológico; Geoparques; Ressonância; Encantamento.

ABSTRACT

SICILIANO, Mell Longuinho André. **Paleontological heritage: resonance and wonder.**
Orientador: Deusana Maria da Costa Machado. UNIRIO/MAST. 2023. Tese.

There are several works that deal with the relationship between local communities and heritage, with the most varied approaches; in the specific case of paleontological heritage, there is a growing concern about this topic. Considering that, in general, initiatives for the preservation of paleontological heritage are mobilized by the academic community, this thesis arises from concerns about the relationship established between fossils institutionalized as paleontological heritage and local communities that live daily with this heritage, in particular the ones preserved by the geoconservation initiative called geopark, since community participation is seen as essential in such spaces. The proposal is to investigate this relationship using the notions of resonance and wonder, envisioning the possibility of measuring the established relationships to better understand them. The research was divided into two stages, theoretical research, and field work. The field work was developed in the surrounding area of two geosites of the Uberaba Geopark – Land of Giants. This geopark is important from a scientific point of view as it encompasses an important geological feature: the Bauru Basin. From a sociocultural point of view, the space becomes interesting as it is a geopark still under development. The results show that, in general, the local communities investigated do establish relationships with the local paleontological heritage, with different levels of understanding of what this heritage would be, and also different levels of involvement. The notions of resonance and wonder proved to be useful for understanding the relationships established, as it opened the possibility to typify them, making it easier to understand such a complex reality, and showing potential for applicability in other contexts.

Keywords: Fossils; Paleontological heritage; Geoparks; Resonance; Wonder.

SIGLAS E ABREVIATURAS

- AASPP** – Associação dos Amigos do Sítio Paleontológico de Peirópolis
- ABCZ** – Associação Brasileira dos Criadores de Zebu
- APE** – Área de Proteção Especial
- APP** – Áreas de Preservação Permanentes
- BDTD** – Banco de Teses e Dissertações
- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEP** – Comitê de Ética em Pesquisa
- CONAMA** – Conselho Nacional de Meio Ambiente
- EWGESC** – *European Working Group on Earth Science Conservation*
- GEOSIT** – Sistema de Cadastro e Quantificação de Geossítios e Sítios da Geodiversidade
- GGN** – *Global Geoparks Network*
- IBAMA** – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
- ICMBio** – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
- IGGP** – *International Geoscience and Geoparks Programme*
- IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- ProGEO** – *The European Association for the Conservation of the Geological Heritage*
- RL** – Reserva legal
- SEBRAE** – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- SGB** – Serviço Geológico do Brasil
- SIGEP** – Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos
- UC** – Unidade de Conservação
- UFTM** – Universidade Federal do Triângulo Mineiro
- UGGp** – *UNESCO Global Geopark*
- UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- UNIRIO** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Pág.
Figura 01	Raio de 3km a partir do Geossítio Santa Rita. 12
Figura 02	Raio de 3km a partir do Geossítio Peirópolis. 12
Figura 03	Logos Geoparque Uberaba: Projeto e Aspirante. 44
Figura 04	Papel Bandeja sobre o Geoparque Uberaba utilizado no I Festival Gastronômico e Cultural de Uberaba. 45
Figura 05	Divulgação do evento Agentes as Matrizes Africanas no Geoparque Uberaba. 45
Figura 06	Praça da Liberdade Zumbi dos Palmares, 2022. 46
Figura 07	Estátua Busto da Mãe Preta, 2022. 46
Figura 08	A - Entrada do Parque Fernando Costa, onde fica a sede da ABCZ e o Museu do Zebu, 2022; B – Prédio do Museu do Zebu, 2022. 48
Figura 09	A - Casa de Memórias e Lembranças do Chico Xavier; B - Eurípedes Humberto Higino dos Reis, 2022. 48
Figura 10	Mapa do patrimônio geológico do Geoparque Uberaba. 50
Figura 11	A - Geossítio Caieira, 2019; B - Geossítio Caieira, 2019, detalhe, fóssil na rocha. 52
Figura 12	Geossítio Univerdecidade, 2022. 52
Figura 13	Estátua <i>Megarraptor</i> , 2022. 52
Figura 14	A – Centro de Artesanato, 2022; B – Exemplo de <i>souvenir</i> , 2022. 53
Figura 15	Mapa das proximidades do geossítio Santa Rita, com os espaços integrados. 54
Figura 16	A – Espaço onde foi encontrado o fóssil que deu origem ao Geossítio Santa Rita, 2019; B – Geossítio Santa Rita, 2022. 55
Figura 17	Detalhe do afloramento do Geossítio Santa Rita, 2022. 55
Figura 18	Estátua Maniraptora, Praça Manoel Terra, 2022. 56
Figura 19	A – Estátua Titanossauro, Geossítio Santa Rita, 2022; B – Estátua Abelissauro, Geossítio Santa Rita, 2022. 57
Figura 20	Localização dos geossítios Peirópolis e Santa Rita. 58
Figura 21	A - Antiga estação de trem, 1980; B - Estação de trem logo após a reforma, 1992. 60
Figura 22	Museu dos Dinossauros, 2022. 60
Figura 23	A – Montagem da réplica de dinossauro, localizada na área externa do Museu, 1995.; B – Uma das réplicas de dinossauro do jardim do Museu dos Dinossauros em Peirópolis, 2022. 60
Figura 24	A – Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price; B – Casa do Turista, 2019. 61
Figura 25	Estabelecimentos que fazem referência ao patrimônio paleontológico local (dinossauros), 2022. 62
Figura 26	Langerton Neves da Cunha. 62

LISTA DE GRÁFICOS

	Pág.	
Gráfico 01	Perfil dos participantes em Santa Rita: gênero.	66
Gráfico 02	Perfil dos participantes em Santa Rita: idade.	67
Gráfico 03	Perfil dos participantes em Santa Rita: escolaridade.	68
Gráfico 04	Perfil dos participantes em Peirópolis: gênero.	70
Gráfico 05	Perfil dos participantes em Peirópolis: idade.	71
Gráfico 06	Perfil dos participantes em Peirópolis: escolaridade.	72
Gráfico 07	Você já ouviu falar em fóssil?	74
Gráfico 08	Palavras associadas pelos entrevistados ao termo fóssil.	75
Gráfico 09	Existem fósseis pela região?	77
Gráfico 10	Na sua opinião, o fóssil é uma coisa importante?	79
Gráfico 11	Você tem alguma memória relacionada aos fósseis?	86

LISTA DE QUADROS E TABELAS

	Pág.	
Quadro 01	Sítios Históricos e Culturais do Geoparque Uberaba.	47
Quadro 02	Geossítios do Geoparque Uberaba.	49
Quadro 03	Categorização das temáticas.	92
Tabela 01	Quantidade de entrevistados em Santa Rita por local.	66
Tabela 02	Perfil dos participantes em Santa Rita: idade.	67
Tabela 03	Perfil dos participantes em Santa Rita: escolaridade.	68
Tabela 04	Quantidade de entrevistados em Peirópolis por local.	70
Tabela 05	Perfil dos participantes em Peirópolis: idade.	71
Tabela 06	Perfil dos participantes em Peirópolis: escolaridade.	72
Tabela 07	Termos da nuvem de palavras em números absolutos separados por localidade.	74
Tabela 08	Existem fósseis pela região?	77
Tabela 09	Na sua opinião, o fóssil é uma coisa importante?	78
Tabela 10	Você tem alguma memória relacionada aos fósseis?	86

SUMÁRIO

	Pág.
INTRODUÇÃO	1
Cap. 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
1 Patrimonialização, ressonância e encantamento	17
1.1 Patrimonialização	17
1.2 Patrimônio paleontológico	23
1.3 Ressonância e encantamento	34
Cap. 2 GEOPARQUE UBERABA	42
2 Caracterização do espaço: Geoparque Uberaba	43
2.1 Geossítio Santa Rita	54
2.2 Geossítio Peirópolis	57
Cap. 3 COMUNIDADE LOCAL: A RELAÇÃO COM OS FÓSSEIS	63
3 Comunidade local: a relação com os fósseis	64
3.1 Perfil dos entrevistados: Santa Rita	65
3.2 Perfil dos entrevistados: Peirópolis	69
3.3 A apreensão do patrimônio paleontológico: Santa Rita e Peirópolis	73
Cap. 4 MEMÓRIAS E LEMBRANÇAS: RESSONÂNCIA E ENCANTAMENTO	84
4 Memórias e lembranças: ressonância e encantamento	85
4.1 Memórias e lembranças	86
4.2 Ressonância e encantamento	91
4.3 Estratégias para a gestão do patrimônio a partir das relações de ressonância e encantamento	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICES	112
ANEXOS	118

“A minha avó conta muitas histórias, né? Mas... é... são realmente histórias. Que ela fala que... a mãe dela fala que quando era escrava, né? E eles mexiam nas terra pra poder é... arar as terras, daí realmente existiam, né? Que fala que uma vez ela contou que falou que acharam é... tipo... é... ossos de um rabo de um bicho muito grande, mas é coisa assim, que (...) é, histórias de família, nada foi comprovado.”

Dandara, moradora de Uberaba

INTRODUÇÃO

Estudos que se ocupam das dinâmicas existentes entre as comunidades locais e os patrimônios em seus espaços de vivência são cada vez mais frequentes¹. Nos últimos anos, diversas pesquisas ao redor do mundo foram desenvolvidas com esta preocupação, tendo variados temas em foco, como a opinião e percepção das comunidades sobre o patrimônio (Godinho; Solha, 2018; Nasrolahi *et al.*, 2019); a sua participação na preservação do patrimônio (Ranwa, 2021; Kanjou, 2021) e em atividades turísticas (Dragouni; Fouseki; 2018; Ab. Rahman *et al.*, 2021), entre outros.

Sem a pretensão de esgotar o tema, mas a fim de ilustrar a diversidade dos trabalhos, sublinha-se a pesquisa de Godinho e Solha (2018), que reflete sobre a percepção da comunidade quanto ao patrimônio edificado expresso em sua cidade (Diamantina), após o recebimento do título de Patrimônio Mundial²; o trabalho de Ab. Rahman *et al.* (2021), interessados na participação das comunidades locais nas atividades turísticas relacionadas ao patrimônio preservado na vila tradicional de *Camping Morten* (Malaca - Malásia), e o estudo de Kanjou (2021), focado na importância do papel das comunidades na preservação do patrimônio, e, neste caso específico, na reconstrução de um patrimônio cultural ameaçado (Síria).

Essa preocupação com as comunidades é bem-vinda, já que nem sempre foi assim. Jimura (2011), ao falar de Patrimônio Mundial, ressaltou que, na época, eram ainda poucos os trabalhos focados nas comunidades. No caso específico do patrimônio paleontológico, autores como Castro, Mansur e Carvalho (2015) apontaram a escassez de pesquisas interessadas nas comunidades locais existentes nas proximidades de lugares de preservação desse patrimônio. Tal quadro apresenta mudanças paulatinamente.

No contexto nacional, o Simpósio de Patrimônio Geológico pode servir como um termômetro para tais mudanças. Este é um evento que congrega profissionais oriundos de diversos campos do conhecimento, como geólogos, museólogos, paleontólogos, geógrafos e profissionais ligados à educação. Desde sua primeira edição, em 2011, percebe-se que há uma preocupação com as comunidades locais, mas ao longo dos anos, a temática da relação patrimônio/comunidades locais vem ganhando novos contornos.

¹ Em uma rápida pesquisa na base de dados *Web of Science*, com a combinação das palavras-chave *heritage* e *community* é possível notar este crescimento. Para ilustrá-lo, resalta-se que, em 2001, foram publicados e indexados na base 308 artigos sobre o tema; já em 2020 o total soma 1.258 artigos.

² Título concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) a sítios considerados de importância excepcional para a humanidade.

Embora muitos trabalhos ainda se refiram às comunidades locais para abordar a possível contribuição destes patrimônios e seus espaços de preservação para o desenvolvimento local, é possível notar, nas edições do evento, um movimento de trabalhos que colocam as comunidades no centro das investigações, buscando mapear e investigar as opiniões e percepções das comunidades, bem como os saberes e valores locais relacionados aos patrimônios geológico e paleontológico (Castro; Machado, 2013; Braga; Machado, 2013; Franco; Ruchkys, 2013; Sell; Figueiró; Borba, 2015; Soares *et. al.*, 2015; Castro; Carvalho, 2019).

Em pesquisa no Banco de Teses e Dissertações (BDTD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)³, nota-se que os trabalhos que buscam responder a questionamentos relacionados às comunidades locais, estão comumente voltados para atividades de geoconservação e geoturismo. Dentre as pesquisas recuperadas, somadas a outras de nosso conhecimento, destacamos aqui aquelas que focam na importância da participação das comunidades locais, seja para uma melhor preservação, gestão e/ou divulgação do patrimônio geológico e paleontológico.

São elas: “Geoconservação e musealização: a aproximação entre duas visões de mundo, os múltiplos olhares para um patrimônio” (Souza, 2009), “Diagnóstico para o uso geoturístico do patrimônio geológico de São José de Itaboraí - Itaboraí (Estado do Rio de Janeiro): subsídio às estratégias de geoconservação” (Santos, 2010), “Sítios paleontológicos, estratégias de geoconservação e geoturismo na Bacia de Sousa (Paraíba): potencial da área para se tornar um geoparque” (Santos, 2014), “O patrimônio geológico sob a perspectiva da população residente no município de Santana do Cariri, Ceará” (Castro, 2014), “Potencial para o geoturismo do município de Gurjão/PB a partir da avaliação de seus geossítios e da percepção da comunidade”, (Silva, 2015), e “Museologia Social: a relação museu-comunidade a partir das vozes que construíram e constroem o Complexo Cultural e Científico de Peirópolis” (Silva, 2019).

Considerando o exposto, um olhar voltado para a relação estabelecida entre comunidades locais e patrimônio paleontológico, utilizando as noções de ressonância e encantamento, apresenta não só pertinência, como também um novo prisma de abordagem.

³ As palavras-chave utilizadas foram: geoparque, patrimônio geológico, patrimônio paleontológico e comunidades locais.

De maneira geral, as iniciativas e estratégias voltadas para a preservação do patrimônio paleontológico, seja *in situ* ou *ex situ*, são mobilizadas pela comunidade acadêmica de geólogos e paleontólogos, tendo como base valorizações e critérios específicos, que levam em conta, por exemplo, a qualidade e raridade dos afloramentos e fósseis. Ainda que este ato legal traga benefícios do ponto de vista da preservação, é importante considerar, principalmente no caso dos patrimônios *in situ*, que ele não garante que este seja significativo para as comunidades locais e tampouco reconhecido por elas como patrimônio, o que pode resultar, muitas vezes, em conflitos e atitudes de descuido e descaso. A falta de diálogo com as comunidades locais pode resultar, em menor grau, na não preservação deste patrimônio (Castro; Mansur; Carvalho, 2015) e, em maior grau, em conflitos tais a ponto de as comunidades decidirem por impedir o acesso dos paleontólogos aos sítios e afloramentos, por exemplo (Ponciano *et al.*, 2011).

Tendo em vista esta realidade, alguns problemas surgem no horizonte: como este patrimônio é apreendido pelas comunidades locais? Quais são as relações estabelecidas? E como dimensioná-las? Esta pesquisa surge, portanto, a partir de inquietações sobre o relacionamento existente entre os fósseis institucionalizados como patrimônio paleontológico e as comunidades locais, que convivem cotidianamente com este patrimônio, bem como as possíveis consequências desta relação. Em particular, aquele preservado através da iniciativa de geoconservação conhecida como geoparque, lugar *a priori* propício para investigar a relação entre comunidades locais e patrimônio, uma vez que a participação das comunidades locais é colocada como essencial em tais espaços, tanto pela Rede Mundial de Geoparques quanto pela Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP).

Em linhas gerais, a proposta é pensar o dimensionamento desta relação a partir de duas noções cunhadas por Stephen Greenblatt (1991), e já empregadas pela museologia e patrimoniologia: ressonância e encantamento. Além disso, pretende-se pensar sobre a proficuidade do uso de tais noções para a preservação do patrimônio, através de novas perspectivas e estratégias com foco na relação. Se, por um lado, a complexidade dos vínculos estabelecidos entre pessoas e patrimônios não permite chegar a resultados universais sobre os tipos de relações existentes, por outro, o uso das noções de ressonância e de encantamento nos permite vislumbrar possibilidades de mensurá-las para melhor compreendê-las; o que resulta, portanto, em um potencial de uso em outros contextos, sendo útil para a compreensão de uma realidade tão complexa.

Sendo as sim, são hipóteses deste trabalho:

- (1) As comunidades locais estabelecem múltiplas relações com os fósseis institucionalizados como patrimônio paleontológico;
- (2) As noções de ressonância e encantamento contribuem para o entendimento e dimensionamento das relações estabelecidas entre pessoas e patrimônios;
- (3) Conhecer o tipo de relação estabelecida torna possível pensar em estratégias para a gestão, proteção e comunicação do patrimônio paleontológico, com foco na comunidade local;

A partir dessas hipóteses, o objetivo geral desta tese é analisar as relações estabelecidas pela comunidade local com os fósseis institucionalizados como patrimônio paleontológico através das noções de ressonância e encantamento.

Já os objetivos específicos são:

- (1) Identificar e discutir conceitos e teorias para pensar patrimônio, patrimônio paleontológico e as relações estabelecidas entre patrimônio e comunidades locais;
- (2) Caracterizar as relações estabelecidas entre comunidades locais e os fósseis patrimonializados;
- (3) Classificar as relações estabelecidas por comunidades locais com os fósseis institucionalizados como patrimônio paleontológico através das noções de ressonância e encantamento.

É importante ressaltar que nenhuma comunidade pode ser encarada como estável ou isenta de conflitos de opinião (Goodey, 2002). Sendo assim, é importante retomar a ideia de que nem tudo aquilo legitimado por uma instituição legal como patrimônio é reconhecido como tal pela população.

Para melhor analisar este ponto de vista, a área de estudo escolhida para a pesquisa foi o Geoparque Uberaba: Terra de Gigantes. Este geoparque, ainda em fase de desenvolvimento, ocupa uma área de 4.523.00 km², totalizando toda a extensão do município. São signatários, a Prefeitura de Uberaba, a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFMTM), a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Os sítios que formam o geoparque valorizam três aspectos importantes da cidade: a paleontologia, a pecuária zebuína e a religiosidade espírita. São quatro os principais sítios inaugurados até o momento: (1) Geossítio Peirópolis, cuja estrutura é anterior ao geoparque - sua inauguração como parte do Geoparque Uberaba ocorreu em 2018, (2) Geossítio Santa

Rita, inaugurado em 2020, (3) Sítio histórico e cultural ABCZ, inaugurado em 2018, cuja estrutura também é anterior ao geoparque, e (4) Sítio histórico e cultural Memorial Chico Xavier, inaugurado como parte do geoparque em 2018. Peirópolis e Santa Rita são os dois principais sítios de interesse para a paleontologia, e, por isso, foco do trabalho de campo desta tese.

O Geoparque Uberaba possui dois fatores relevantes que justificam sua escolha como área de estudo: importância científica e importância sociocultural. Do ponto de vista científico, ele abarca uma importante feição geológica: a Bacia Bauru, com relevante pacote sedimentar do Cretáceo brasileiro, ocupando a maior parte do Planalto Ocidental Paulista, se estendendo também ao Triângulo Mineiro, sul de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Ribeiro; Carvalho, 2009). Sua importância reside na grande relevância das suas rochas altamente fossilíferas (Suárez, 2002), o que justifica as iniciativas para sua proteção por parte dos geocientistas. Em relação às comunidades locais, o espaço se torna interessante por ser um geoparque ainda em desenvolvimento. Em 2022, seu dossiê de candidatura foi enviado à Rede Mundial de Geoparques, iniciativa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), se tornando um Geoparque Aspirante⁴.

O trabalho se vincula a Linha 2 – Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento. A pesquisa está atrelada ao projeto da professora Dra. Deusana Maria Machado: Patrimonialização e musealização da geodiversidade e da biodiversidade como processos de apreensão e de conservação do meio ambiente pela sociedade, que propõe identificar e avaliar a potencialidade patrimonial da geodiversidade e da biodiversidade, principalmente em Áreas de Proteção, bem como melhorar ou propor sua musealização, visando uma melhor apreensão da importância patrimonial e conservação da geodiversidade e biodiversidade e sua inter-relação com a pluralidade cultural da sociedade.

Os procedimentos metodológicos foram divididos em etapas que se mesclaram ao longo da pesquisa:

- (1) Leitura e análise da bibliografia especializada.
- (2) Trabalho de campo.
- (3) Elaboração e Planejamento de Entrevistas.
- (4) Análise, Interpretação e Discussão dos dados.

⁴ Em julho de 2023, o Geoparque Uberaba recebeu a visita de avaliadores da UNESCO.

A etapa de leitura de textos de embasamento teórico focou na escolha e no debate dos conceitos abordados ao longo da pesquisa, como patrimônio, patrimônio paleontológico, ressonância e encantamento. Também englobou a consulta a trabalhos já publicados sobre o Geoparque Uberaba, nomeadamente artigos, teses e dissertações. Dentre os autores escolhidos para embasar esse trabalho destaca-se: Brilha, (2005; 2015), Choay (2017), Davallon (2014), Desvallées; Mairesse (2013), Gonçalves (2007a, 2007b, 2007c, 2013a, 2013b), Greenblatt (1990,1991), Ponciano *et al.* (2011) e Zanirato (2018).

A etapa de Trabalho de Campo serviu para verificar, na prática, a aplicabilidade das noções de ressonância e encantamento para o dimensionamento da relação entre comunidades locais e patrimônio, especificamente, neste caso, o patrimônio paleontológico. Estruturou-se essa etapa em três pontos: (1) consulta de fontes atuais sobre o Geoparque Uberaba de modo geral, os geossítios e o município, como matérias veiculadas em jornais e revistas, além de notícias oficiais veiculadas pelo próprio geoparque e prefeitura, (2) observação, em viagens de campo aos geossítios selecionados, de maneira a permitir uma maior compreensão do pesquisador sobre as localidades e (3) entrevistas semiestruturadas com membros das comunidades locais.

Em outubro de 2019 foi feita a primeira visita ao Geossítio Peirópolis, de maneira a conhecer o espaço e analisar as possibilidades para a realização da pesquisa. Na ocasião, foram visitados o Museu dos Dinossauros, o Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price e o sítio de escavação Caieira. Além de registros fotográficos, foram realizadas conversas informais com moradores, guias do museu, trabalhadores do centro de pesquisa e donos de estabelecimentos. Como resultado dessa visita, confirmou-se a viabilidade em realizar a pesquisa tendo o Geoparque Uberaba como espaço para o trabalho de campo. O Geossítio Santa Rita ainda não havia sido inaugurado.

Em março de 2020, a situação ocasionada pela pandemia do Coronavírus – Covid 19, em nível nacional e internacional, resultou em diversas medidas restritivas de circulação de pessoas, com fins de tornar a propagação do vírus mais lenta. Esta situação de exceção se manteve ao longo de 2020, com breves momentos de flexibilidade nas medidas. Em 2021, apesar do início da campanha de vacinação, a situação ainda inspirava cautela. Tal cenário trouxe, sem dúvidas, complicadores para a pesquisa.

As atividades de leitura e análise da bibliografia especializada, bem como as de acompanhamento de notícias veiculadas sobre o geoparque, não sofreram impactos

diretos relacionados a pandemia do novo Coronavírus. Porém, as etapas de observação e entrevistas foram severamente afetadas, e precisaram ser adaptadas para a nova situação. Sendo assim, as visitas programadas para o ano de 2020 e 2021 não foram realizadas. Além dos riscos sanitários envolvidos, a circulação de pessoas nos espaços do geoparque foi constantemente restringida neste período.

Como uma forma de mitigar os impactos sofridos pela pandemia, foram realizadas conversas de forma remota com figuras chave para a criação, elaboração e desenvolvimento do Geoparque Uberaba, ligadas principalmente aos espaços onde há presença de patrimônio paleontológico. As interlocuções foram conduzidas ao longo de abril de 2021 com a participação de: Luiz Carlos Borges Ribeiro, geólogo cuja tese já vislumbrava a criação de um geoparque em Uberaba; Bethoveen Luiz Teixeira, presidente da Associação de moradores de Peirópolis, envolvido com a criação do Museu dos Dinossauros, fundado antes da criação do Geoparque Uberaba, e Rodolfo Nogueira, paleoartista responsável pela identidade visual do projeto do geoparque e pelas esculturas expostas no Geossítio Santa Rita. Tais conversas permitiram uma aproximação maior com campo, sendo primordiais para o refinamento das hipóteses de pesquisa bem como para a construção da primeira versão do guia semiestruturado.

Felizmente, com o avanço da vacinação da população e o relaxamento das medidas de isolamento, foi possível realizar todas as entrevistas na modalidade presencial, entre março e abril de 2022.

Sobre as entrevistas, cabe detalhar o planejamento para sua execução e análise dos dados. É importante ressaltar que entrevistas são consideradas um método qualitativo para a obtenção de dados de pesquisa, e a escolha por este método está diretamente relacionada com a complexidade do objeto investigado (no caso da presente pesquisa, a relação). A entrevista permite uma maior liberdade de resposta dos participantes, ao contrário de instrumentos de coleta de dados com respostas pré-prontas, como questionários (Rego; Pina e Cunha; Meyer Júnior, 2018). Nas palavras de Minayo (2008, p. 262) as entrevistas nos permitem obter informações:

que tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia e a que os cientistas sociais costumam denominar “subjetivos” e só podem ser conseguidos com a contribuição da pessoa. Constituem uma representação da realidade: ideias, crenças, maneiras de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; maneiras de atuar; condutas; projeções para o futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos (Minayo, 2008, p. 262).

Isto posto, é preciso tomar decisões sobre a quantidade de pessoas a serem entrevistadas (N). Esta é uma questão muito discutida na literatura (Dworkin, 2012;

Malterud; Siersma; Guassora, 2016; Minayo, 2017; Rego; Pina e Cunha; Meyer Junior, 2018). Sobre este tópico é importante ter em mente que o número por si só não é o mais relevante, visto que, em casos muito extremos por exemplo, apenas um entrevistado pode ser o suficiente, já em outros casos, pode ser necessário entrevistar o mesmo grupo de pessoas várias vezes; tais escolhas dependem do objetivo da pesquisa, da facilidade de acesso ao grupo que será entrevistado, dentre outras condições. É importante, portanto, que o pesquisador justifique e fundamente suas escolhas, deixando claro para o leitor não só os passos tomados, como as dificuldades enfrentadas no processo (Rego; Pina e Cunha; Meyer Junior, 2018).

A maneira mais comum de justificar o número de entrevistados é através do conceito de saturação dos dados: a partir de um determinado número de entrevistas as respostas começam a se repetir, o que significa que não há mais novas informações a serem coletadas (Dworkin, 2012). Apesar de ser amplamente utilizada, muito se discute sobre o quanto de fato a ideia de saturação é útil para nortear o número de entrevistados, ou ainda se existem determinadas pesquisas em que essa ideia não se aplica (Minayo, 2017).

Percebe-se que são muitas as nuances envolvidas no processo, e, ainda que possa ser problemático escolher um número de entrevistados *a priori* (Minayo, 2017), é útil pensar em um N mínimo para a pesquisa, aumentando o número de entrevistados caso seja necessário e possível (Rego; Pina e Cunha; Meyer Junior, 2018). A escolha do número de entrevistados deve ser norteadada pelos seguintes elementos: (1) a pergunta de pesquisa/objetivo do estudo, (2) o nível de especificidade da amostra, (3) a existência ou não de um referencial teórico, (4) a experiência do pesquisador nesse tipo de estudo, (5) a qualidade do diálogo com os entrevistados, (6) as limitações de recursos disponíveis e (7) a estratégia de análise (Malterud; Siersma; Guassoura, 2016; Minayo, 2017).

No caso específico desta pesquisa o cenário se configura da seguinte maneira: (1) a pergunta de pesquisa se posiciona entre os polos ampla e estreita; (2) a especificidade da amostra também se situa em uma posição intermediária, visto que o principal requisito de especificidade é geográfico, se restringindo aos moradores e trabalhadores dos bairros onde os geossítios então situados - logo, esta não é uma amostra altamente específica e homogênea, podendo apresentar inclusive um alto grau de heterogeneidade entre os entrevistados; (3) o referencial teórico é estabelecido, ainda que a aplicação proposta neste estudo seja inovadora, ou seja, as entrevistas não servirão de base para propor uma nova teoria, mas sim contribuirão para novos desdobramentos de uma teoria já existente; (4) o pesquisador que

conduzirá as entrevistas não tem experiência neste tipo de estudo, o que pode resultar em um maior número de entrevistas-teste, podendo ocasionar, também, em um alargamento da amostra; (5) quanto a qualidade do diálogo, poderiam ser notadas perdas, caso as entrevistas fossem feitas de forma remota, visto que a falta do contato *in loco* pode resultar em dificuldades de se estabelecer uma conexão entre entrevistador e entrevistado, bem como em entrevistados com posturas mais reticentes ao diálogo; (6) as limitações de recurso estão relacionadas principalmente à pandemia, com potencial impacto negativo na amostra e condução das entrevistas e (7) a estratégia selecionada para a análise das entrevistas é a análise de conteúdo, e o tempo é o principal complicador, uma vez que as entrevistas foram realizadas somente em 2022.

Considerando os itens que precisam ser levados em conta, estabeleceu-se como meta inicial N=20 a 30 entrevistados em cada um dos geossítios (Peirópolis e Santa Rita), o que resultaria N=40 a 60, no total. Esse número é considerado uma amostra grande (Rego; Pina e Cunha; Meyer Junior, 2018), e justificada pela heterogeneidade dos entrevistados, pela inexperiência do pesquisador na condução de entrevistas, e pela possibilidade inicial de realização das entrevistas de forma remota. É importante lembrar que este N é o número mínimo de entrevistados; pode ser ampliado, caso haja necessidade e oportunidade, ou reduzido, caso surja algum problema durante a execução das entrevistas. Os itens que norteiam a escolha do N devem ser revisitados durante todo o processo de execução das entrevistas, de maneira a proporcionar uma dose de flexibilidade e readequação (Malterud; Siersma; Guassoura, 2016).

O instrumento de pesquisa é formado por duas partes. A primeira contém perguntas de cunho socioeconômico (sexo, gênero, idade, escolaridade e profissão/ocupação) e tem por finalidade obter dados gerais sobre a comunidade pesquisada de forma a conhecê-la melhor em aspectos que, de alguma forma, possam estar relacionados às opiniões expressas pelos entrevistados. A segunda parte, inclui as sete perguntas mais diretamente relacionadas ao objetivo da pesquisa (Apêndice C).

Na segunda parte, as duas primeiras, a saber, “Há quanto tempo você trabalha/mora em Peirópolis/Santa Rita?” e “Fale um pouco sobre Peirópolis/Santa Rita”, servem como uma primeira aproximação com os participantes, e objetivam deixá-los mais à vontade perante os pesquisadores, ao falar de modo geral sobre os bairros Santa Rita e Peirópolis. Ainda assim, durante a condução das entrevistas, percebeu-se a dificuldade de muitos entrevistados em falar livremente, sendo

necessário um estímulo dos pesquisadores através de proposições mais específicas, como: “aqui é um lugar tranquilo, por exemplo?” ou “o movimento é mais durante o dia ou à noite?”

A seguir, as próximas perguntas buscavam uma aproximação mais direta com o problema de pesquisa, ao tratar diretamente dos fósseis, são elas: “Você já ouviu falar em fóssil?”, “Quando eu falo a palavra fóssil, o que vem a sua mente?” e “Existem fósseis aqui em Peirópolis/Santa Rita?”. A primeira pergunta tinha por objetivo compreender o quanto o termo era conhecido pelos participantes, ainda que vagamente. Algumas estratégias foram planejadas caso o entrevistado manifestasse não saber o que são fósseis. Nesse caso, o termo era substituído por dinossauros - visto que muitas das descobertas de Uberaba estão relacionadas aos dinossauros - e/ou pela expressão “restos de animais e plantas encontrados em rochas ou pedras”. A pergunta seguinte tinha por finalidade investigar o que seriam fósseis para os participantes, buscando associações rápidas, e, por fim, a última pergunta buscava saber se os participantes relacionavam essa palavra de alguma maneira às localidades pesquisadas.

Por fim, as duas últimas perguntas buscavam obter informações mais diretas sobre a relação estabelecida pelos participantes com os fósseis: “Em sua opinião, fóssil é uma coisa importante? Por quê?” e “Você tem alguma memória/lembrança relacionada aos fósseis?”. O objetivo desta última pergunta era inferir, através de memórias e histórias de vida, sobre a relação estabelecida pelos entrevistados com os fósseis. Ao encerrar as entrevistas, os pesquisadores optaram por deixar um espaço aberto para que os entrevistados acrescentassem alguma informação que julgassem importante, mas que não tenham tido oportunidade de dizer durante as respostas anteriores.

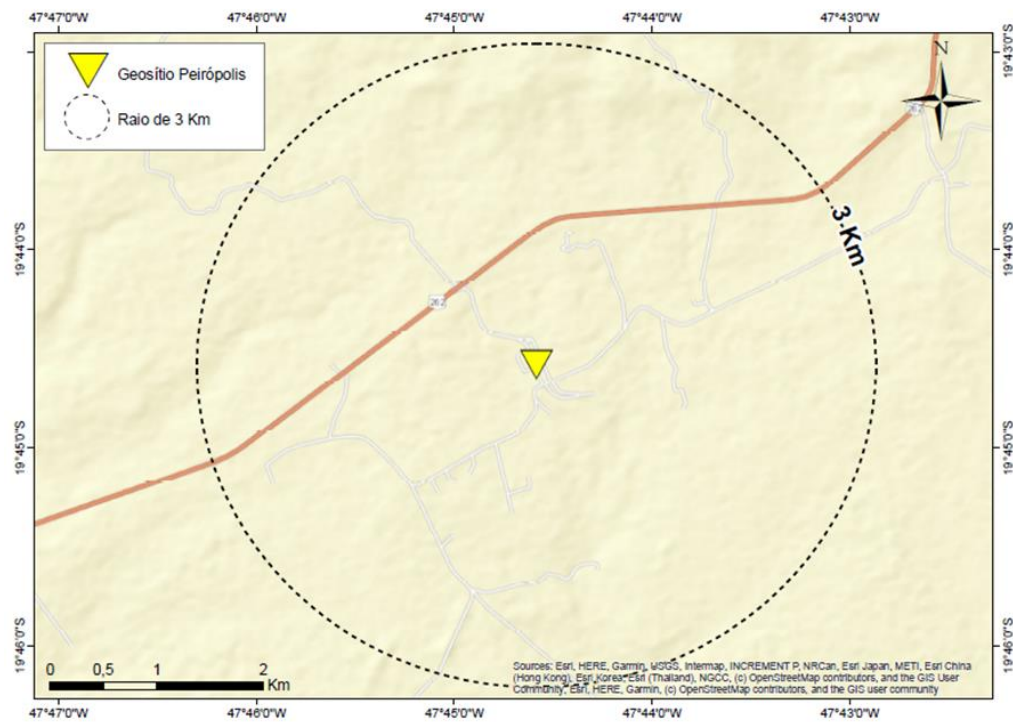
A coleta de dados concentrou-se nos arredores dos dois principais geossítios de interesse para a paleontologia: Peirópolis e Santa Rita; ou seja, os participantes são das comunidades locais vizinhas ao geossítios selecionados. Como método para delimitar a abrangência geográfica das entrevistas, foi utilizado o conceito de *buffer zones* (zonas de amortecimento), que define qual é a área circundante de uma Unidade de Conservação. Segundo a resolução nº 428 de 2010, do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA) esta área corresponde a uma faixa de 3 km em casos nos quais não haja plano de manejo que especifique uma delimitação precisa (Beiroz, 2015). No Geossítio Santa Rita, este raio de 3km compreende majoritariamente ao centro da cidade, onde se concentrou a maioria das entrevistas. Já no Geossítio Peirópolis, o raio engloba toda a extensão do bairro rural.

Figura 01. Raio de 3km a partir do Geossítio Santa Rita.



Elaborado por: Ribeiro, Rafael, 2020.

Figura 02. Raio de 3km a partir do Geossítio Peirópolis.



Elaborado por: Ribeiro, Rafael, 2020.

O projeto foi submetido para apreciação ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) da Unirio em 07 de dezembro de 2021, e foi aprovado no Parecer nº 5.861.947, em 09 de fevereiro de 2022 (Anexo A).

Com a aprovação do projeto pelo CEP, iniciou-se a etapa de entrevistas com a comunidade local. Foram entrevistadas ao todo 60 pessoas, 30 nas proximidades de cada geossítio, entre março e abril de 2022, durante 15 dias. A primeira entrevista foi realizada em 23 de março de 2022 e a última em 03 de abril de 2022. A maioria das entrevistas foi feita durante o dia/horário comercial e algumas poucas foram realizadas no período noturno, com trabalhadores da região.

Cabe uma breve incursão sobre o conceito de comunidade local. Comunidades são, em uma definição simples, grupos de pessoas que partilham um determinado aspecto de suas vidas (GOODEY, 2002). Podem ser pessoas que habitam o mesmo lugar, compartilham a mesma profissão, possuem a mesma crença, entre outros. Nesse sentido, as comunidades podem acumular diversos adjetivos. Comunidade urbana, industrial, profissional, estudantil etc.

Enquanto algumas comunidades não estão atreladas a territórios, outras têm sua união vinculada ao compartilhamento de um lugar físico, são as chamadas comunidades locais. Tendo como pré-requisito o fato de compartilharem um mesmo território, os principais aspectos que caracterizam uma comunidade local são:

1. Um grupo mutável de pessoas que compartilha um território conhecido – um vilarejo, um prédio de apartamentos, uma rua etc.;
2. Um padrão de uso do solo, determinados marcos, símbolos, nomes e percepções que estabelecem uma geografia particular do lugar;
3. Um conjunto de opiniões compartilhadas – em geral parcialmente – sobre como a área e sua população devem ser administradas;
4. Uma visão parcialmente explicitada e compartilhada sobre como a região poderá vir a ser no futuro, para além do tempo de vida da população que hoje nela existe;
5. Uma convicção de que a maioria dos esforços físicos e financeiros oriundos daquela região deveriam ser aí investidos em infraestrutura e serviços público;
6. Certa relutância em aceitar gente de fora (visitantes ou imigrantes) e mudanças (novas estradas ou desenvolvimentos) que impliquem em uma modificação significativa no estilo de vida local.

(Goodey, 2002, p.48-49)

No que tange à abordagem dos participantes, foram combinadas três diferentes estratégias: a participação através do intermédio de associações, como a Associação dos Amigos do Sítio Paleontológico de Peirópolis, no bairro Peirópolis, e a Associação dos Artesãos da Uberaba - Uberaba Feita a Mão, no bairro Santa Rita; a abordagem

direta em espaços públicos de grande circulação de pessoas, como praças, arredores de igrejas, mercado municipal e biblioteca municipal, por exemplo; e por fim, indicação, ou seja, alguns entrevistados indicaram pessoas de seu conhecimento/círculo, que gostariam de contribuir para a pesquisa.

Durante a abordagem inicial, os pesquisadores se apresentavam, bem como o objetivo da pesquisa. Algumas das pessoas abordadas ficavam em dúvida sobre participar ou não da pesquisa, desejando consultar familiares e/ou cônjuges antes de aceitar o convite; neste caso, os pesquisadores deixavam uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um cartão para contato (Apêndice B).

Ao concordar em participar, era entregue aos participantes o TCLE, para leitura e assinatura (Apêndice A). Após a leitura do termo, as dúvidas eram sanadas e o as entrevistas iniciadas, seguindo o roteiro de entrevistas (Apêndice C).

As entrevistas foram conduzidas da seguinte maneira: eram propostas as perguntas, com pequenas diferenças nas proposições a depender das respostas dos participantes, vide esquema no Apêndice C. Nesta fase, o áudio das perguntas e respostas foram registrados com o auxílio da funcionalidade de gravador do aparelho de celular. Para cada entrevistado foi atribuído um número, de maneira a manter sua identidade em sigilo, ou seja, as entrevistas realizadas nos arredores do Geossítio Santa Rita vão de 1ST a 30ST, e as de Peirópolis foram numeradas de 1P a 30P.

Para a etapa de análise das entrevistas, o principal guia foi a obra *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin (2011). A análise de conteúdo é um método que permite obter inferências sobre determinados assuntos a partir das falas dos entrevistados; e, nas palavras da autora: “Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade” (Bardin, 2011, p.15).

O primeiro passo dessa etapa foi a transcrição das 60 entrevistas. O processo foi parcialmente automatizado com o auxílio do aplicativo CapCut para celular. O aplicativo legendou as entrevistas, acelerando a digitação. Em seguida, as entrevistas foram ouvidas novamente para a correção de possíveis erros causados pela legendagem automática. Sobre as transcrições, cabe detalhar que: (1) buscou-se manter a maneira de falar dos entrevistados, em detrimento das regras da norma culta, (2) as reticências foram utilizadas para indicar hesitações, pausas e falas não concluídas, (3) as sobreposições de fala entre pesquisadores e entrevistados foram redigidas como falas separadas, de modo a manter a compreensão da leitura e (4) trechos ininteligíveis e interrupções foram indicados entre colchetes. Um exemplo de transcrição pode ser visto no Anexo B.

A seguir foi feita a tabulação e análise das respostas, com o auxílio do programa Microsoft Excel. Foram efetuados procedimentos específicos para cada pergunta, que serão detalhados nos Capítulos 3 e 4. Por fim, cabe ressaltar que, para fins de fluência de leitura, no texto da tese atribuiu-se nomes fictícios a cada participante cuja fala é mencionada; optou-se por utilizar somente nomes iniciados pela letra D, em referência aos dinossauros da região.

A tese está estruturada da seguinte maneira: Introdução, onde são apresentadas as ideias gerais desenvolvidas na tese, com uma explanação dos caminhos percorridos na pesquisa, metodologia e, também, a estrutura do documento; Capítulo 1 – Fundamentação Teórica, neste capítulo são trabalhados os conceitos de patrimônio, de maneira ampla, e patrimônio paleontológico de maneira específica. São também discutidos os conceitos de ressonância e encantamento, suas origens e aplicações na museologia; Capítulo 2 – Geoparque Uberaba, dedicado ao Geoparque, sua história, momento atual, e contextualização dos sítios Peirópolis e Santa Rita, focos da pesquisa de campo; Capítulo 3 – Comunidade Local: a relação com os fósseis, cujo enfoque é na caracterização do perfil da comunidade entrevistada, descrição e análise das respostas dadas às perguntas propostas; Capítulo 4 – Memórias e Lembranças: ressonância e encantamento, que analisa em especial a relação dos entrevistados com o patrimônio paleontológico; e Considerações Finais, onde são tecidos comentários gerais sobre a pesquisa e indicados caminhos futuros.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1 Patrimonialização, ressonância e encantamento

A pesquisa tem dois principais eixos teóricos: patrimônio, com atenção particular ao patrimônio paleontológico, e as noções de ressonância e encantamento e seu uso no campo da museologia e patrimônio. A articulação desses dois eixos é o norte para a pesquisa de campo e análise e discussão dos dados.

1.1 Patrimonialização

Falar sobre patrimônio significa, em linhas gerais, falar sobre o risco de perda de determinado bem ou manifestação cultural e a vontade e/ou necessidade de preservação (Desvallées; Mairesse, 2013). Porém, ao longo do tempo, várias camadas conceituais e práticas foram dando ao termo conotações particulares, tornando-o cada vez mais complexo. De fato, sua ampla circulação nos mais diferentes contextos - acadêmicos e sociais - fez com ganhasse múltiplos e variados sentidos (Gonçalves, 2013a).

É palavra usada quotidianamente, desde o âmbito jurídico, para se referir, por exemplo, a um montante acumulado (patrimônio de uma empresa, família, etc.) até o âmbito cultural, para se referir a bens, manifestações e memórias que devam ser preservados. O primeiro significado da palavra patrimônio remonta ao direito romano, sendo, neste contexto, o conjunto de bens a serem herdados por alguém (Desvallées; Mairesse, 2013), nascendo posteriormente outras acepções, por analogia, dentre elas, a noção de patrimônio cultural.

Sendo uma palavra com variados “contornos semânticos” (Gonçalves, 2007a, p.115), falar em patrimônio torna-se adentrar em um “labirinto de significados” (Batalla, 2003, p. 58), e, por isso, tentar determinar uma só acepção para o termo é recurso ilusório, já que diferentes significados são atribuídos em diferentes momentos (Hartog, 2013). Em suma, patrimônio “Não é algo natural, nem eterno, nem estático” (Zanirato, 2018, p. 10). Logo, as considerações aqui tecidas sobre patrimônio, objetivam delinear este termo, mas não com fins de chegar a uma única compreensão, definitiva.

Nesse percurso, são apresentados primeiramente alguns apontamentos históricos sobre patrimônio, em seguida adentra-se nas concepções e debates da museologia sobre patrimonialização e, por fim, serão apresentados alguns conceitos da antropologia que contribuem para imaginar outras possibilidades de vivências e experiências patrimoniais.

Os marcos históricos aqui apresentados giram em torno das políticas europeias para o patrimônio. Se por um lado é evidente que cada país possui sua história

particular no que diz respeito aos debates conceituais sobre patrimônio, bem como sobre suas políticas patrimoniais, por outro, é fato que boa parte mundo, incluindo a América Latina, se espelhou nas experiências europeias para pautar suas práticas; no Brasil, por exemplo, as experiências francesas são particularmente importantes (Batalla, 2003; Rocha; Reis e Cunha, 2019).

Um primeiro ponto a ser observado é a gênese do modelo institucional de patrimônio. Nesse sentido, Françoise Choay (2017) e François Hartog (2013) apontam que, para a historiografia ocidental, a Revolução Francesa representa o principal marco. A importância desse período reside na ruptura com o pensamento predominante até então, que se baseava centralmente na noção de monumento. Estes, históricos ou artísticos, eram articulados e valorizados pela sua importância de testemunho, sendo representantes de um passado – comumente idealizado – que findou. Os monumentos remetem, então, à antiguidade clássica, período representado principalmente pela Grécia e Roma (Hartog, 2013; Choay, 2017).

No contexto da Revolução, patrimônio surgiu para designar tudo aquilo que era bem de uma nação, aos quais se poderiam aplicar procedimentos de conservação, visando sua transmissão para outras gerações, carregando, portanto, um sentido de herança, que não estava necessariamente presente na noção de monumento. Para Hartog (2013, p. 197), esta ideia surge não apenas por fatores como o crescimento da prática de colecionismo ou dos estudos de restauração, mas também por uma percepção, acentuada pela Revolução, “de que algo (objeto, monumento, sítio, paisagem) desapareceu ou está a ponto de desaparecer do horizonte”.

Criaram-se então instrumentos para selecionar os bens a serem protegidos. E é posto em debate a questão do valor, crucial até os dias atuais. Nesse período histórico, de formação dos Estados-Nação, havia a necessidade de unir populações sob uma única bandeira, de unificá-las como um grupo pertencente a determinado limite geográfico, que compartilhava certas características culturais⁵. Torna-se importante, assim, selecionar quais bens deveriam ser preservados e quais aspectos da nação deveriam enaltecer, o que reflete em uma certa homogeneização de significados, onde determinados bens e valores são exaltados em detrimento de

⁵ Cabe destacar que nesse processo foram acionados discursos em relação as nações europeias que as colocavam como defensoras da liberdade e da civilização. Tais discursos serviam para justificar e legitimar o saque de bens de outros países e sua incorporação em museus europeus (Hartog, 2013). Nesse cenário patrimônio é, também, espólio.

outros⁶. Outra questão que se torna central é a tutela do Estado e sua posição de autoridade, através de instrumentos legais, para nomear patrimônios.

Em suma: ao mesmo tempo que a ideia de patrimônio como bem da nação, que deve protegido por todos, traz em seu discurso a ampliação do direito de acesso a esses bens, retirando-os de um círculo de fruição restrito apenas a iniciados (bibliotecários, historiadores, eclesiásticos, pintores, naturalistas, entre outros), ainda restringe, preponderantemente, aos especialistas (incluindo o Estado) o poder de valorar e nomear patrimônios⁷.

Em um salto temporal, chegamos ao segundo principal marco histórico, representado pelas atividades da UNESCO. A UNESCO foi fundada em 1945, em um cenário pós segunda-guerra mundial; período de uma tomada de consciência sobre a efemeridade do mundo e das coisas do mundo, mencionada por Hartog (2013). Nesse cenário, a organização exerce um papel de protagonismo, através de suas convenções internacionais dedicadas a amparar a tutela dos patrimônios nos países signatários (Scifoni; Ribeiro, 2006).

As ações da UNESCO refletiram em pontos de virada na proteção do patrimônio devido ao seu alcance, servindo de base para políticas públicas nos seus países membros. As atividades da organização também contribuíram fortemente para o alargamento do entendimento sobre o que poderia ser considerado como patrimônio e quais os valores a serem atribuídos. Nesse quesito, são especialmente importantes a Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, de 1972, que insere, pela primeira vez, a natureza como patrimônio a ser protegido, e, mais recentemente, em 2003, a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (Hartog, 2013).

Um dos reflexos das convenções da UNESCO e das políticas públicas desenvolvidas pelos países signatários foi a crescente adjetivação do termo patrimônio. Para Choay (2017), esta grande gama de qualificações faz com que patrimônio seja um conceito nômade, visto que, ao transitar por tantos polos, assume contornos específicos a depender de suas adjetivações. Fato é que o termo patrimônio tem, hoje, uma existência para além das disciplinas com as quais estava tradicionalmente vinculado, nomeadamente as artes e a história (Hartog, 2013), adentrando no domínio de áreas como a geologia, a biologia, a biblioteconomia, dentre

⁶ No contexto da Revolução Francesa, inclusive, debateu-se muito sobre a preservação ou não dos bens que outrora foram posse dos monarcas (Hartog, 2013).

⁷ Choay (2017, p. 99) destaca que a comissão responsável pela seleção dos patrimônios na Constituinte de 1798 era composta por especialistas e cidadãos comuns.

outras; fala-se, então, em patrimônio geológico, genético, documental, etc. Desvallées e Mairesse (2011, p. 437) sintetizam a questão ao afirmar que “no limiar do século XXI, patrimônio tornou-se, virtualmente, tudo o que um grupo decide intitular como tal”⁸.

Chega-se, assim, na problemática da patrimonialização. Em uma definição simples, patrimonialização pode ser entendida como “os mecanismos de constituição e extensão do patrimônio” (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 75). São, portanto, as etapas e procedimentos a serem executados para que algo possa ser enunciado, formalmente, como patrimônio. O pesquisador Jean Davallon (2014) estrutura o processo de patrimonialização em três momentos:

- (1) o interesse em relação a um bem por parte de uma coletividade ou grupo social, formado por número mais ou menos grande de pessoas, com alguma organização; sendo, pois, um certo sentimento/percepção/reconhecimento sobre o valor deste bem, ainda que não tenha sido efetuada uma determinação precisa dos seus valores;
- (2) a produção de saber sobre este bem e sua origem e;
- (3) a declaração formal, que confere ao bem o *status* de patrimônio; o formato dessa declaração formal pode variar, a depender dos dispositivos legais (jurídicos e administrativos) disponíveis, podendo ser representado também pela inclusão em uma lista, como as da UNESCO.

A conclusão dessas etapas gera, por sua vez, obrigações, quais sejam: proteção, que implica em conservação e salvaguarda; disponibilização de acesso para todos aqueles a quem o patrimônio pertence, de maneira que a coletividade possa se beneficiar da existência deste; e transmissão para gerações futuras (Davallon, 2014).

É possível afirmar, então, que patrimonializar demanda um ato de vontade protagonizado por diversos atores, como agências de Estado, especialistas de uma determinada área do conhecimento (paleontólogos, arquitetos, historiadores, entre outros) ou sociedade civil (por meio de associação de moradores, por exemplo) que, através da documentação e valoração do bem a ser patrimonializado, inicia um processo que culmina em um determinado respaldo legal, resultando, portanto, em um patrimônio institucionalizado.

⁸ "Au seuil du XXIe siècle, le patrimoine est virtuellement devenu tout ce qu'un groupe décide d'intituler de la sorte" (Desvallées; Mairesse, 2011, p. 437).

Porém, é imprescindível não esquecer que o patrimônio é uma construção social, permeada de consensos e conflitos (Tolentino, 2016), e em constante negociação. Admitir a necessidade de negociação significa admitir também possíveis diferenças entre os valores atribuídos ao patrimônio pelo poder público, pelos especialistas e pela sociedade, de um modo geral. Por isso, o ideal seria a participação dessas três instâncias em processos de patrimonialização, em todas as suas etapas, desde a identificação até sua difusão (Zanirato, 2018); uma conjunção do conhecimento especializado (da geologia, da arquitetura, da arte etc.) com o conhecimento daquelas pessoas que possuem outras vivências relacionadas àquele patrimônio (Goodey, 2002). Dessa forma, a comunidade de especialistas e o Estado deslocam-se do tradicional papel de mais aptos a valorar patrimônios, e assumem um papel de agente, que oferece uma interpretação que é posta em diálogo com outras interpretações existentes (Rocha; Reis e Cunha, 2019).

Isto posto, embora no âmbito das políticas públicas o modelo vigente de patrimonialização esteja bem estabelecido, delimitando as possibilidades patrimoniais em determinados atos legais (tombamento, registro, reconhecimento pela UNESCO, inserção em museus, criação de áreas de proteção, etc.), e interpretações oficiais, resta a dúvida: será que um patrimônio pode se manifestar e ser vivenciado de outras formas? Através de experiências que passem ao largo do institucionalizado?

Essa é justamente uma das perguntas que a antropologia tenta responder quando trata de patrimônio e conduz, presentemente, ao outro prisma a ser observado: a ideia de patrimônio como categoria, especificamente à ideia de que o patrimônio pode ser pensado como categoria analítica e como categoria nativa (Gonçalves, 2007a, 2007c; 2013b)⁹.

É útil uma breve digressão sobre categoria analítica e categoria nativa, para esclarecer possíveis ambiguidades de compreensão. Segundo o sociólogo Elder Patrick Maia Alves (2008, p. 82) as categorias analíticas são “talhadas como recursos teórico-metodológicos para compreender e interpretar a estruturação da vida cotidiana dos agentes, seus impasses, tensões e construções de horizontes de significado dentro da dinâmica sócio-histórica”; na mesma linha, o sociólogo Antonio Sérgio

⁹ O autor já tratou de patrimônio como categoria nativa de forma explícita (Gonçalves, 2007c; Gonçalves, 2013b), e, em outros artigos, usa a expressão “concepções nativas de patrimônio”, ao invés de categoria (Gonçalves, 2007a, Gonçalves, 2013a). Em relação a categoria analítica, apesar de não usar claramente essa nomenclatura, no livro *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*, seu texto está inserido em seção dedicada ao patrimônio como categoria analítica (Gonçalves, 2007d), e, em outro artigo, empregou a expressão “categoria dos pesquisadores” para se referir a categoria que seria o contrário da nativa (Gonçalves, 2007c).

Alfredo Guimarães (2003, p. 95) define categoria analítica como aquilo “que permite a análise de um determinado conjunto de fenômenos, e faz sentido apenas no corpo de uma teoria”.

Já as categorias nativas são “forjadas, elaboradas e reelaboradas pelos agentes sociais diante das contingências que compõem as pautas e os recursos linguísticos em meio ao cotidiano prosaico da experiência psicossocial” (Alves, 2008, p. 82); ou seja, falar de categoria nativa significa remeter à “uma categoria que tem sentido no mundo prático, efetivo, (...) possui um sentido histórico, um sentido específico para um determinado grupo humano” (Guimarães, 2003, p. 95).

Tais categorias são tradicionalmente tratadas como opostas. Alves (2008), ressalta que, de maneira geral, as categorias analíticas estão circunscritas a grupos especializados, e tem um espaço de circulação restrito. Porém, em alguns casos, há um trânsito entre categorias analíticas e nativas, e por vezes até justaposição. Neste cenário, o estudo das categorias nativas interfere nas categorias analíticas, e a expansão das concepções analíticas para além da teoria, alteram as categorias nativas; promovendo um fluxo ininterrupto entre ambas.

Ou seja, pode-se afirmar que as categorias analíticas são construções que devem estar vinculadas a teorias ou a determinadas áreas do conhecimento para fazerem sentido. Por outro lado, as categorias nativas são construções conceituais forjadas por determinadas comunidades, tendo forte relação com o mundo prático; e por isso estão em constante construção e reconstrução. Gonçalves (2013a, p. 9) afirma que determinada categoria é “compreensível na medida em que se possam entender os diversos contextos socioculturais em que é usada e de que forma específica”.

Sendo assim, patrimônio enquanto categoria analítica se refere ao pensar patrimônio dentro de corpos teóricos específicos, como museologia, antropologia e história; já patrimônio como categoria nativa faz referência a entendimentos e vivências dos patrimônios para determinado grupo humano. A ideia de patrimônio como categoria nativa é relevante principalmente por denotar que a patrimonialização/institucionalização representam apenas uma das possíveis formas que o patrimônio pode assumir; em um horizonte onde é possível vislumbrar diversas vivências e experiências patrimoniais, que passam ao largo da visão institucionalizada, e que não são por isso, mais ou menos válidas.

O que resta claro nesta “fábrica do patrimônio” (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 75) é que não basta um mero ato legal para que algo seja reconhecido e aceito como

tal (Borges; Campos, 2000; Gonçalves, 2007b). Por conseguinte, ainda que determinado bem seja nomeado patrimônio apenas pela vontade política de uma agência, a sua sustentabilidade, permanência e preservação, dependem do reconhecimento ou não pela população, assim como do valor social e afetivo atribuído, que representam o papel desses patrimônios no tecido social (Scifoni; Ribeiro, 2006). Neste cenário, o inverso também pode ocorrer: a população reconhecer algo como patrimônio, e não haver a chancela do Estado.

São duas, então, as perspectivas patrimoniais: aquele patrimônio sentido e vivido por determinado grupo, e o patrimônio ativado pelo poder público (Zanirato, 2018). Mas, se as diferentes perspectivas patrimoniais coexistem em disputa, também coexistem em cooperação. As dinâmicas entre as diversas experiências têm o potencial de mudar a forma como as agências e as comunidades enxergam e se relacionam com o patrimônio.

1.2 Patrimônio Paleontológico

“Não, fóssil é... é... é... é... por exemplo, dentro eu acho que da literatura dos pesquisadores... Nós fala muito, nego fala é osso.”

Seu Danilo, Peirópolis

Neste panorama, o patrimônio paleontológico se apresenta como um termo que define um patrimônio muito específico, representado principalmente pelo material fóssil encontrado no planeta Terra. Sua importância reside no caráter de testemunho da vida existente no planeta em tempo profundo, unindo elementos que fazem referência tanto à geodiversidade quanto à biodiversidade. É uma vertente do patrimônio geológico, fazendo parte da geodiversidade do planeta. A palavra geodiversidade engloba todos os elementos abióticos da natureza, ou seja, os processos naturais e fenômenos geradores de paisagens, os minerais, rochas, fósseis, solos e outros depósitos superficiais que constituem a base para a vida na Terra (Brilha, 2005; 2015).

Fósseis são objetos que incitam a curiosidade humana há muito tempo. Alguns povos os estimavam e guardavam por suas supostas capacidades mágicas e/ou medicinais (Thackray, 1990); na América Latina, lendas e relatos já faziam referência ao que hoje entende-se como fóssil: a civilização Maia, por exemplo, usava fósseis em rituais religiosos (Carreño; Montellano-Ballesteros, 2005), e, no México, ossos de elefantes extintos originaram a lenda dos *quinametzin*, uma raça de gigantes que foram castigados pelos deuses (Garrido, 2016).

Na Europa, a existência de fósseis já era reconhecida e mencionada por filósofos gregos, como Xenophanes e Herodotus; e os naturalistas estudavam os fósseis desde o século XVI, pelo menos (Clark, 1968). Porém, o entendimento do que seria um fóssil para esses pesquisadores não era o mesmo de hoje. Na época, considerava-se fóssil tudo aquilo que era obtido através de escavação, tendo origem orgânica ou não. Fóssil, do latim *fossilis*, significa aquilo que foi extraído da terra (Tomassi; Almeida, 2011). Dessa forma, pela aceção do século XVI, diversos tipos de rochas e minerais eram compreendidos como fósseis, bem como materiais de cunho arqueológico (Clark, 1968; Rudwick, 1985). A concepção de fósseis começa a tomar outros rumos no século XVII, e no final do século XVIII, o termo fóssil ficou finalmente restrito ao conceito moderno da palavra – fósseis como apenas os materiais de origem orgânica (Thackray, 1990).

Por definição, fósseis são restos ou vestígios de animais, vegetais e microrganismos preservados nas rochas sedimentares. Os restos são compostos por partes de seres vivos (como ossos, dentes ou troncos) e os vestígios, por sua vez, são indícios da existência de um ser vivo, como pegadas e impressões de folhas, por exemplo (Simões; Rodrigues; Soares, 2015; Branco, 2014); são testemunhos da vida e do passado do planeta em um tempo profundo.

A gênese de um fóssil pode ser definida como:

(...) uma interrupção do ciclo biológico natural (nasce-desenvolve-reproduz-morre-decompõe) e ocorre com um número muito pequeno de organismos que já viveram na Terra. A preservação desses organismos e de seus vestígios não ocorre instantaneamente e é influenciada por vários fatores, tais como o tipo de rocha, a natureza do organismo, o clima, os eventos geológicos etc. São processos físicos e químicos relativamente complexos que englobam desde a morte do indivíduo, processos de decomposição, transporte, soterramento até a transformação de sedimentos em rocha (processos diagenéticos ou fossilização). Todo esse ciclo permite a preservação da vida terrestre em rochas, seja de forma inalterada dos organismos (congelamento, permineralização, substituição, concreção) ou apenas suas marcas (moldes, fóssil químico, icnofósseis) (Kunzler, 2018, p. 14-15).

São objeto de estudo da ciência denominada Paleontologia e podem ser estudados tradicionalmente por dois prismas, um geológico e um biológico. Em sua relação com a Geologia, os fósseis ajudam a datar as sequências sedimentares, e a posicionar cronologicamente os eventos ocorridos na história da Terra. Auxiliam também na descoberta e exploração de combustíveis fósseis (carvão mineral, petróleo e gás). Já em sua relação com a Biologia, os fósseis são as evidências das transformações por quais passaram os seres vivos ao longo da história do nosso planeta, contribuindo para as teorias evolutivas (Cassab, 2010).

Por ser parte integrante do patrimônio geológico, pode-se demarcar que, de forma geral, o reconhecimento da importância do patrimônio paleontológico emergiu entre os anos 1960 e 1980; tais patrimônios estão inseridos no amplo espectro do patrimônio natural, e, nesse período, surgiram na Europa, diversos movimentos de patrimonialização de elementos na natureza, embasados em razões ambientais, como a necessidade de proteção de espécies em extinção, e algumas vezes por razões econômicas, ligadas ao desenvolvimento do turismo (Van Geert, 2020).

Nessa conjuntura, a UNESCO surge como um marco importante, com a Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural nos anos 1970. O documento desta convenção representa uma expansão do olhar patrimonial para a tutela de tudo aquilo que não foi produzido pelo homem, devido (1) a tomada de consciência do importante papel da natureza na vida das sociedades, condicionando inclusive o patrimônio cultural, visto que exerce influência sobre tipos de moradia, vestimentas, práticas agrícolas etc. e (2) o risco de extinção de diversos bens naturais, principalmente devido a ação humana (Zanirato, 2018).

O caráter desta Convenção é sumamente original e consagra novas e importantes ideias. Ela liga as noções de natureza e cultura, até agora vistas como diferentes e, mais do que isso, antagônicas. De fato, durante muito tempo natureza e cultura se opunham: o homem devia conquistar uma natureza hostil, enquanto a cultura simbolizava os valores espirituais. Mas, na verdade, natureza e cultura se complementam: a identidade cultural dos povos é forjada no meio em que vivem e, em geral, parte da beleza das mais belas obras criadas pelo homem provém exatamente da integração com o lugar em que se encontram (UNESCO, 1985 *apud* Scifoni, 2006, p. 101).

No documento entende-se como Patrimônio Natural,

- os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por conjuntos dessas formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético e científico;
- as formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas constituindo o habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista científico ou da conservação;
- os locais naturais ou as zonas naturais estritamente delimitados, possuindo um valor universal excepcional do ponto de vista científico, da conservação ou da beleza natural.” (UNESCO, 1972).

Assim, são três os principais aspectos a serem considerados segundo a convenção: valor estético, ecológico e científico. Importante ressaltar que os aspectos estético e científico já estavam há muito tempo presentes nas políticas de diversos países europeus, como ilustra a lei italiana lei 1.497 de 29/06/1939, que inclui os bens de notável beleza natural ou singularidade geológica em sua política patrimonial (Scifoni; Ribeiro, 2006).

Após a convenção, foram criadas áreas de proteção em diversos países. A iniciativas seguiam, de maneira geral, os moldes do parque Yellowstone, conhecido como o primeiro parque nacional do mundo, criado em 1879, que apresentava três paradigmas essenciais: (1) a ideia de natureza em estado primitivo, (2) a proteção pelo Estado, visto o interesse público na sua preservação e, (3) ênfase nos valores estéticos (Scifoni; Ribeiro, 2006). Este modelo sofreu mudanças em cada país que foi aplicado, de acordo não só com as características naturais próprias, mas também socioeconômicas. Ao longo do tempo a ênfase no valor estético foi dando lugar a ênfases ecológicas. De fato, as iniciativas de preservação, comumente, privilegiavam a proteção da biodiversidade (Prieto; Cortez; Schilling, 2016; Castro; Mansur; Carvalho, 2018; Girault, 2019).

Nos anos subsequentes, ocorreram conferências e surgiram documentos específicos, focados em diferentes aspectos do patrimônio natural. Na década de 1990, por exemplo, aconteceu a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (ECO-92), que trazia como uma das questões centrais a preservação da biodiversidade. Para o patrimônio paleontológico e a geodiversidade como um todo, tem destaque a Declaração Internacional dos Direitos à Memória da Terra, assinada durante o I Simpósio Internacional sobre a Proteção do Patrimônio Geológico, na França, em 1991.

Neste documento, reconheceu-se a ligação entre a história da humanidade e a história da Terra, ressaltando que todas as formas de desenvolvimento deveriam considerar o valor e a singularidade do patrimônio geológico (Viana; Carvalho, 2019); os fósseis e sítios fossilíferos também aparecem no texto da declaração:

Da mesma forma como uma velha árvore registra em seu tronco a memória de seu crescimento e de sua vida, assim também a Terra guarda a memória do seu passado... Uma memória gravada em níveis profundos ou superficiais. Nas rochas, nos fósseis e nas paisagens, a Terra preserva uma memória passível de ser lida e decifrada (Declaração... 1991).

No Brasil, merece menção a Declaração de Aracaju e a posição do patrimônio paleontológico na Constituição Federal de 1988. A Declaração de Aracaju foi assinada durante o Congresso Brasileiro de Geologia, em 2006. O documento inclui os fósseis em sua definição de patrimônio geológico, bem como os sítios fossilíferos. Dá destaque a vulnerabilidade deste patrimônio, visto que são bens não renováveis que sofrem ameaças constantes, seja por processos naturais, ou por ações humanas não planejadas (Declaração... 2006); quanto à Constituição, a proteção do patrimônio paleontológico está prevista, sendo os fósseis e depósitos fossilíferos considerados

como bem da União (Art. 20º, Art. 23º e Art. 24º)¹⁰; os sítios paleontológico são entendidos também como patrimônio cultural (Art. 216º, inciso V):

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, **paleontológico**, ecológico e científico (Brasil, 1988, grifo nosso).

De modo geral, este patrimônio pode ser preservado *in situ* e *ex situ*. O patrimônio paleontológico *ex situ* é aquele depositado em museus e demais instituições de pesquisa, como universidades. Além dos fósseis, na visão de alguns autores, os registros relacionados à coleta, guarda e estudo do material coletado em sítios, como por exemplo cadernetas de campo, instrumentos científicos antigos usados em laboratório para estudo, publicações científicas, dentre outros, também são considerados como parte do patrimônio geológico/paleontológico *ex situ* (Ponciano *et al.*, 2011; Bétard; Hobléa; Portal, 2017). Porém, este entendimento não é consensual, e a caracterização de quais componentes fazem parte do patrimônio *ex situ* ainda é complexa e fruto de debates na comunidade científica (Mansur *et al.*, 2013). Alguns especialistas, por exemplo, não consideram o material preservado *ex situ* como patrimônio geológico/paleontológico, ainda que reconheçam sua importância (Castro; Mansur; Carvalho, 2018).

Nestes espaços de preservação *ex situ*, a principal preocupação com tal patrimônio estaria relacionada ao seu valor científico, servindo de material para pesquisa de geólogos e paleontólogos. Mas, no caso dos museus, todos os três valores (científico, educacional e cultural) têm importância, sobressaindo um ou outro a depender da instituição em questão. Nesses espaços a musealização tem um papel de destaque. Podendo ser definida como a atribuição de significados e valores aos objetos museológicos, a musealização, enquanto processo, compreende um conjunto de atividades: seleção, pesquisa, catalogação, preservação, exposições, mediação, divulgação, entre outras (Desvallées; Mairesse, 2013). Este processo pode ocorrer

¹⁰ Este entendimento já estava expresso no Decreto-Lei no 4.146 de 1942, conforme Art. 1º: “Os depósitos fossilíferos são propriedade da Nação, e, como tais, a extração de espécimes fósseis depende de autorização prévia e fiscalização do Departamento Nacional da Produção Mineral, do Ministério da Agricultura.”

através da extração de algo de seu meio natural ou de origem ou ainda no próprio local, *in situ*.

No âmbito da preservação *in situ*, além da musealização, existe a geoconservação, que se apresenta como a principal estratégia. Inclui etapas de inventário, quantificação, conservação, valorização (divulgação) e monitoração (Souza, 2009) e preconiza a conservação e gestão do patrimônio através da integridade física dos sítios, assegurando seu uso científico, educativo e/ou turístico (Vilas-Boas; Brilha; Lima, 2013). São iniciativas de geoconservação a criação de Geoparques, Unidades de Conservação (UCs), Áreas de Preservação Permanentes (APP) e Reservas Legais (RL).

Tais iniciativas podem ser efetuadas em nível nacional (federal, estadual e municipal), por meio de instrumentos legais, como por exemplo através da Lei nº 9.985/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza; ou ainda ancoradas em iniciativas internacionais, ligadas a convenções e acordos dos quais o Brasil é signatário (no caso do patrimônio paleontológico, destaca-se Rede Mundial de Geoparques, vinculada à UNESCO). De um modo geral, estas medidas protetivas podem ser ativadas de diversos modos, seja através da aplicação de leis, decretos e portarias, ou ainda, através de organismos de fiscalização, como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) ou do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (Ponciano *et al.*, 2011; Lima; Schobbenhaus; Nascimento, 2016).

Dentre as iniciativas nacionais com relação direta ao patrimônio paleontológico, tem destaque a Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP), que, com a colaboração de várias instituições¹¹, tomou para si a responsabilidade de selecionar e descrever os sítios de destaque da história geológica e paleontológica do Brasil. A Comissão, criada em 1997, foi a primeira iniciativa sistemática de identificação, descrição, avaliação e publicação de geossítios. De modo geral, o principal critério para a seleção dos sítios é o científico, ainda assim, outros critérios

¹¹ São elas: Associação Brasileira para Estudos do Quaternário (BEQUA), Serviço Geológico do Brasil (SGB), Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Petróleo Brasileiro S/A (PETROBRAS), Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), Sociedade Brasileira de Geologia (SBG), Sociedade Brasileira de Paleontologia (SBP) e União da Geomorfologia Brasileira (UGB) (Lima; Schobbenhaus; Nascimento, 2016).

também foram levados em consideração, como o interesse cultural, educativo e turístico (Lima; Schobbenhaus; Nascimento, 2016).

Os sítios estão divididos em várias tipologias, e uma delas são os sítios Paleontológicos. Os critérios adotados pela SIGEP são: (1) sua singularidade na representação de sua tipologia ou categoria, (2) importância na caracterização de processos geológicos-chave regionais ou globais, (3) períodos geológicos e registros expressivos na história evolutiva da Terra, (4) expressão cênica, (5) bom estado de conservação, (6) acesso viável, (7) existência de mecanismos ou possibilidade de criação de mecanismos que lhe assegure a conservação e consequente aproveitamento (Lima; Schobbenhaus; Nascimento, 2016).

A SIGEP ainda preconiza que os sítios devem:

(...) prestar-se ao fomento da pesquisa científica básica e aplicada, à difusão do conhecimento nas áreas das ciências da Terra, ao fortalecimento da consciência conservacionista, ao estímulo a atividades educacionais, recreativas ou turísticas, sempre em prol da participação e do desenvolvimento socioeconômico das comunidades locais (SIGEP, 2002).

Com ação diretamente relacionada aos geoparques, se destacam no Brasil as atividades da Comissão de Geoparques, da Sociedade Brasileira de Geologia, e do Serviço Geológico do Brasil (SGB¹²). A Comissão de Geoparques, criada em 2018, tem por objetivo despertar e conduzir os debates sobre o tema em território nacional, através de eventos, cursos, livros, e quaisquer outros meios que se façam necessários. Intende também apoiar os projetos de geoparques que queiram submeter sua candidatura à *International Geoscience and Geoparks Programme Programme* (Programa Internacional de Geociências e Geoparques) (IGGP), através de auxílio técnico na elaboração de propostas (Comissão de Geoparques, 2020).

Já a SGB trabalha na identificação, caracterização e avaliação dos sítios, através do projeto Geoparques do Brasil. Para efetuar esse mapeamento, a SGB desenvolveu um aplicativo *web* chamado Sistema de Cadastro e Quantificação de Geossítios e Sítios da Geodiversidade (GEOSSIT), que se baseia principalmente nas metodologias desenvolvidas por Brilha (2005, 2015), e também na metodologia de Garcia-Cortés e Urquí (2009), apresentando critérios de avaliação baseados em interesse científico, educativo, turístico e risco de degradação (Lima; Schobbenhaus; Nascimento, 2016).

¹² Antiga CPRM: Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais.

Quanto as iniciativas de alcance internacional, destaca-se a *Global Geoparks Network* (GGN), em português, Rede Mundial de Geoparques. Criada em 2004, a rede estimulou a criação de diversos geoparques ao redor do mundo durante os anos 2000. Em 2015, a GGN foi incorporada pela UNESCO, tornando-se um selo, *UNESCO Global Geopark* (UGGp) (Lima; Schobbenhaus; Nascimento, 2016; Girault, 2019).

A gênese da GGN remonta a 1988, quando foi fundado, na Europa, o *European Working Group on Earth Science Conservation* (EWGESC), em tradução livre, Grupo de Trabalho Europeu sobre Conservação das Ciências da Terra; que posteriormente, em 1993, tornou-se *The European Association for the Conservation of the Geological Heritage* (ProGEO), em português: Associação Europeia para a Conservação do Patrimônio Geológico (Girault, 2019). Ao longo dos anos, o grupo trabalhou continuamente para a proteção do patrimônio geológico em solo europeu, e suas atividades ganharam reconhecimento internacional por parte da comunidade de geocientistas.

Porém, é em 1996, durante o Congresso Internacional de Geologia em Beijing, que a ideia de uma rede mundial de geoparques começa a tomar forma (Girault, 2019). A quantidade de geoparques chancelados pela UNESCO e sua localização deixa clara a importância da Europa e China, como principais atores para a criação da GGN: atualmente, dos 195 geoparques vinculados à Rede, 98 estão em solo Europeu e 41 estão na China (GGN, 2023)¹³.

O GGN e o selo UGGp surgem para chamar atenção específica para a importância e proteção do patrimônio geológico; se diferenciando, portanto, de outras iniciativas da UNESCO, como a Lista do Patrimônio Mundial e do Programa Reserva da Biosfera. Segundo a organização, os Geoparques que fazem parte da rede são “áreas geográficas únicas e unificadas, onde sítios e paisagens de relevância geológica internacional são administrados com base em um conceito holístico de proteção, educação e desenvolvimento sustentável” (UNESCO, 2018). E ainda:

deve demonstrar o patrimônio geológico de relevância internacional. Além disso, seu propósito consiste em **explorar, desenvolver e celebrar as relações entre esse patrimônio geológico e todos os outros aspectos patrimoniais naturais, culturais e imateriais da área**. Trata-se de religar, em todos os sentidos, a sociedade humana à Terra e de celebrar as formas como o planeta e sua longa história de 4,6 bilhões de anos têm moldado cada aspecto de nossas vidas e de nossas sociedades (UNESCO, 2018, grifo nosso).

¹³ Dados de agosto de 2023.

No Brasil existem cada vez mais projetos de geoparques e, também, geoparques aspirantes. Os geoparques aspirantes são aqueles que já submeteram sua carta de intenção e/ou o dossiê com toda a documentação necessária, e aguardam a conclusão do processo de avaliação; é o caso do Geoparque Uberaba – Terra de Gigantes. É importante sinalizar que não existe uma definição estabelecida pela UNESCO sobre o que seriam geoparques aspirantes e o que seriam projetos de geoparque, ainda que eles usem a terminologia em seus documentos. De maneira geral, projetos são aqueles que não submeteram nenhum tipo de documentação ao IGGP. Já quanto aos geoparques aspirantes, não há ainda um consenso. Para uns, um geoparque se torna aspirante a partir do momento em que é enviada a carta de intenção para a UNESCO, para outros, um geoparque se torna aspirante somente a partir do momento de envio do dossiê completo.

O Geoparque Uberaba define, em seu site, quais são as etapas e procedimentos necessários para obtenção do selo da UNESCO da seguinte maneira:

Projeto: primeira fase do processo. É quando o geoparque é apenas uma proposta, com pequenas iniciativas e articulações. Ainda não houve contato com nenhum membro da UNESCO.

Aspirante: segunda fase do processo. Nesta etapa é necessário que o geoparque em questão esteja em funcionamento há pelo menos 1 ano. O projeto de Geoparque é enviado pelo Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores do Brasil) para à UNESCO, a qual fica ciente da existência, das propostas e intenções daquele Projeto de Geoparque, que após esta etapa, recebe o reconhecimento de Aspirante à Geoparque.

Selo Geoparque: terceira e última fase. A equipe do geoparque elabora um dossiê de candidatura com uma carta de manifestação de interesse e envia para o Conselho Executivo Global de Geoparques da UNESCO. (...) Dessa forma, a UNESCO designará dois avaliadores para realizar uma missão de avaliação em campo (...), custeados pelo geoparque aspirante, para conferir todas as ações relatadas no dossiê e verifica o cumprimento das ações da autoavaliação, formulário fornecido pela UNESCO. Com isso, a equipe da UNESCO fornece o recebimento da carta verde, ou seja, o selo da UNESCO, ou, não havendo a aprovação, a equipe receberá o cartão vermelho indicando a recusa de sua proposta para tornar-se membro da rede Mundial de Geoparques da UNESCO (Geoparque Uberaba, 2023b).

Existem, atualmente, cinco geoparques no país reconhecidos pela UNESCO: Geoparque Araripe (2006), Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul (2022), Geoparque Seridó (2022), Geoparque Caçapava (2023) e Geoparque Quarta Colônia (2023). O Geoparque Araripe foi o primeiro geoparque das Américas a ser reconhecido; atualmente, são doze em toda a região. Somados aos cinco brasileiros já mencionados, também fazem parte da rede: Geoparque Grutas del Palacio (Uruguai - 2013), Geoparque Mixteca Alta (México - 2017), Geoparque Comarca Minera, Hidalgo

(México - 2017), Geoparque Kütralkura (Chile - 2019), Geoparque Imbabura (Equador - 2019), Geoparque Colca y Volcanes de Andagua (Peru - 2019) e Rio Coco Geopark (Nicaragua - 2020) (GGN, 2023)¹⁴.

A importância da participação das comunidades locais é item mencionado tanto nas iniciativas internacionais quanto nas iniciativas nacionais. É, porém, é um ponto sensível, pois, apesar de se colocar a necessidade de participação das comunidades, na prática é difícil definir o que exatamente se entende por participação, e em muitos casos torna-se árduo responder a perguntas como: de que maneira definir quem são as comunidades interessadas? Como analisar os possíveis benefícios que a criação de um geoparque acarretará? Como levar em consideração no planejamento os desejos da comunidade? (Girault, 2019).

Por vezes a preocupação com as atividades turísticas e o desenvolvimento socioeconômico insere a participação das comunidades locais em uma perspectiva mercantilista ou produtivista, em que a patrimonialização de bens da geodiversidade é encarada predominantemente como um recurso para o turismo local, o que pode gerar processos de valoração que priorizem o consumo, transformando o patrimônio majoritariamente em produto (Winter; Martinelli; Ribeiro, 2013; Zanirato, 2018). O principal problema de tal modelo é pensar a participação das comunidades apenas em termos mercadológicos, através da criação de estabelecimentos relacionados ao patrimônio em questão, desde infraestrutura, como hotéis, a entretenimento, bares a lojas de *souvenir*, e desconsiderar sua participação no que diz respeito ao processo de patrimonialização em si.

François Mairesse (2019) ressalta que é difícil calcular, de fato, os benefícios das atividades turísticas em determinado local, que por vezes podem ser menores do que o esperado, ou insuficientes; por isso, as razões para a criação de um geoparque devem estar ancoradas, principalmente, nas questões centrais relacionadas à sua existência: a preservação de um patrimônio e seu papel social e educativo na comunidade onde está inserido.

Diante do exposto, percebe-se que, de maneira geral, há um consenso quanto aos principais valores que podem ser atribuídos aos fósseis: valor científico, valor educacional e valor cultural. Tais valorações não se aplicam somente aos fósseis, mas se estendem aos sítios onde estes fósseis são encontrados (Cachão; Silva, 2004). Porém, o entendimento é que, ao falar de patrimônio geológico e paleontológico, remete-se a um patrimônio valorizado principalmente pelo aspecto científico, atribuído,

¹⁴ Dados de agosto de 2023.

portanto, pela comunidade geocientífica. Brilha (2015) estabelece claramente: para que determinado exemplar da geodiversidade possa ser denominado como patrimônio geológico, é condição indispensável o seu valor científico. Quaisquer outros valores são considerados adicionais.

Cabe pontuar que, esse posicionamento *sine qua non*, coloca os exemplares da geodiversidade que tem somente valor cultural, mas não científico, dentro de outras nomenclaturas patrimoniais. Não seriam, dessa forma, considerados patrimônio geológico, mas sim patrimônio cultural com elementos da geodiversidade, por exemplo. Nessa lógica, poderia parecer que não seriam, *a priori*, preocupação da comunidade de geocientistas. Mas Brilha (2015) ressalta que devem ser aplicadas estratégias de geoconservação - que envolvam atividades de caracterização e manejo - para quaisquer elementos da geodiversidade que apresentem algum tipo de valor.

Na prática, essa categorização faz com que o valor cultural da geodiversidade seja muitas vezes preterido, em favorecimento dos valores científicos e educacionais; e, em processos de patrimonialização, com que as comunidades locais, que possuam algum tipo de relação com esses elementos da geodiversidade, sejam negligenciadas e/ou tenham sua participação negada, visto que a valoração do patrimônio geológico/paleontológico caberia tão somente a comunidade científica.

No bojo dessas discussões, especificamente em relação ao patrimônio paleontológico, surge o conceito de Paleontologia Cultural, também chamada de Etnopaleontologia. Ainda em discussão, a ideia seria promover um olhar voltado para a dimensão humana relacionada aos fósseis, ou seja, a valoração e documentação das mais variadas interpretações sobre esse patrimônio, histórias e usos.

Nas palavras de Pombo (2010, p. 285):

Propõe-se a denominação “Paleontologia Cultural” para designar uma nova área de estudo paleontológico, de natureza fundamentalmente humanística. Pretende-se também demarcar os limites de um novo conceito, que considera os fósseis como objetos de origem natural, com funções socioculturais, mais ou menos importantes e características, de acordo com o lugar geográfico e o momento histórico (Pombo, 2010, p. 285, tradução nossa).¹⁵

Para o autor, seriam três os objetos de investigação da chamada Paleontologia Cultural: (1) as diversas formas de assimilação de tipo não científico do patrimônio

¹⁵ “Se propone la denominación “Paleontología Cultural” para designar una nueva área de estudio paleontológico, de tipo, fundamentalmente, humanístico. Se pretende también acotar el territorio de un nuevo concepto que hace referencia a la consideración de los fósiles como objetos de origen natural, con algunas funciones socioculturales, más o menos importantes y características, según el lugar geográfico y el momento histórico” (Pombo, 2010, p. 285).”

paleontológico; (2) as diferentes influências desse patrimônio no âmbito sociocultural, e (3) os variados produtos culturais, materiais e imateriais oriundos da relação estabelecida entre sociedade e patrimônio (Pombo, 2010).

Cabe retomar, então, as discussões que iniciaram este capítulo: é essencial trazer a consciência que nem tudo aquilo classificado como patrimônio é reconhecido como tal pela população. Muitas vezes, os patrimônios são definidos e/ou gerenciados por agentes que são observadores de fora, com pouco ou nenhum diálogo com as comunidades locais que convivem com determinado bem, espaço ou manifestação a ser patrimonializado (Goodey, 2002; Scifoni; Ribeiro, 2006). No caso específico do patrimônio paleontológico, estes agentes são a comunidade científica.

Sendo assim, ainda que a valoração científica seja condição primeira para a existência do patrimônio paleontológico, seja ele preservado *in situ* ou em coleções (*ex situ*), é possível e necessário que outros valores sejam atribuídos e incorporados, visto que a principal expressão deste patrimônio (os fósseis) pode assumir – e assumem – diversas funções e papéis socioculturais, tão importantes quanto seu valor científico.

1.3 Ressonância e Encantamento

Diante do exposto, resta nítida a importância de se pensar sobre a relação estabelecida entre as comunidades locais e os diversos patrimônios instituídos. Nesse horizonte, as noções de ressonância e encantamento são férteis. Ressonância (em inglês, *resonance*) e encantamento¹⁶ (em inglês, *wonder*) são termos utilizados pelo autor norte-americano Stephen Greenblatt, para se referir a dois modelos distintos de exibição de objetos em museus, notadamente obras de arte.

Greenblatt é um teórico e crítico literário, cujo foco principal de estudo são as obras de Shakespeare. Ele é também o principal expoente de uma corrente da teoria da literatura conhecida como Novo Historicismo (*New Historicism*). De forma resumida, o Novo Historicismo advoga por uma crítica literária que trabalhe o texto para além de

¹⁶ O substantivo *wonder* pode ser traduzido em português de diversas formas. O *Cambridge Dictionary* sugere como tradução as palavras admiração e assombro (Wonder, 2021a); já o *Collins Dictionary* apresenta os termos maravilha, prodígio, espanto (Wonder, 2021b). De fato, o termo encantamento não seria, a princípio, a tradução mais fiel do termo, tendo em vista que, em língua inglesa, a palavra encantamento é correspondente a *enchantment*. Este é, porém, o termo que se consagrou em língua portuguesa, tendo em vista sua aplicação de longa data, como exemplificado pelo texto O Novo Historicismo: ressonância e encantamento, tradução do texto *Resonance and Wonder* (1990), publicado em 1991 na revista Estudos Históricos. Desta forma, utilizaremos o termo encantamento ao longo do texto, mas compreendendo-o como sinônimo de admiração e maravilhamento.

si mesmo e de suas características formais, entendendo as obras literárias como parte de um contexto histórico. Tal contexto, porém, não deve ser entendido como um pano de fundo estável, mas sim como um conjunto de circunstâncias e práticas sociais permeadas por conflitos e contradições (Greenblatt, 1990).

Isto importa pois é primeiramente neste contexto que o autor discorre sobre as noções de ressonância e encantamento. A primeira vez que o autor de fato define ambas é na obra *Learning to Curse: essays in early modern culture* – publicada originalmente em 1990 – em um artigo chamado *Resonance and Wonder* (Robson, 2008). Neste texto, Greenblatt discorre sobre o Novo Historicismo, estabelecendo princípios e definições, e já usa exemplos oriundos do universo dos museus para exemplificar os termos ressonância e encantamento.

Em 1991, o autor coloca de maneira mais clara a utilidade das noções de ressonância e encantamento para a museologia e patrimônio ao publicar um artigo de mesmo título (isto é, *Resonance and Wonder*) na obra *Exhibiting Cultures: the poetics and politics of museum display*. Mas o que afinal significam estes termos?

A palavra encantamento, aqui ancorada no termo em inglês *wonder*, pode ser definida, segundo o *American Heritage Dictionary of the English Language*, como:

1. a. A emoção despertada por algo inspirador, espantoso ou surpreendente (...) b. A qualidade que desperta tal emoção.
 2. a. Aquilo que desperta temor, espanto, surpresa ou admiração; uma maravilha (...)
 3. a. Um ato ou conquista extraordinária ou notável (...) b. Um evento inexplicável pelas leis da natureza, um milagre.¹⁷
- (Wonder, 2020, tradução nossa)

Greenblatt (1990) demarca que tal noção é central na filosofia. Na verdade, essa emoção é apontada pelos filósofos da antiguidade como o início da filosofia (Abbagnano, 2007). Em Teeteto, diálogo platônico sobre a natureza do conhecimento, Sócrates (I.155a) afirma: “(...) a admiração é a verdadeira característica do filósofo. Não tem outra origem a filosofia.” (Platão, 1988). O termo original em grego, *thauma*, está intimamente relacionado a ação de ver, observar, de modo que, para alguns pesquisadores, a tradução mais correta seria algo como “observar com maravilhamento” (Lear, 2014). Greenblatt, ao aplicar esta noção para o universo dos museus, a define da seguinte maneira:

¹⁷ “1. a. The emotion aroused by something awe-inspiring, astounding, or surprising (...) b. The quality that arouses such emotion (...) 2. a. One that arouses awe, astonishment, surprise, or admiration; a marvel (...) 3. b. An extraordinary or remarkable act or achievement (...) b. An event inexplicable by the laws of nature; a miracle.” (Wonder, 2020)

Por encantamento, me refiro ao poder de determinado objeto exibido de interromper um observador em seu caminho, transmitindo uma sensação impressionante de singularidade, evocando uma atenção exaltada” (Greenblatt, 1991, p. 42, tradução nossa)¹⁸

Apesar de tratar neste texto majoritariamente de produtos da atividade humana, como obras de arte, o autor ressalta que o encantamento não tem como causa necessariamente a beleza ou uma dimensão estética, podendo surgir daquilo que é surpreendente, raro, excessivo, incompreensível, estranho ou prodigioso (Greenblatt, 1991). Por esse prisma, virtualmente tudo pode despertar encantamento, desde objetos oriundos da atividade humana, aos objetos oriundos do mundo natural, como os fósseis. O autor aponta ainda o quanto, de um ponto de vista histórico, esta noção se relaciona com a ideia de posse (mesmo que seja a impossibilidade de posse), aludindo aos reis e às coleções privadas e, também, aos gabinetes de curiosidade.

E, de fato, para exemplificar esta noção, Greenblatt se afasta do mundo das artes e se volta para o mundo da história natural, citando um exemplo do livro *Life of Saint Louis*, que faz referência a um fóssil, ainda em um contexto de coleções privadas na França medieval:

Era a pedra mais maravilhosa do mundo, pois quando você erguia um dos flocos, encontrava a forma de um peixe marinho entre os dois pedaços de pedra. Este peixe era inteiramente de pedra, mas não faltava nada em sua forma, olhos, ossos ou cor que o fizesse parecer diferente caso estivesse vivo. O rei me deu uma dessas pedras. Eu encontrei uma tenca dentro; era de cor marrom e em todos os detalhes era exatamente o que você esperaria que um tenca fosse” (Joinville *apud* Greenblatt, 1991, p. 50, tradução nossa)¹⁹

Resta ainda definir ressonância. Começando mais uma vez pela acepção do dicionário, ressonância é:

1. a. Intensificação e prolongamento do som, especialmente do tom musical, produzido por vibração simpática; b. Intensificação do tom vocal durante a articulação, como pelas cavidades respiratórias da boca e das fossas nasais (...) 2. Riqueza ou significado,

¹⁸ “By wonder I mean the power of the displayed object to stop the viewer in his or her tracks, to convey an arresting sense of uniqueness, to evoke an exalted attention.” (Greenblatt, 1991, p. 42).

¹⁹ “It was the most marvellous stone in the world, for when you lifted one of the flakes you found the form of a sea-fish between the two pieces of stone. This fish was entirely of stone, but there was nothing lacking in its shape, eyes, bones or colour to make it seem otherwise if it had been alive. The king gave me one of these stones. I found a tench inside; it was brown in colour, and in every detail exactly as you would expect a tench to be” (Joinville *apud* Greenblatt, 1991, p. 50)”

especialmente na evocação de uma associação ou forte emoção (...) ²⁰ (Resonance, 2020, tradução nossa).

Tais acepções são derivações do significado tradicionalmente ancorado na Física, qual seja “a indução de vibrações de taxa natural na matéria por uma fonte vibrante, tendo a mesma frequência ou não, dentro de uma relação simples” (Faria; Silva, 2019). Ao adotar o termo, Greenblatt diz:

Por ressonância, me refiro ao poder de determinado objeto exibido de ir além das suas fronteiras formais, alcançando um universo mais amplo, evocando no observador as complexas e dinâmicas forças culturais das quais ele emergiu, e das quais ele pode ser considerado pelo observador como um representante” (Greenblatt, 1991, p. 42, tradução nossa) ²¹.

A ressonância está, portanto, relacionada à capacidade de determinado objeto de evocar algo para além seus aspectos formais. O poder de evocação residiria não em questões como técnica, excepcionalidade e gênio de um autor, mas sim na capacidade de determinado objeto de fazer presente o contexto no qual ele surgiu, seja tal contexto as políticas de uma época, determinadas referências culturais, ou memórias individuais. De certo modo, podemos afirmar que para existir ressonância, são necessários elementos que valorizem a dimensão mundana e humana dos objetos em questão. O autor menciona, por exemplo, que marcas de uso são fontes ricas para ressonância (Greenblatt, 1991), uma vez que relembram que aqueles objetos foram produzidos e consumidos em determinado contexto político, social, geográfico etc.

Sendo assim, a remoção de marcas de uso - ou quaisquer outras marcas físicas encaradas pelos museus como pontos de fragilidade do objeto – é vista pelo autor como uma atividade que afeta a capacidade de ressonância, ainda que seja uma ação muitas vezes inevitável. Prosseguindo seu raciocínio, Greenblatt ressalta que o primeiro ato que afeta a ressonância de um objeto é o seu deslocamento para um museu, uma vez que esta ação retira o objeto de seu contexto de produção e uso (Greenblatt, 1991).

Os museus, então, lançam mão de várias estratégias para remediar esta perda: textos explicativos, áudio-guias, exposição de objetos pessoais do artista, como

²⁰ “1. a. Intensification and prolongation of sound, especially of a musical tone, produced by sympathetic vibration (...) b. Intensification of vocal tones during articulation, as by the air cavities of the mouth and nasal passages (...) 2. Richness or significance, especially in evoking an association or strong emotion” (Resonance, 2020).

²¹ “By resonance I mean the power of the displayed object to reach out beyond its formal boundaries to a larger world, to evoke in the viewer the complex, dynamic cultural forces from which it has emerged and for which it may be taken by a viewer to stand.” (Greenblatt, 1991, p. 42).

pincéis, entre outros (Greenblatt, 1991). Isso ocorre também em museus de história natural, através, por exemplo, de dioramas. Porém, seguindo a linha de raciocínio de Greenblatt, uma boa maneira de mitigar a perda de ressonância, seria a preservação dos objetos *in situ*, ou, caso não seja possível sua manutenção desta forma, ou seu transporte para museus situados na mesma cidade onde o material foi produzido ou coletado, a uma curta distância de seus contextos.

Por fim, dois pontos que importam ressaltar. Em primeiro lugar, resgatando os debates sobre o maravilhar-se pelos filósofos antigos, Greenblatt diz que, da mesma forma que o encantamento era considerado por eles como o início da filosofia, estimulando o desejo pelo saber, ele estimula, também, o desejo pela ressonância (Greenblatt, 1990). Por isso seria mais fácil passar de uma relação de encantamento para ressonância do que o inverso, visto que a noção de encantamento é caracterizada centralmente pela sensação de fascínio oriunda do inexplicável, desconhecido ou impossível e pelo desejo de conhecer aquilo que causa este efeito (Greenblatt, 1991; Robson, 2008).

Greenblatt, porém, se posiciona em uma posição oposta a Aristóteles, discípulo de Platão, para quem o maravilhar-se era suplantado uma vez que o conhecimento era adquirido (Greenblatt, 1990). Para o autor norte-americano, o encantamento não só pode permanecer, como ele defende a importância de sua permanência. Nesse sentido ele se aproxima da visão de Platão, para quem maravilhar-se não apenas despertava o interesse pelo conhecimento, mas era o que de fato sustentava esse conhecimento (Lear, 2014).

Nessa linha chega-se ao segundo ponto, o fato de que tais noções não são excludentes, ou seja, um mesmo objeto, exposição ou patrimônio pode despertar uma noção ou outra, ou ambas (Greenblatt, 1991). Esta visão é corroborada pelo museólogo italiano Daniele Jalla, que acrescenta que a noção a ser despertada não é ditada pelo objeto ou patrimônio em si, mas pela relação estabelecida; e isto depende, necessariamente, da bagagem daquele que se relaciona, suas memórias, valores, etc. (Jalla, 2007).

Desde a publicação do trabalho de Greenblatt, as noções de ressonância e encantamento foram aplicadas de diversas maneiras no campo da museologia e do patrimônio, em variados contextos; algumas vezes ao mesmo tempo, e outras com maior ênfase em uma das noções. Em sua maioria, os textos têm uma forte conotação prática e frequentemente estão relacionados às exposições e à experiência do

visitante, buscando identificar a presença de ressonância e/ou encantamento em diversas realidades museais e patrimoniais.

Cita-se alguns exemplos para ilustrar as aplicações. Já nos anos 1990, Corinne A. Kratz e Ivan Karp (1993), utilizam ambas às noções para observar os museus da Disney, inseridos nos pavilhões do *World Showcase*, na atração *Epcot Center*, e Vincenzo Padiglione (1999) aborda principalmente o encantamento para falar de crianças e museus. Já Daniel Castro Benítez (2013), aplica a noção de ressonância ao contexto das casas museu, trazendo suas experiências enquanto diretor da Casa Museo Quinta de Bolívar (Colômbia); Rikke Olafson (2013) debate o uso de recursos digitais em exposições e seu potencial de despertar ressonância e/ou encantamento, tendo como estudo de caso a exposição *The tales of the Seven Vikings*, no museu *Moesgård* (Dinamarca); Sandra Camacho (2017) aplica ambas as noções para falar sobre uma instalação sonora na décima terceira exposição de arte contemporânea *documenta* (Alemanha); e, por fim, Jordan Kistler e Will Tattersdill (2019) exploram ressonância e encantamento para debater sobre paleoarte, dioramas e ciência, em especial no caso dos dinossauros, abordando os desafios de equilibrar as necessárias atualizações de exposições frente à mudanças científicas e as expectativas e imaginários dos visitantes. Nessas pesquisas, é ponto pacífico que os museus podem aplicar estratégias que fomentem o estabelecimento de uma relação de ressonância, de encantamento, ou ambas, a depender do objetivo.

No Brasil, o uso da noção da ressonância se tornou célebre graças a sua aplicação por Gonçalves (2007b). O autor lança mão do termo para debater situações nas quais, mesmo o patrimônio sendo instituído e reconhecido pelas agências responsáveis, ele não tem reconhecimento por parte da população; para que esse reconhecimento ocorra, é necessário, então, que o patrimônio tenha ressonância. Aponta, porém, que os processos de patrimonialização dificultam o estabelecimento de uma relação de ressonância, pois tendem à eliminação das ambiguidades ao criar delimitações cuidadosas em torno dos patrimônios, com fins representar determinada memória, identidade, realidade. Gonçalves se alinha então à Greenblatt, quando enuncia que eliminar ambiguidades, bem como mascarar a precariedade dos patrimônios, potencialmente coloca em risco o poder de ressonância (Gonçalves, 2007b). O autor levanta, ainda, a possibilidade de qualificar a noção de ressonância. Como exemplo, ele sugere a possibilidade de uma ressonância negativa, que levaria, por exemplo, a atitudes de negação e destruição perante um determinado patrimônio institucionalizado (Gonçalves, 2013a).

Outra aplicação conhecida do termo ressonância é a feita por Borges e Campos (2012). Para estes autores, os patrimônios estão sujeitos à avaliação social, onde dois eixos atuam: ressonância e aderência. Ressonância se refere aos afeitos de memória entre determinado patrimônio e um sujeito ou um grupo, e a aderência, por sua vez, é entendida como o grau de relevância que um patrimônio tem para um sujeito ou grupo, que pertence ao contexto de criação ou surgimento de determinado patrimônio (Borges; Campos, 2000). Estando o conceito de aderência relacionado ao contexto em que um patrimônio nasce ou é produzido, pode-se afirmar quanto maior for a distância cultural entre um patrimônio e o sujeito observador, menor será, igualmente, a possibilidade de aderência, ainda que seja possível estabelecer uma relação de ressonância.

Tendo em vista a ampla aplicação de ambas as noções em museus e exposições, poderiam ressonância e encantamento serem utilizados para a compreensão das relações estabelecidas com patrimônios institucionalizados de uma forma mais ampla? Como a própria aplicação de Gonçalves (2007b) nos mostra, e considerando a forte relação entre museus e patrimônios, não há impedimentos para a transposição desses conceitos para outros espaços como geoparques, monumentos arquitetônicos, etc. Daniele Jalla reforça este entendimento, ao afirmar que tudo aquilo aplicável aos museus pode e deve ser transportado para os mais diversos tipos de patrimônio (Jalla, 2007).

No caso específico do patrimônio paleontológico, a noção de ressonância permite explorar dimensões não científicas deste patrimônio, relacionadas, por assim dizer, à uma dimensão humana, como memórias (por exemplo, histórias pessoais e familiares) ou ainda lendas, folclores ou anedotas locais; já retomar a noção de encantamento é oportuno, visto o fascínio e interesse que os fósseis despertam em crianças e adultos (Carvalho; Da-Rosa, 2008; Viana; Carvalho, 2019). Neste cenário, cabe ressaltar que ressonância e encantamento não são vias opostas, mas sim contrapontos, e, por isso, complementares.

Ambas são possíveis vias para o estabelecimento de uma relação com determinado patrimônio, e, conforme apontado por Gonçalves (2013a), não são intrinsecamente positivas, o que abre caminhos para uma ressonância negativa, que reverberaria em uma memória ruim, como, por exemplo, lembranças relacionadas à desapropriação de terras para a criação de determinada instalação relacionada ao patrimônio. E, apesar de ser uma noção não explorada pelo autor, podemos pensar também, por analogia, em um encantamento negativo, espécie de assombro que repele, como o medo.

De todo o modo, investigar quais são os tipos de relações existentes entre pessoas e patrimônios, e sua possível qualificação em positivo ou negativo é válido, na medida em que tais informações podem servir de subsídio para uma melhor gestão e comunicação do patrimônio, visto que poderão ser desenvolvidas estratégias que deem maior ênfase em relações de ressonância ou de encantamento, a depender da realidade local e do tipo de relações já estabelecidas com os patrimônios.

CAPÍTULO 2

GEOPARQUE UBERABA

2 Caracterização do espaço: Geoparque Uberaba

“Eu imagino que Uberaba, sim, vai virar a Capital Nacional dos Dinossauros.”
Diego, Santa Rita

O Geoparque Uberaba é - desde 2022 - um geoparque aspirante Unesco, tendo sua candidatura sido oficialmente considerada para avaliação no ano de 2023 pelo *International Geoscience and Geoparks Programme* (UNESCO, 2023). Atualmente, os signatários do geoparque, ou seja, aqueles responsáveis por sua gestão, são: a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), a Prefeitura Municipal de Uberaba, a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Situado no estado de Minas Gerais, na região conhecida como Triângulo Mineiro, o geoparque ocupa uma área de aproximadamente 4.523.00 km² (IBGE, 2021), totalizando toda a extensão do município de Uberaba. Até o presente momento, seus sítios valorizam, principalmente, três aspectos importantes da cidade²²: a pecuária zebuína, a religiosidade - sobretudo a espírita, representada principalmente pela figura de Chico Xavier - e a paleontologia. Nos logos dos geoparque (Figura 03) é possível ver estes três aspectos representados.

A idealização de um geoparque em Uberaba começou há quase 10 anos atrás, tendo como marco a tese de doutorado do geólogo Luiz Carlos Borges Ribeiro, intitulada “Geoparque Uberaba – Terra dos dinossauros do Brasil”, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2014. Neste trabalho, o geólogo já pensava a criação do geoparque baseado nos três pilares supracitados, detalhando e documentando a importância de cada um deles para a cidade. Ao longo dos anos, os pontos de interesse relacionados a esses pilares foram mapeados, de forma a chegar à configuração atual.

Desde a fase de Projeto Geoparque Uberaba, várias iniciativas foram desenvolvidas para envolver a população uberabense com o patrimônio local, divulgar o projeto e disseminar informações; tais atividades se mantiveram inclusive durante a

²² Cabe mencionar que a UFTM, no final de 2020, através da sua pró-reitoria de extensão universitária, lançou um edital voltado especificamente aos geossítios da região. Das quatro linhas de investigação, três estavam dedicadas ao inventário do patrimônio: inventário das áreas ou propriedades rurais; inventário do Patrimônio Natural Biótico e inventário do Patrimônio Histórico e Cultural (UFTM, 2020). Essa iniciativa é um indício de que há interesse em ampliar o número de sítios que fazem parte do geoparque, ou, pelo menos, de inclusão de novos pontos de interesse nos sítios já existentes.

pandemia de coronavírus, através de eventos on-line, como lives temáticas nas redes sociais do geoparque. Um evento que ilustra tais iniciativas durante o período de isolamento social foi a Visita virtual ao Museu dos Dinossauros, realizada em 08 de julho de 2020, mediada pelo Prof. Dr. Thiago Marinho²³.

Figura 03. Logos Geoparque Uberaba: Projeto e Aspirante.



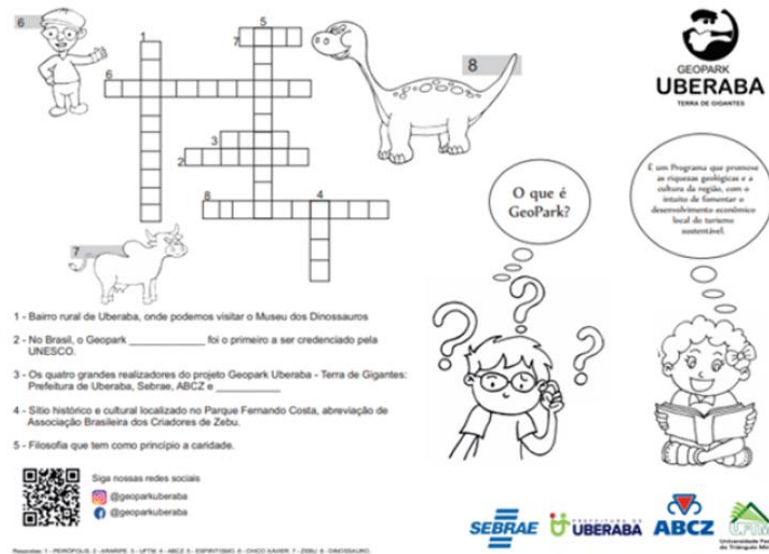
Fonte: (Geoparque Uberaba, 2022).

Em final de 2021, paulatinamente os eventos presenciais foram retomados. Cita-se, a título de exemplo, as seguintes iniciativas, todas desenvolvidas entre final de 2021 e 2022: I Concurso de fotografia do projeto Geoparque Uberaba, que listava 10 geossítios que deveriam ser fotografados pelos participantes; a criação de um papel de bandeja com jogos e informações sobre o geoparque, utilizado no I Festival Gastronômico e Cultural de Uberaba (Figura 04) e o I Curso de capacitação para identificar rochas e fósseis dos dinossauros, ministrado pelo paleontólogo Prof. Dr. Thiago Marinho, para os fiscais do município e militares ambientais (Boletim do Projeto Geopark Uberaba, 2021).

Ao longo de 2023, já como geoparque aspirante, não só foi dada continuidade às iniciativas, como elas foram ampliadas. Dentre os eventos mais recentes, ressalta-se o curso de capacitação “Agentes das Matrizes Africanas no Geoparque Uberaba”, que visou apresentar o Geoparque Uberaba e colocá-lo como parceiro para preservação das tradições de matrizes africanas existentes no município (Figura 05) (Geoparque Uberaba, 2023a). Esta iniciativa se apresenta como especialmente importante, uma vez que, na visita de campo realizada entre março e abril de 2022, os pesquisadores notaram alguns monumentos na cidade que faziam referências à cultura e história negra local, mas que não eram mencionados nas mídias do geoparque como pontos de interesse e/ou visitação, conforme Figuras 06 e 07.

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ds10I0AuVUE>

Figura 04. Papel Bandeja sobre o Geoparque Uberaba utilizado no I Festival Gastronômico e Cultural de Uberaba



Fonte: (Boletim do Projeto Geopark Uberaba, 2021).

Figura 05. Divulgação do evento Agentes das Matrizes Africanas no Geoparque Uberaba



Fonte: (Geoparque Uberaba, 2023).

Figura 06. Praça da Liberdade Zumbi dos Palmares, 2022.



Fonte: Siciliano, Mell.

Figura 07. Estátua Busto da Mãe Preta, 2022.



Fonte: Siciliano, Mell.

Por enquanto são 15 os sítios históricos e culturais que fazem parte do Geoparque Uberaba, conforme listados no dossiê enviado para a UNESCO (Quadro 01). A maioria dos sítios ressalta os aspectos relacionados à religiosidade e ao gado Zebu, dois importantes pilares do geoparque. Outros 7 sítios históricos e culturais ainda estão sob análise; destes, a maioria tem, como principal aspecto, a religiosidade. São eles: Mausoléu de Chico Xavier, Casa de Candomblé - Ilê de Ogum Já, Sanatório Espírita de Uberaba/Instituto Maria Modesto Cravo, Casa Espírita Maria Modesto Cravo, Grupo Espírita da Prece, Casa Espírita João Urzedo e Palacete José Caetano Borges.

Quadro 01 – Sítios Históricos e Culturais do Geoparque Uberaba

Sítio	Principal aspecto do sítio
Casa de Chico Xavier	Religiosidade
Catedral Metropolitana de Uberaba	Religiosidade
Fundição Artística de Sinos Uberaba – FASU	Religiosidade
Memorial Chico Xavier	Religiosidade
Museu de Arte Sacra	Religiosidade
Museu da Capela Nossa Senhora das Dores Irmãs Dominicanas de Monteils	Religiosidade
Santuário Basílica Nossa Senhora D'Abadia	Religiosidade
Fazenda Cassú	Pecuária Zebuína
Museu do Zebu	Pecuária Zebuína
Parque Fernando Costa Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ)	Pecuária Zebuína
Busto da Princesa Isabel	Histórico-Cultural
Fábrica de Tecidos de Santo Antonio do Cassú	Histórico-Cultural
Mercado Municipal	Histórico-Cultural
Museu de Arte Decorativa - MADA	Histórico-Cultural
Museu Memória Viva UFTM	Histórico-Cultural

Fonte: Adaptado de Geoparque Uberaba (2022).

Cabe detalhar, brevemente, a importância de cada um desses aspectos para o geoparque. No que tange à pecuária zebuína, Uberaba é conhecida por ser a Capital Mundial do Zebu, pois realiza, uma vez por ano a ExpoZebu, a maior feira dedicada a pecuária zebuína no mundo. Além disso, a ABCZ, responsável pelo evento, tem 22 mil associados, de diversos estados e países. É em sua sede, no Parque Fernando Costa, que fica o Museu do Zebu (Figura 08). Inaugurado em 1983, é sediado em um prédio histórico dentro do complexo, construído originalmente para abrigar o Pavilhão de Vacinas em 1941. Será criada uma nova sede para o Museu, que, infelizmente, prevê a demolição do espaço atual.

Figura 08. A - Entrada do Parque Fernando Costa, onde fica a sede da ABCZ e o Museu do Zebu, 2022; B – Prédio do Museu do Zebu, 2022.



Fonte: Siciliano, Mell.

Já o aspecto da religiosidade é marcado pela religião espírita, e a figura de Chico Xavier se torna central. Considerado por muitos o maior líder espírita do país, Chico é mineiro, nascido em Pedro Leopoldo, e se estabeleceu em Uberaba nos anos 1950. Em sua antiga residência, hoje existe o museu Casa de Memórias e Lembranças de Chico Xavier, mantido por seu filho adotivo Eurípedes Humberto Higino dos Reis (Figura 09). Na cidade existem, também, outros pontos que homenageiam o médium, como o Memorial Chico Xavier - fundado em 2016 e atualmente fechado para obras, com previsão de reabertura em 2024 - e a estátua em tamanho real na Praça Rui Barbosa, inaugurada em 2020.

Figura 09. A - Casa de Memórias e Lembranças de Chico Xavier; B - Eurípedes Humberto Higino dos Reis, 2022.



Fonte: A - Santos, André. Site Geoparque Uberaba. B – Siciliano, Mell.

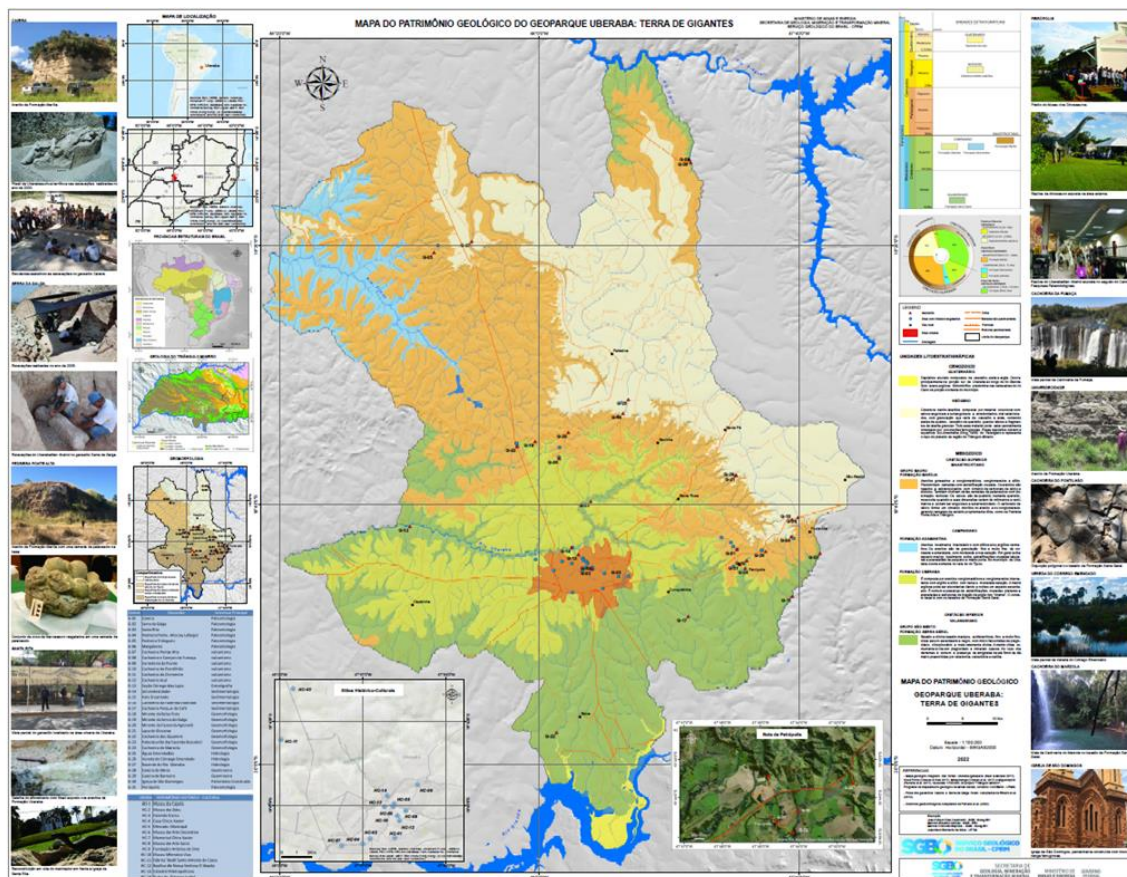
Os sítios listados no dossiê como de interesse geológico e/ou paleontológico são 31 (Quadro 02). No Mapa do patrimônio geológico do Geoparque Uberaba (Figura 10) é possível observar alguns destes sítios em mais detalhes.

Quadro 02 – Geossítios do Geoparque Uberaba

Sítio	Principal aspecto do sítio	Relevância
Caieira	Paleontologia	Internacional
Mangabeira	Paleontologia	Nacional
Pedreira Ponte Alta	Paleontologia	Internacional
Pedreira Triângulo e Partezan	Paleontologia	Internacional
Peirópolis	Paleontologia	Internacional
Santa Rita	Paleontologia	Nacional
Serra da Galga	Paleontologia	Internacional
Cachoeira Azul	Vulcanismo	Regional/Local
Cachoeira e Cânion da Fumaça	Vulcanismo	Nacional
Cachoeira Ponte Alta	Vulcanismo	Regional/Local
Cachoeira do Clemente	Vulcanismo	Regional/Local
Cachoeira do Pontilhão	Vulcanismo	Nacional
Cascata e Corredeiras da Ponte	Vulcanismo	Regional/Local
Córrego das Lajes	Estratigrafia	Nacional
Cachoeira Eldorado	Sedimentologia	Regional/Local
Cachoeira Parque do Café	Sedimentologia	Regional/Local
Univerdecidade	Sedimentologia	Nacional
Vale Encantado	Sedimentologia	Regional/Local
Cachoeira do Marzola	Geomorfologia	Regional/Local
Cachoeira dos Quartéis	Geomorfologia	Regional/Local
Lapa do Giovane/Gruta Nossa Sra. da Aparecida	Geomorfologia	Regional/Local
Mirante da Bela Vista	Geomorfologia	Regional/Local
Mirante da Fazenda Agronelli	Geomorfologia	Regional/Local
Mirante da Serra da Galga	Geomorfologia	Regional/Local
Paleoaluvião da Fazenda Boscobel	Geomorfologia	Regional/Local
Águas Emendadas	Hidrologia	Regional/Local
Nascente do Rio Uberaba	Hidrologia	Regional/Local
Vereda do Córrego Emendado	Hidrologia	Regional/Local
Caieira do Barreiro	Geomineiro	Regional/Local
Caieira do Meio	Geomineiro	Regional/Local
Igreja São Domingos	Patrimônio construído	Regional/Local

Fonte: Adaptado de Geoparque Uberaba (2022).

Figura 10. Mapa do patrimônio geológico do Geoparque Uberaba.



Fonte: SGB, 2022.

Uberaba está localizada na Bacia Bauru, território com rochas sedimentares das formações Uberaba e Marília, particularmente fossilíferas, o que resulta em uma região em que são encontrados fósseis de maneira expressiva, em ótimo estado de conservação, principalmente de grandes vertebrados (Geoparque Uberaba, 2022). Segundo dados do dossiê enviado pelo geoparque para a UNESCO (2022), pouco mais de 50% das regiões fossilíferas estão na zona urbana de Uberaba, o que faz com que muitos fósseis sejam encontrados durante obras na cidade, como, por exemplo, em construções de edifícios e estradas.

Esse cenário fez com que fosse necessária a criação e implantação de mecanismos para a proteção do material fóssil, como a portaria nº 003/2015, desenvolvida em conjunto pela Secretaria de Meio Ambiente (SEMAN), Secretaria de Serviços Urbanos e Obras (SESURB), Secretaria de Planejamento (SEPLAN) e a Secretaria de Obras (SEOB), que estabelece “os procedimentos para tramitação de Processos Administrativos de Movimentação de Solo, Escavação e/ou outros que interfiram ou possam interferir nas reservas fossilíferas no âmbito do Município de Uberaba” (Uberaba, 2015). O geoparque é mais uma iniciativa para a proteção dos fósseis e sítios paleontológicos no município.

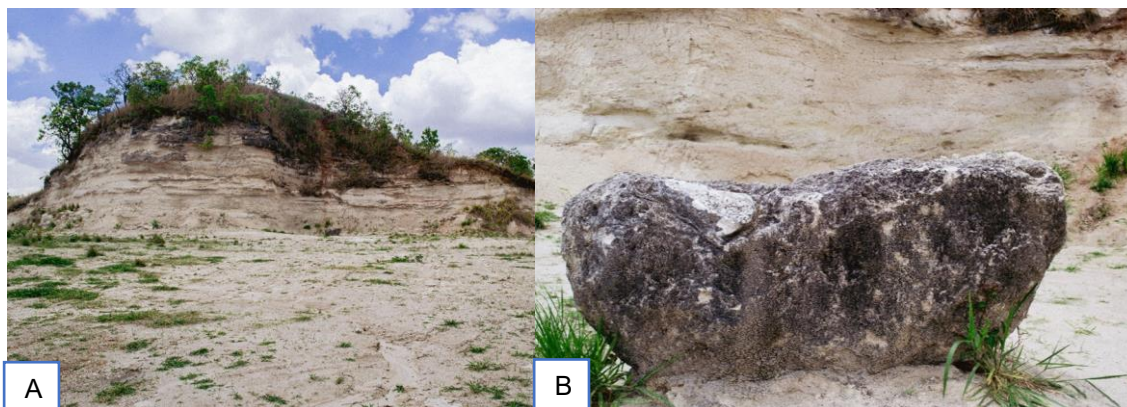
Dentre os geossítios listados, são sete os de interesse principalmente para a paleontologia:

- Caieira: localizado nas proximidades de Peirópolis, é também conhecido como Ponto 1 de Price, por ter sido o primeiro lugar de escavações sistemáticas feitas pelo pesquisador nos anos 1940. Foram descobertas 8 novas espécies de vertebrados nesta localidade (Figura 11);
- Mangabeira: geossítio de importância histórica por ser o local onde foram encontrados os primeiros fósseis de Uberaba, nos anos 1940, durante obras da ferrovia. Fica localizado a uma distância de 4km da Fazenda Agronelli, geossítio de interesse geomorfológico;
- Pedreira Ponte Alta: localizado na vila de Ponte Alta, é uma área privada, pertencente a empresa Lafarge. Pelo menos há 10 anos a mina está fora de operação. Lá foi encontrado o primeiro ninho de titanossauro do Brasil;
- Pedreira Triângulo e Partezan: localizado no km 50 da BR-050. É um ponto com alto risco de degradação devido à atividade mineradora. Para entrar, é preciso autorização da mineradora Triângulo, responsável pela exploração do local;
- Serra da Galga: geossítio de importância por ser o local onde foi encontrado o maior dinossauro do Brasil, o *Uberabatitan ribeiroi*. O espaço permite atividades de coleta sistemática, porém não oferece estruturas para visitaçãõ;
- Peirópolis: o principal geossítio de importância paleontológica do geoparque, onde está localizado o Museu dos Dinossauros e o Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price, instituições que recebem os fósseis encontrados em Uberaba;
- Santa Rita: o geossítio mais recente do geoparque, e o único de interesse paleontológico localizado em área urbana, no centro de Uberaba.

Cabe nota que no geossítio Univerdecidade (Figura 12), de principal interesse para a sedimentologia, foi instalada uma estátua – feita pelo paleoartista uberabense Rodolfo Nogueira – representando o dinossauro *Megarraptor*, cuja vértebra foi encontrada em Uberaba em 2011 em ocasião das obras para a construção do Hospital Regional. Neste geossítio não foram encontrados fósseis. Na visita de campo de 2022

a estátua estava exposta no Uberaba Shopping (Figura 13), tendo sido transferida posteriormente para o Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price, em Peirópolis.

Figura 11. A - Geossítio Caieira, 2019; B - Geossítio Caieira, 2019, detalhe, fóssil na rocha.



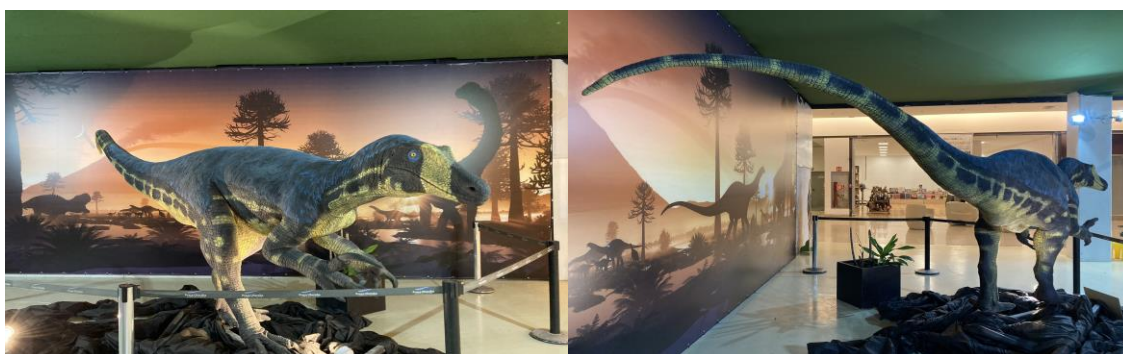
Fonte: Siciliano, Mell.

Figura 12. Geossítio Univerdecidade, 2022.



Fonte: Machado, Deusana.

Figura 13. Estátua *Megarraptor*, 2022.



Fonte: Siciliano, Mell.

É importante registrar a forte presença da atividade de artesanato em Uberaba. São diversas as associações que unem artesãos de todo o município. Próximo ao centro da cidade existem dois prédios com venda de produtos, o Centro de Artesanato e logo ao lado a loja da Associação das Mulheres Rurais de Uberaba e Região (AMUR), além dos pontos de venda mantidos pelas associações no segundo andar Mercado Municipal. Próximo a Praça Mogiana fica a sede da Casa do Artesão, espaço de produção coletiva. Os artesão de Uberaba já incorporaram os pilares do geoparque em sua produção, desenvolvendo *souvenirs* relacionados ao Zebu, Chico Xavier e Dinossauros.

Figura 14. A – Centro de Artesanato, 2022; B – Exemplo de *souvenir*, 2022.



Fonte: Siciliano, Mell.

Para este estudo foram considerados apenas os dois geossítios de interesse para a paleontologia listados nas mídias do geoparque quando a pesquisa foi iniciada: Peirópolis e Santa Rita. Os demais são locais de escavação que: ou não podem ser visitados (como o geossítio Pedreira Triângulo e Partezan), ou tem visitas apenas em ocasiões esporádicas, como é o caso do geossítio Caieira. Os geossítios Mangabeira e Serra da Galga ficam a cerca de 50km de Peirópolis, enquanto os geossítios Caieira e Pedreira Ponte Alta estão a uma curta distância do bairro rural; de todo o modo, atualmente, os fósseis encontrados nessas localidades são depositados no Museu dos Dinossauros e no Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price, ambas sediadas em Peirópolis.

Os dois geossítios que são foco deste trabalho apresentam espaços bem diferentes entre si quanto a localização, comunidade local e histórico/importância. A seguir, serão detalhadas as características de cada um, separadamente.

Figura 16. A – Espaço onde foi encontrado o fóssil que deu origem ao Geossítio Santa Rita, 2019; B – Geossítio Santa Rita, 2022.



Fonte: A - Google Street View. B - Amuny, Elioenai. Site Geoparque Uberaba.

Figura 17. Fragmento de úmero, Geossítio Santa Rita, 2022.



Fonte: Siciliano, Mell.

No local, e nas proximidades, foram instaladas reconstruções em vida - desenvolvidas por Rodolfo Nogueira - representando dinossauros encontrados no município, são elas: uma Maniraptora, um Titanossauro filhote e um Abelissauro filhote. A primeira delas, inaugurada em dezembro de 2020, foi instalada na Praça Manoel Terra, em frente à Igreja de Santa Rita (Lima, 2020) (Figura 18); as demais, instaladas em 2021, ficam no espaço próximo ao afloramento (Figura 19). Além disso, há uma área concedida para a implantação de restaurantes (até 2022 havia uma

choperia), uma Geoloja, com produtos desenvolvidos por artesãos locais, e um centro de informações, chamado Centro de Atendimento ao Turista.

Ainda em 2020, a reconstrução em vida da Maniraptora virou notícia pois apareceu danificada apenas dois dias após sua instalação, e em logo em seguida estava danificada novamente, dez dias depois de sua colocação na Praça Manoel Terra (Prata, 2021). O paleoartista responsável informou, em conversa com os pesquisadores, que os danos foram causados sem intenção, por moradores que se aproximaram da estátua e pisaram nas partes mais frágeis de sua estrutura. Uma contenção foi providenciada e colocada, de maneira que as partes mais frágeis da estátua estejam protegidas e as pessoas possam se aproximar sem riscos de causar avarias (Nogueira, 2021, entrevista).

Figura 18. Reconstrução em vida, Maniraptora, Praça Manoel Terra, 2022.



Fonte: Siciliano, Mell.

Figura 19. A – Reconstrução em vida, Titanossauro, Geossítio Santa Rita, 2022; B – Reconstrução em vida, Abelissauro, Geossítio Santa Rita, 2022.



Fonte: Siciliano, Mell.

Isto posto, nota-se que o geossítio Santa Rita é um local ainda recente, que foi aberto ao público durante a pandemia. Está localizado em uma parte do centro da cidade, com grande circulação de pessoas, pelo menos durante o horário comercial. A comunidade local, portanto, é formada principalmente por trabalhadores e transeuntes, e não por moradores do bairro. O afloramento em si fica próximo a calçada, e é possível vê-lo sem entrar nos outros espaços do geossítio, onde estão localizadas as estátuas. A ideia de instalar um restaurante/café no local, tornaria o geossítio um espaço de convivência não só para turistas, mas também para moradores de Uberaba. Pela facilidade de acesso, tem potencial de se tornar um importante ponto para o geoparque, seja do ponto de vista turístico, como também para o desenvolvimento de atividades de educação na cidade.

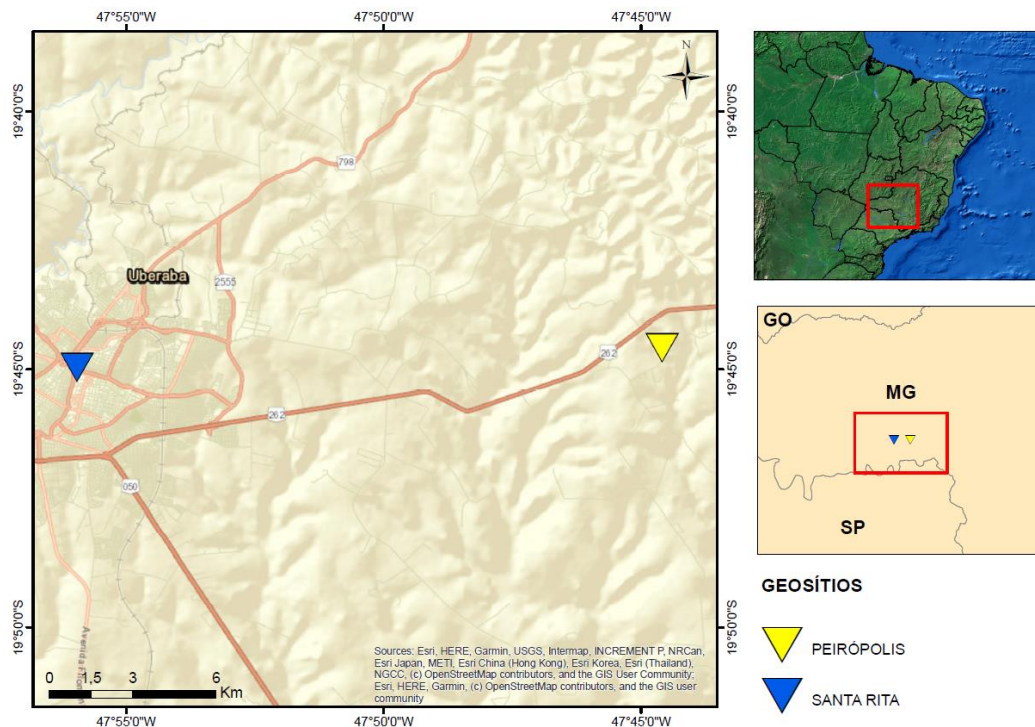
2.2 Geossítio Peirópolis

O Geossítio Peirópolis, localizado no bairro rural de mesmo nome, tem foco principal na paleontologia, e, quando da inauguração do espaço, contava com uma infraestrutura já pronta: o Museu dos Dinossauros, o Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price e o jardim. Do ponto de vista paleontológico é o sítio de maior importância do geoparque, devido a quantidade, diversidade, excelente grau de preservação e relevância dos fósseis que abriga em seu Museu, sendo a grande maioria materiais descobertos em Uberaba.

Peirópolis se situa a uma distância aproximada de 20 km do centro da cidade (Figura 20). Seu nome é uma homenagem ao imigrante espanhol Frederico Peiró, que se instalou na região – à época denominada Paineiras - em 1896 para explorar cal, o que ocasionou em modificações e melhorias para o lugar, como a fundação da escola

e de um posto de correios, no ano de 1910. A localidade foi batizada em sua homenagem em 1924 (Winter; Martinelli; Ribeiro, 2013).

Figura 20. Localização dos geossítios Peirópolis e Santa Rita.



O primeiro fóssil na região foi descoberto nos anos 1940. Em 1945, especificamente, o engenheiro Luiz Francisco Feijó Bittencourt encontrou fósseis nas obras de ampliação da malha ferroviária, mais especificamente na estação Mangabeira, próxima a Peirópolis. Dentre os achados, havia um fêmur de dinossauro. No ano seguinte, em 1946, foram reportados novos achados, incluindo um ovo de dinossauro – o primeiro de América do Sul - que, ao que parece, foi utilizado como bola de bocha por moradores da região (Cassab; Melo, 2016.).

Por essa razão, o paleontólogo Llewellyn Ivor Price – considerado o pai da paleontologia no Brasil – fez sua primeira visita a Peirópolis e região. Price trabalhava na então denominada Divisão de Geologia e Mineração; por isso, os achados fósseis feitos pelo pesquisador eram enviados para o Rio de Janeiro para estudo, e tinham como destino o Museu de Ciências do Departamento Nacional de Produção Mineral, localizado na Urca. Durante suas atividades em Peirópolis, Price teve a ajuda de dois auxiliares técnicos: Alberto Lopa e Langerton Neves (Winter; Martinelli; Ribeiro, 2013, Cassab; Melo, 2016).

Nesse período, e até meados dos anos 1960, as principais atividades da região eram: a mineração, como em toda a região do Triângulo Mineiro, e a agropecuária. Nesse cenário, a estação de trem era ponto importante. Eram quatro carros por dia, com destino à Uberaba e Ponte Alta, responsáveis não só pelo transporte de mercadorias, como também pela circulação de pessoas na região. O enfraquecimento do cultivo de alguns grãos, o encerramento das atividades mineradoras e o fechamento da estação ferroviária em 1980 geraram um cenário de declínio e esvaziamento de Peirópolis, visto que muitos moradores precisaram procurar emprego em outros locais (Winter; Martinelli; Ribeiro, 2013).

Mas, nos anos 1980, a riqueza paleontológica do local já era conhecida pela população. Nesta época, Beethoven Luiz Teixeira iniciou no bairro uma mobilização com a intenção de criar um museu em Peirópolis, de maneira que os fósseis se mantivessem no local, ao invés de serem enviados a grandes centros urbanos para estudo. Além disso, havia a preocupação com a exploração do calcário em locais onde era sabida a existência de registros fósseis, como no ponto que é conhecido hoje como geossítio Caieira (Figura 13). Foi então criada a Associação dos Amigos do Sítio Paleontológico de Peirópolis (AASPP). Após anos de negociação, foram inaugurados o Museu dos Dinossauros e o Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price, em 17 de julho de 1992 (Winter; Martinelli; Ribeiro, 2013).

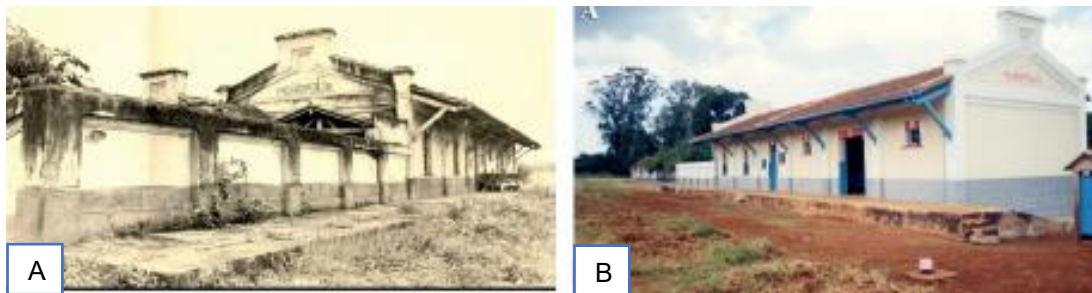
Desde então, iniciativas para proteção do patrimônio em Peirópolis foram sendo desenvolvidas. Um exemplo disso é que Peirópolis foi denominada Área de Proteção Especial (APE), e, em 2008, em substituição, foi denominada Monumento Natural Peirópolis, área Unidade de Conservação, através da Lei Municipal nº 10.339:

Parágrafo Único - O Monumento Natural Peirópolis é uma unidade de conservação que visa a garantir a preservação do depósito fossilífero e o estudo dos fósseis, bem como permitir o desenvolvimento regional por meio de atividades turísticas, científicas, culturais, educacionais, ecológicas e rurais.

Art. 2º Quaisquer atos que possam vir a alterar o quadro paisagístico e natural da área e, especificamente, intervenções tais como demolições, construções de toda espécie, movimentos de terra, interrupções ou desvios de curso d'água, aberturas e modificação de estradas ou caminhos, ficam sujeitas à aprovação do Conselho Gestor da Unidade de Conservação, bem como às diretrizes estabelecidas no seu Plano de Manejo (Uberaba, 2008).

Entretanto, até o momento, não foi elaborado o seu Plano de Manejo e o Monumento Natural não implementado, pois não consta das unidades de conservação da Secretaria de Meio Ambiente do município de Uberaba²⁴. Possivelmente, com o projeto do geoparque, o Monumento Natural se mesclou com seus geossítios.

Figura 21. A - Antiga estação de trem, 1980; B - Estação de trem logo após a reforma, 1992.



Fonte: Winter; Martinelli; Ribeiro, 2013.

Figura 22. Museu dos Dinossauros, 2022.



Fonte: Machado, Deusana.

Figura 23. A – Montagem da réplica de dinossauro, localizada na área externa do Museu, 1995.; B – Uma das réplicas de dinossauro do jardim do Museu dos Dinossauros em Peirópolis, 2022.

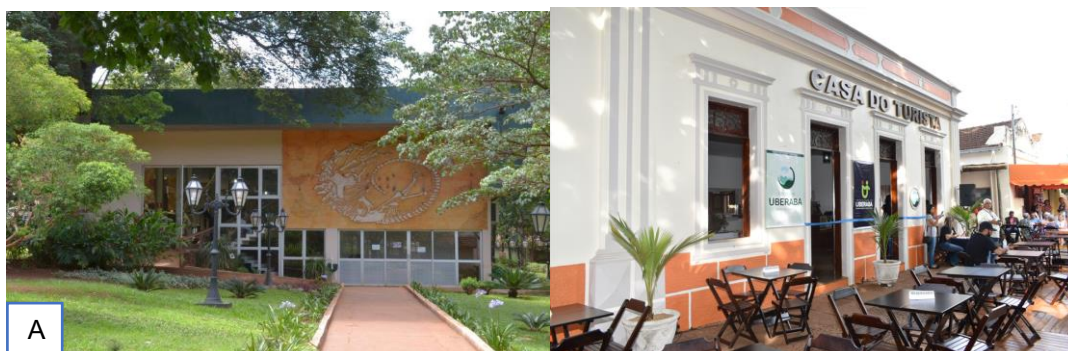


Fonte: A - Winter; Martinelli; Ribeiro, 2013. B - Siciliano, Mell.

²⁴ <https://portal.uberaba.mg.gov.br/secretarias/meio-ambiente>

Em 2018, o Geossítio Peirópolis foi inaugurado oficialmente como parte integrante do Geoparque Uberaba, abrangendo o Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price, o Museu dos Dinossauros, seu jardim e todo o casario histórico. Em frente ao museu há um espaço chamado Casa do Turista, onde é possível almoçar e comprar produtos relacionados ao geoparque; ao lado da casa do turista está a Associação das Doceiras de Peirópolis, uma cooperativa que vende doces caseiros e, também, alguns *souvenirs*.

Figura 24. A – Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price; B – Casa do Turista, 2019.



Fonte: A - Adolfo, Luís. Site Geoparque Uberaba. B – Prefeitura de Uberaba.

Hoje em dia a agropecuária se mantém como atividade econômica, mas a atividade mineradora deu lugar ao turismo, que se vale principalmente da figura do dinossauro. Boa parte dos estabelecimentos locais, por exemplo, tem o universo dos dinossauros contemplado em suas nomenclatura e/ou identidade visual, como: a Pousada Lago dos Dinossauros, os restaurantes Caçarola do Dino e Toca dos Dinossauros, o Jurassic Bar, o trailer de comida Dino Food e a Maniraptora Sorveteria (Figura 25). Importante ressaltar que a maioria desses estabelecimentos funciona apenas aos finais de semana, quando o fluxo de visitantes é maior.

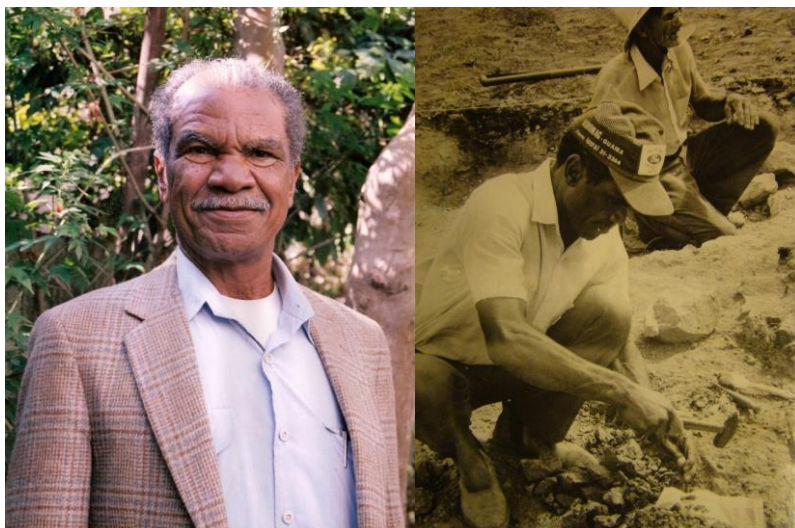
Um ponto de interesse na região que cabe mencionar, indiretamente ligado ao patrimônio paleontológico, é o Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo, que, quando da sua fundação, esteve sob coordenação do médium Langerton Neves da Cunha (Figura 26). Langerton - personalidade local muito conhecida pelos seus achados fósseis - nasceu em Jubai/MG, mas viveu boa parte de sua vida em Peirópolis. Mudou-se para a região e começou a trabalhar como auxiliar de escavações com Price; alguns anos depois fundou o Centro Espírita em uma chácara de sua propriedade (Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo, 2017). Dentre os visitantes desse centro espírita, estava Chico Xavier, figura que, como já mencionado, representa um importante aspecto do Geoparque Uberaba (Winter; Martinelli; Ribeiro, 2013).

Figura 25. Estabelecimentos que fazem referência ao patrimônio paleontológico local (dinossauros), 2022.



Fonte: Siciliano, Mell.

Figura 26. Langerton Neves da Cunha.



Fonte: Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo, 2017.

É nítido o papel de Peirópolis para a história da paleontologia em Uberaba. Logo, para além da importância relacionada aos achados fósseis da localidade, o Geossítio Peirópolis é um lugar de importância histórica do Geoparque. Está localizado em um bairro rural, onde houve um envolvimento de pelo menos parte dos moradores em prol da preservação dos fósseis. Essa comunidade local é formada principalmente por moradores, que tiram seus sustento da atividade agrícola ou do turismo, mesclada com a presença de trabalhadores que não moram no bairro, vindos da área urbana do município e também de regiões vizinhas, como Ponte Alta. E, ao contrário do Geossítio Santa Rita, seu potencial turístico e educacional já está estabelecido.

CAPÍTULO 3

COMUNIDADE LOCAL: A RELAÇÃO COM OS FÓSSEIS

3 Comunidade local: a relação com os fósseis

Neste capítulo é traçado um perfil dos entrevistados, com base na primeira parte da ficha preenchida pelos participantes (Apêndice C), e, nas observações e anotações feitas pela pesquisadora durante a etapa de campo. Também são analisadas as respostas das perguntas 3, 4, 5 e 6 da segunda parte das entrevistas, de modo a compreender a apreensão do patrimônio paleontológico pelos participantes em Santa Rita e Peirópolis.

As análises se iniciam nas perguntas que buscavam uma aproximação mais direta com o problema de pesquisa (“Você já ouviu falar em fóssil?”, “Quando eu falo a palavra fóssil, o que vem a sua mente?” e “Existem fósseis aqui em Peirópolis/Santa Rita?”). A primeira e a última são do tipo Sim/Não e, por isso, foram facilmente tabuladas para análise com o auxílio do programa Microsoft Excel.

Já a pergunta “Quando eu falo a palavra fóssil, o que vem a sua mente?”, visava obter informações através da associação de palavras, e, como esperado, a grande maioria dos entrevistados citou uma ou duas palavras; uma minoria tentou explicar o que seriam os fósseis e, nesse caso, para sistematizar as informações obtidas, foram selecionadas palavras-chave nas falas dos participantes, nomeadamente substantivos e expressões que carregavam a principal carga semântica da fala. Por exemplo, um dos participantes respondeu: “Ah... são... é... animais pré-históricos que viraram... que... que... com... com o passar de centenas ou milhares de anos viraram uma espécie de pedra, enterrada no fundo do solo, na minha visão é assim.”, nessa fala as palavras-chave selecionadas foram “animais pré-históricos” e “pedra”. No total foram obtidos 69 termos.

A seguir, foi feita uma normalização manual dos termos: palavras no plural e no singular foram mantidas apenas em uma das formas (exemplo: ossos e osso), e – conforme recomendado por Bardin (2011) - palavras e expressões com a mesma ideia semântica foram agrupadas em um único termo (exemplo: coisa antiga, coisas antigas, coisas da antiguidade, coisa muito antiga, objetos antigos, algo muito antigo, algo estagnado no tempo; foram agrupados em: antigo).

A pergunta “Em sua opinião, fóssil é uma coisa importante? Por quê?” é, em sua primeira parte, do tipo Sim/Não. O detalhamento gerou respostas mais complexas por parte dos participantes; e, por isso, as respostas foram interpretadas e categorizadas de acordo com seu conteúdo. Importante ressaltar que as classificações foram feitas pela pesquisadora de acordo com as respostas dadas pelos participantes, e, em alguns casos, uma mesma fala poderia ser classificada em mais de uma

categoria. Para fins de análise, foi dada prioridade ao motivo mais enfatizado pelo entrevistado.

3.1 Perfil dos entrevistados: Santa Rita

Como detalhado no Capítulo 2, o Geossítio Santa Rita está localizado no centro de Uberaba, um espaço urbano, heterogêneo, em que há uma maior circulação de pessoas. Em 2015 foi encontrado o primeiro fóssil na localidade (Ribeiro, 2021, entrevista), e, em final de 2020 foi inaugurado o geossítio. A relação das comunidades deste bairro com um espaço dedicado ao patrimônio paleontológico local é, portanto, recente. A comunidade da região descreve Santa Rita como um bairro comercial, com maior número de escritórios e lojas, e com poucas construções residenciais. Por isso, mais movimentado no horário comercial, com queda de circulação de pessoas no período da noite. Também descrevem o local como um ponto turístico, ressaltando a presença do Mercado Municipal e da Igreja de Santa Rita nas proximidades, que representam parte histórica da cidade.

As entrevistas foram realizadas principalmente nas proximidades do geossítio, respeitando o raio de 3km previamente estipulado. Na Tabela 01, constam os locais em que as entrevistas foram realizadas e a quantidade de participantes por localidade. Em Santa Rita, de modo geral, as pessoas se mostraram mais reticentes em participar da entrevista, principalmente por causa da gravação e da necessidade de assinatura do TCLE; por isso, muitas vezes, a primeira abordagem servia apenas para a apresentação dos pesquisadores e do trabalho, e os participantes então solicitavam um tempo para pensar. Em vários casos, as pessoas abordadas optaram por não participar, e, em outros, a entrevista foi realizada em data posterior, como foi, por exemplo, com os entrevistados da Choperia Santa Rita e do Hotel Ibis. Em algumas situações, foi necessário que alguém se prontificasse a participar, e, após o relato deste participante, outras pessoas no local se sentiram estimuladas a fazer parte da pesquisa; isso aconteceu na Biblioteca Municipal e no Mercado Municipal.

Dos 30 participantes, a grande maioria é do sexo feminino (77%), como demonstrado no Gráfico 01. Via de regra, as mulheres foram mais receptivas e abertas a falar com os pesquisadores, enquanto os homens apresentaram um comportamento maior de desconfiança, principalmente ao saberem que suas respostas seriam registradas.

Tabela 01 – Quantidade de entrevistados em Santa Rita por local.

Local	Total (n)
Ruas do centro	6
Biblioteca Municipal	4
Mercado Municipal	4
Hotel Ibis	2
Choperia Santa Rita	2
Igreja São Domingos	2
Praça Mogiana	2
Shopping Uberaba	2
Centro de Atendimento ao Turista	1
Casa do artesão – Mogiana	1
Casa do artesão	1
Igreja Santa Rita (Museu de Arte Sacra)	1
Museu do Zebu	1
Praça da Concha Acústica	1
Total	30

Fonte: dados de pesquisa.

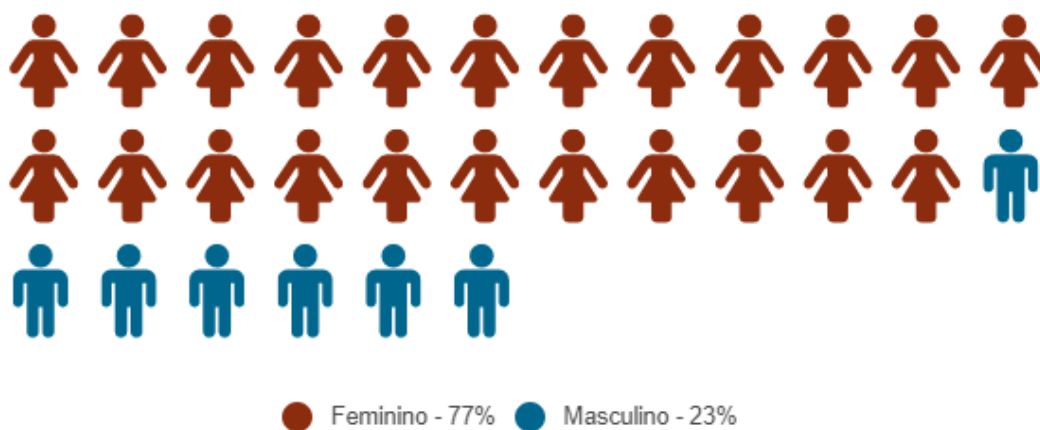


Gráfico 01 – Perfil dos participantes em Santa Rita: gênero. Fonte: dados de pesquisa.

No quesito idade, a maioria – 33% – dos entrevistados está na faixa dos 35 a 44 anos, seguido pela faixa dos 45 a 54 anos (23%) e pela faixa dos 25 a 34 anos (20%) (Gráfico 02). Ou seja, mais da metade dos entrevistados em Santa Rita tem entre 25 e 54 anos, um grupo que se enquadra na chamada População Economicamente Ativa (PEA), que, segundo o IBGE, engloba pessoas entre 10 e 65 anos de idade.

Tabela 02 – Perfil dos participantes em Santa Rita: idade.

Faixa de Idade	Total (n)	%
18 a 24	1	3%
25 a 34	6	20%
35 a 44	10	33%
45 a 54	7	23%
55 a 64	3	10%
65 ou mais	3	10%
Total	30	100%

Fonte: dados de pesquisa.

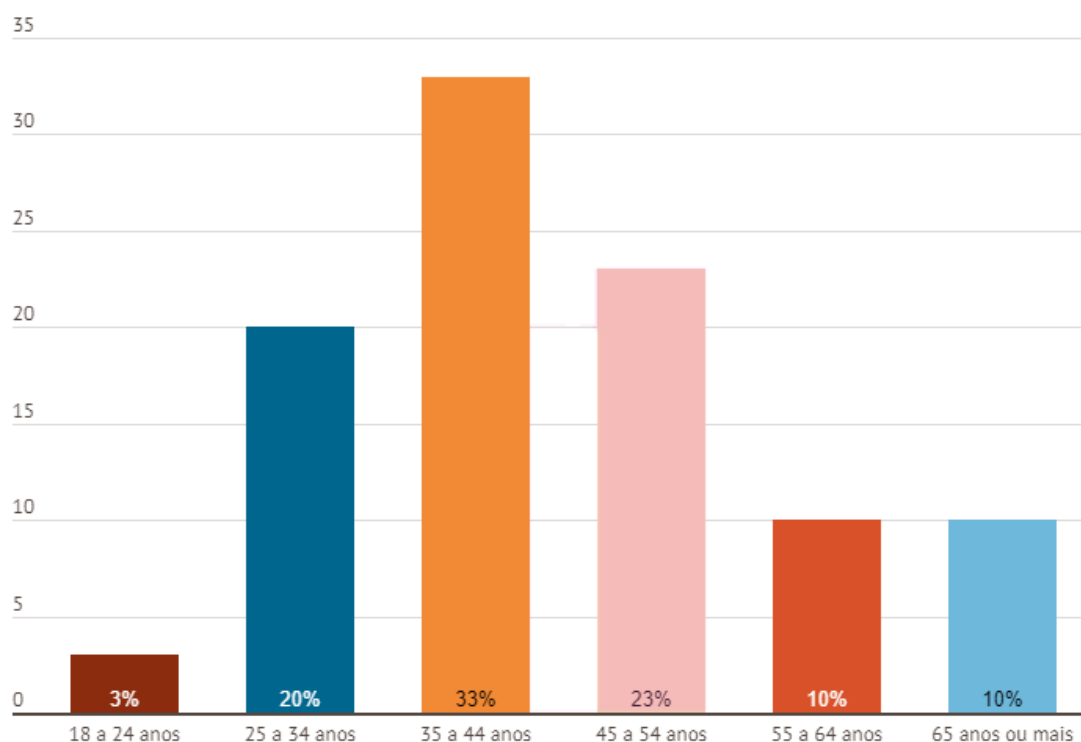


Gráfico 02 – Perfil dos participantes em Santa Rita: idade. Fonte: dados de pesquisa.

Quanto à escolaridade, a maioria dos entrevistados (23%) tem o Ensino Médio Completo, seguido de Ensino Superior Incompleto (20%) e Ensino Superior Completo (20%), como ilustrado no Gráfico 03. Os resultados vão ao encontro aos dados do IBGE (2010), que apontam que Uberaba é um município com alto nível de escolaridade.

Tabela 03 – Perfil dos participantes em Santa Rita: escolaridade.

Escolaridade	Total (n)	%
Ensino médio completo	7	23%
Ensino superior completo	6	20%
Ensino superior incompleto	6	20%
Especialização	5	17%
Doutorado	3	10%
Ensino fundamental incompleto	2	7%
Ensino médio incompleto	1	3%
Total	30	100%

Fonte: dados de pesquisa.

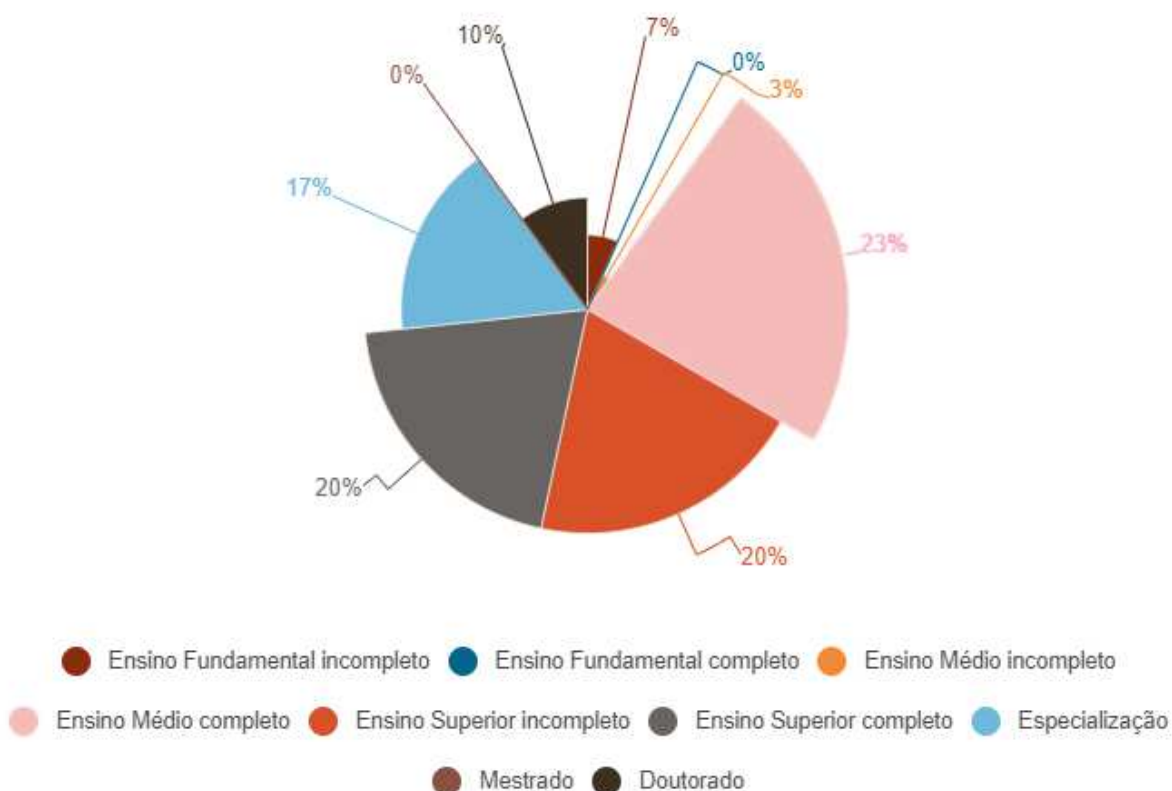


Gráfico 03 – Perfil dos participantes em Santa Rita: escolaridade. Fonte: dados de pesquisa.

Em suma, o grupo de participantes de Santa Rita é formado majoritariamente por mulheres, em sua maioria os participantes têm entre 25 e 54 anos e um alto nível de escolaridade. Cabe nota que alguns entrevistados relataram, durante a interlocução, não terem nascido em Uberaba, mas que moram na cidade há muitos anos, e outros relataram ter saído da cidade por alguns anos a trabalho/estudo e depois retornaram.

3.2 Perfil dos entrevistados: Peirópolis

Já em Peirópolis, a relação da comunidade com o patrimônio paleontológico é de longa data, precedendo a criação do Geoparque Uberaba. Além disso, conforme exposto no Capítulo 2, houve interesse e participação de pelo menos uma parcela da comunidade para a proteção deste patrimônio, através da associação de moradores. As pessoas descrevem Peirópolis como um lugar calmo, com poucas ocorrências de incidentes que precisem de intervenção da força policial. Durante os finais de semana, relatam que o bairro fica lotado de visitantes; não só de Uberaba, mas do Brasil como um todo, e também do exterior, que viajam até Peirópolis em busca dos dinossauros, da comida mineira oferecida pelos restaurantes e dos atrativos naturais, como as cachoeiras.

As entrevistas foram realizadas principalmente nos arredores do Museu dos Dinossauros, como na Escola Municipal e na associação das doceiras. Algumas entrevistas foram conduzidas nas residências dos participantes, graças à uma moradora que não só participou da pesquisa, como também se dispôs a caminhar com os pesquisadores pelo bairro e indicar alguns moradores que ela julgava que gostariam de contribuir com o trabalho. A presença desta moradora foi importantíssima, e fez com que alguns participantes abrissem a porta de suas casas e recebessem os pesquisadores. Cabe ainda mencionar que, em comparação com Santa Rita, os participantes se mostraram mais curiosos e receptivos em relação à pesquisa, não se incomodando em serem gravados; ainda sim, algumas coisas foram ditas apenas quando o gravador foi desligado. Na Tabela 04 estão listadas as localidades onde ocorreram as entrevistas e a quantidade de participantes por local.

Tabela 04 – Quantidade de entrevistados em Peirópolis por local.

Local	Total (n)
Escola Municipal Frederico Peiró	9
Residência do participante	8
Associação Comunitária Peirópolis Artesanato e Doces	3
Ruas de Peirópolis	3
Centro de pesquisas - UFTM	2
Centro de informações turísticas	2
Sorveteria	1
Pousada Lago dos Dinossauros	1
Casa do Turista	1
Total	30

Fonte: dados de pesquisa.

Em Peirópolis, do mesmo modo que em Santa Rita, a maioria dos participantes é do sexo feminino, 73% (Gráfico 04). Uma peculiaridade de Peirópolis é que, durante o dia (horário comercial), uma parcela dos homens estava trabalhando na lavoura, e por isso só era possível falar com suas esposas.

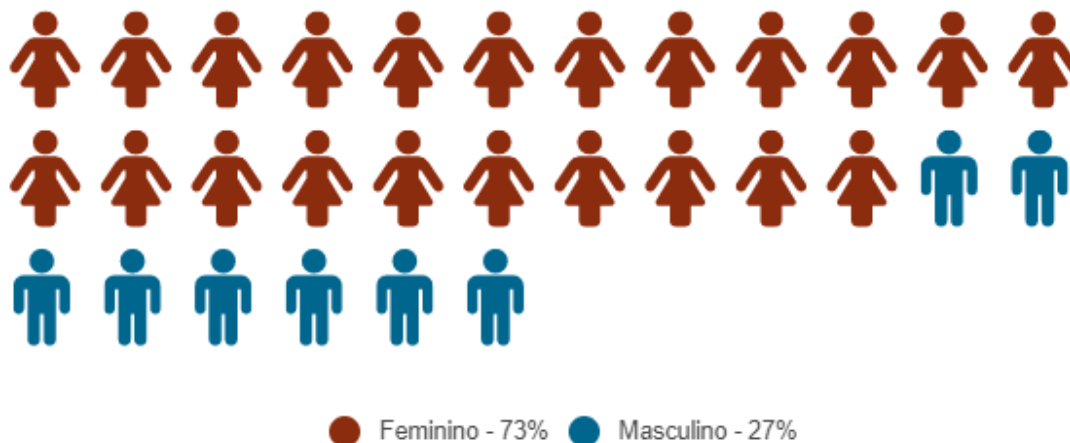


Gráfico 04 – Perfil dos participantes em Peirópolis: gênero. Fonte: dados de pesquisa.

No quesito idade, porém, há uma diferença de perfil. Em Peirópolis, a maioria dos entrevistados está nas faixas de 35 a 44 anos (30%), empatada com a faixa de 55 a 64 anos (30%), em seguida, com 23%, está a faixa de 65 anos ou mais (Gráfico 05). Logo, mais da metade dos entrevistados está na faixa entre 35 e 65 anos ou mais, uma população mais velha em comparação com Santa Rita.

Tabela 05 – Perfil dos participantes em Peirópolis: idade.

Faixa de Idade	Total (n)	%
18 a 24	0	0%
25 a 34	1	3%
35 a 44	9	30%
45 a 54	4	13%
55 a 64	9	30%
65 ou mais	7	23%
Total	30	100%

Fonte: dados de pesquisa.

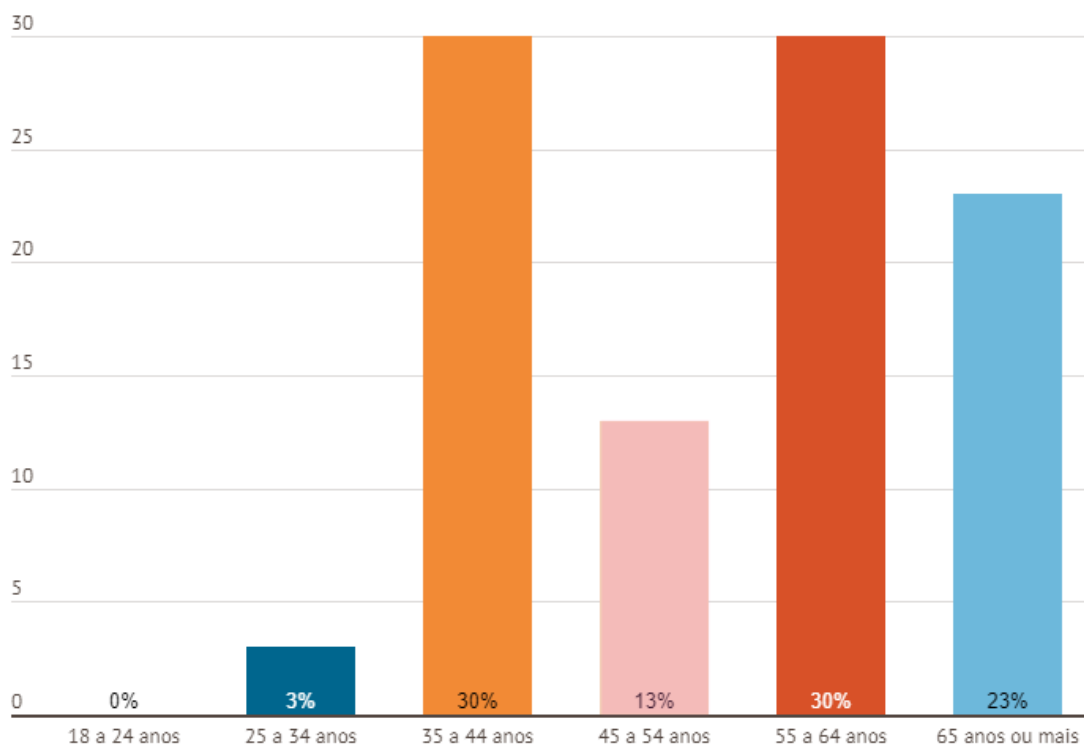


Gráfico 05 – Perfil dos participantes em Peirópolis: idade. Fonte: dados de pesquisa.

Quanto à escolaridade, o perfil também se apresenta diferente daquele de Santa Rita. Enquanto 23% dos entrevistados apontaram como nível de escolaridade a Especialização, também 23% têm o Ensino Médio completo, seguido de 17% com Ensino Fundamental incompleto (Gráfico 06). Dada a discrepância entre os três primeiros níveis de escolaridade que aparecem com maior incidência, cabe um olhar mais detalhado, de modo a melhor compreender a população entrevistada na região.

Tabela 06 – Perfil dos participantes em Peirópolis: escolaridade.

Escolaridade	Total (n)	%
Especialização	7	23%
Ensino médio completo	7	23%
Ensino fundamental incompleto	5	17%
Ensino fundamental completo	4	13%
Ensino superior incompleto	3	10%
Ensino superior completo	2	7%
Ensino médio incompleto	2	7%
Total	30	100%

Fonte: dados de pesquisa

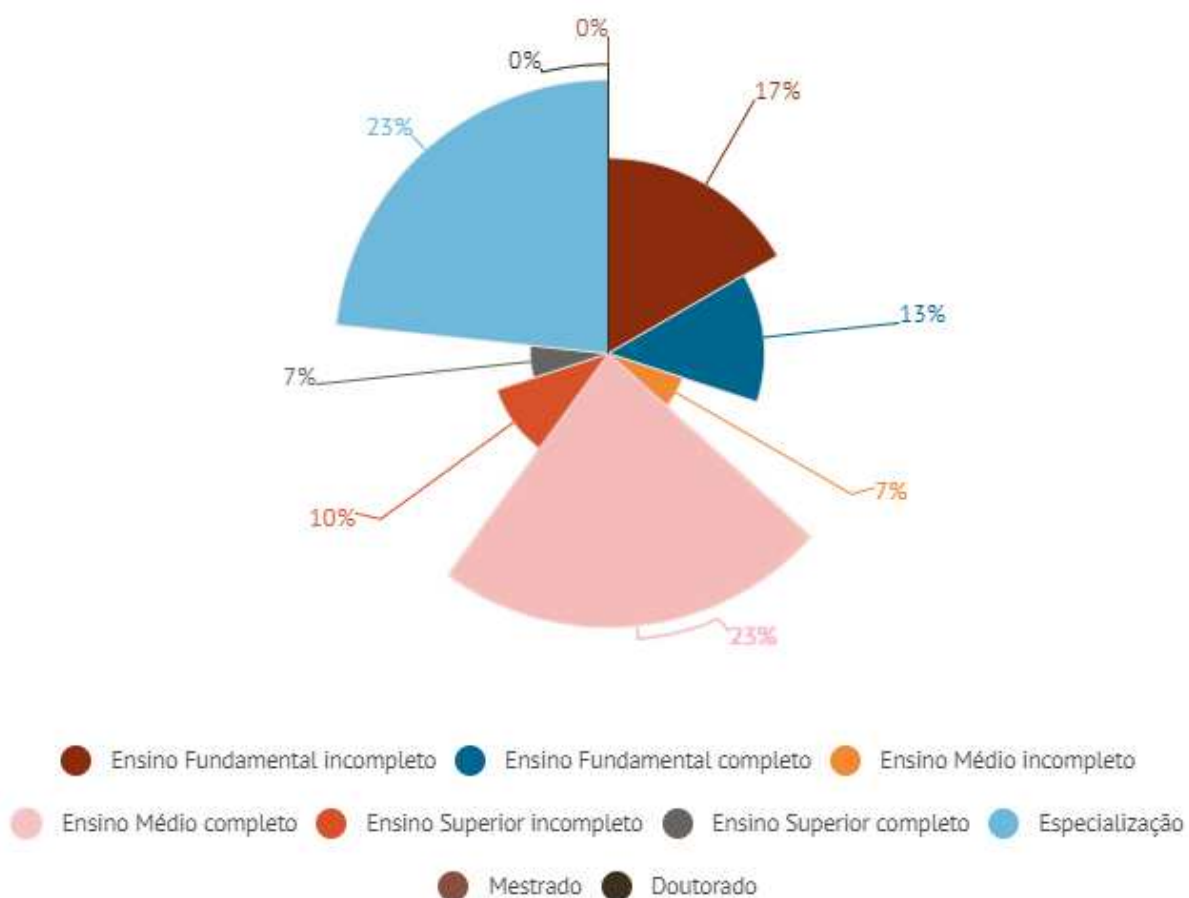


Gráfico 06 – Perfil dos participantes em Peirópolis: escolaridade. Fonte: dados de pesquisa.

Os participantes com Especialização é um grupo formado por pessoas que trabalham em Peirópolis, em funções na Escola Municipal e, também, donos de estabelecimentos. Já dentre os grupos com Ensino Médio completo e Ensino Fundamental incompleto a questão da idade pode ser um ponto chave, visto que o primeiro é formado em sua maioria por pessoas na faixa de 35 a 44 anos e o segundo é formado majoritariamente por pessoas com 65 anos ou mais.

Pode-se caracterizar os entrevistados desta área majoritariamente como moradores de Peirópolis, que também trabalham no bairro, seja em atividades agrícolas ou de turismo. Dentre os participantes, existe uma bolha formada por trabalhadores da Escola Municipal, que não residem em Peirópolis, mas sim na área urbana de Uberaba, e fazem o trajeto de ida e volta do bairro rural todos os dias.

Assim como em Santa Rita, a maioria dos participantes são mulheres. A população é mais velha, estando na faixa entre 35 e 65 anos ou mais. Quanto a escolaridade, a maioria têm entre Ensino Fundamental e Ensino Médio. Os participantes que têm Especialização são funcionários da Escola Municipal e donos de estabelecimentos. É importante mencionar que, enquanto a maioria dos moradores entrevistados nasceu em Peirópolis, os participantes dessa pesquisa que são donos de estabelecimento são pessoas que não nasceram no bairro, mas se mudaram posteriormente para o local.

3.3A apreensão do patrimônio paleontológico: Santa Rita e Peirópolis

Para entender melhor a apreensão do patrimônio paleontológico pelos participantes da pesquisa, foram aplicadas quatro perguntas. A primeira delas, “Você já ouviu falar em fóssil?”, foi respondida de maneira afirmativa por todos os 60 entrevistados (Gráfico 07). Tal resultado demonstra que há uma difusão de temas relacionados à paleontologia em Uberaba, de modo que o termo fóssil não é uma palavra estranha aos seus moradores.

A seguir, com a pergunta “Quando eu falo a palavra fóssil, o que vem em sua mente?” buscou-se compreender o que os participantes entendiam pelo termo fóssil, através do uso de associação de palavras. Na Tabela 07, é possível ver todos os termos mencionados por localidade e no total; e na nuvem de palavras (Gráfico 08) destacam-se os termos mais mencionados: Dinossauro (26 ocorrências), seguido de Osso (11 ocorrências) e Antigo (7 ocorrências).

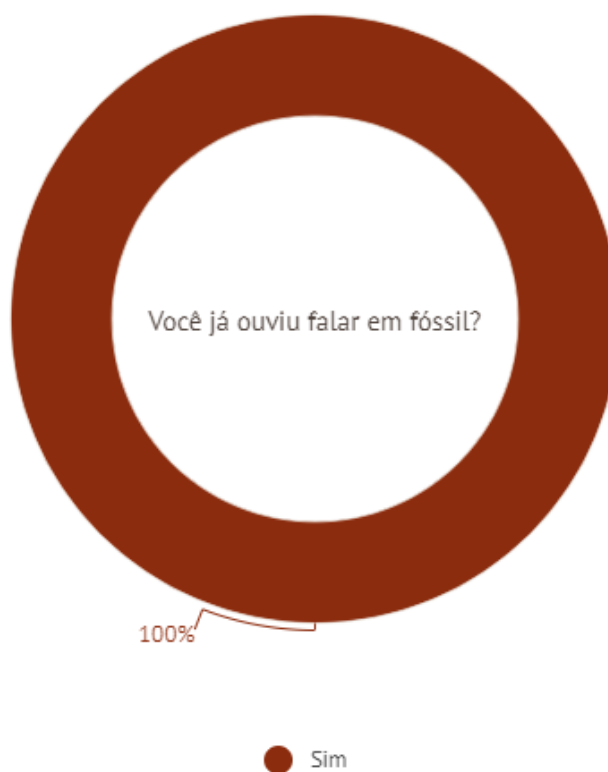


Gráfico 07 – Você já ouviu falar em fóssil? Fonte: dados de pesquisa.

Tabela 07 – Termos da nuvem de palavras em números absolutos separados por localidade.

Termo	Santa Rita (n)	Peirópolis (n)	Total (n)
Dinossauro	12	14	26
Osso	6	5	11
Antigo	4	3	7
Peirópolis	4	0	4
Animais extintos	2	2	4
Escavação	2	1	3
Pedra	2	1	3
História	1	1	2
Museu dos Dinossauros	1	1	2
Resquício	0	2	2
Problema	1	0	1
Importante	0	1	1
Extensão	0	1	1
Ovos	1	0	1
Petróleo	1	0	1

Fonte: dados de pesquisa.

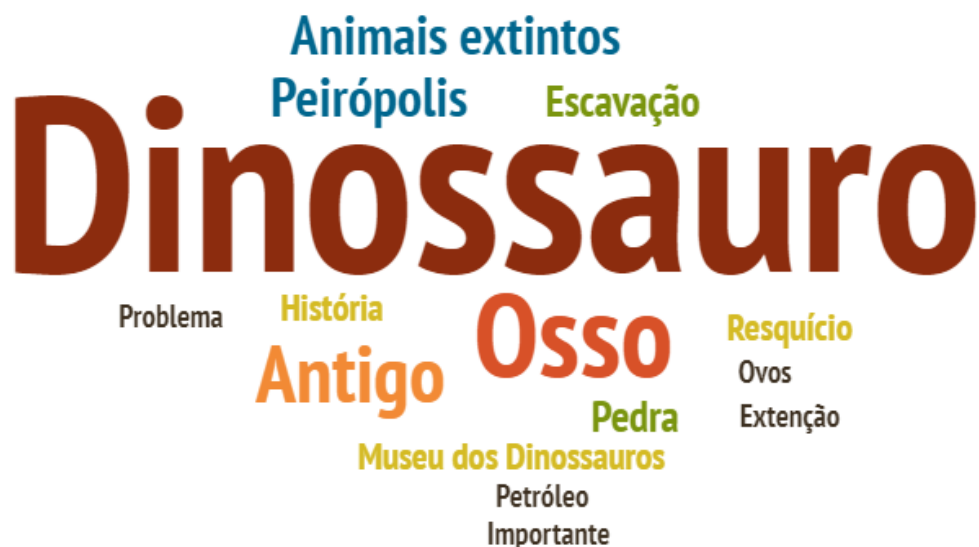


Gráfico 08 – Palavras associadas pelos entrevistados ao termo fóssil. Fonte: Dados de pesquisa.

Ao observar os termos associados à palavra fóssil percebe-se que as conexões estabelecidas estão, de modo geral, intimamente relacionadas à realidade local. Termos como Dinossauro, Osso, Escavação e Museu dos Dinossauros, por exemplo, estabelecem forte conexão com os achados paleontológicos da cidade. Ainda que o termo Dinossauro possa ser encarado também como um tipo de conexão mais generalista, visto o apelo que exercem no grande público, essa palavra remete igualmente ao “carro-chefe” paleontológico do Geoparque Uberaba; ademais, alguns entrevistados expressaram claramente a relação com o patrimônio local, ao responder essa pergunta de forma mais completa:

“Sendo morador de Uberaba, os dinossauros.”

Donato, Santa Rita.

“Oh, atualmente vem é... dinossauro (...) Porque eu moro aqui.”

Dona Denise, Peirópolis

Conforme pode ser visto na Tabela 07, em um recorte por localidade, os três termos mais mencionados em Santa Rita foram: Dinossauro (12 ocorrências), Osso (6 ocorrências) e, empatados, Antigo (4 ocorrências) e Peirópolis (4 ocorrências). Em Peirópolis, os três termos mais mencionados foram: Dinossauro (14 ocorrências), Osso (5 ocorrências) e Antigo (3 ocorrências). Sendo assim, é possível perceber que não há diferença expressiva entre ambas as localidades. Cabe, porém, um olhar mais atento em relação a algumas particularidades.

O termo Peirópolis foi dito apenas pelos entrevistados em Santa Rita, o que é um indício de que, para os moradores de Uberaba, há uma estreita relação entre os fósseis e essa localidade, corroborando a importância histórica de Peirópolis para a preservação e divulgação do patrimônio paleontológico em Uberaba. A palavra Problema foi mencionada apenas uma vez, em Santa Rita, por um empresário. Em suas palavras:

"É... um problema grande entre a necessidade de se preservar o fóssil, e a necessidade de... desenvolvimento humano."

Diego, Santa Rita

Apesar deste ser o único participante que falou em termos de problema, a temática das interrupções de obras por causa dos achados fósseis perpassou a fala de outros entrevistados de Santa Rita, em diferentes momentos das interlocuções. Em uma delas, por exemplo, a participante só expressou seu incomodo após o encerramento da entrevista, com o gravador desligado. Disse que, apesar de achar interessante os fósseis e dinossauros, em sua opinião, era melhor "deixar quieto o bichinho lá", não vendo sentido em "destruir o centro para poder achar osso".

A questão das obras surgiu também em momentos em que os participantes buscavam explicar alguma fala, como por exemplo ao afirmar que existiam sim fósseis na região pois eles lembravam que foi necessária a interrupção de alguma obra para o resgate do fóssil. Os únicos participantes de Peirópolis que mencionaram essa questão foram profissionais da escola municipal que residiam fora do bairro rural, na área urbana de Uberaba. Ou seja, pode-se inferir que, pelo menos para os moradores e trabalhadores da área urbana de Uberaba, a necessidade de interrupção de obras por causa dos fósseis é algo de certo modo, marcante.

A seguir, os participantes foram questionados se existiam fósseis na região (Santa Rita e Peirópolis): "E existem fósseis aqui em Santa Rita/Peirópolis?". A maioria dos entrevistados (85%) afirmou ter conhecimento da existência de fósseis na localidade, 13% não souberam informar e 2% disseram que não existiam (Gráfico 09).

Tabela 08 – Existem fósseis pela região?

Resposta	Santa Rita (n)	Peirópolis (n)	Total (n)	%
Sim	21	30	51	85%
Não	1	0	1	13%
Não sei	8	0	8	2%
Total (n)	30	30	60	100%

Fonte: dados de pesquisa

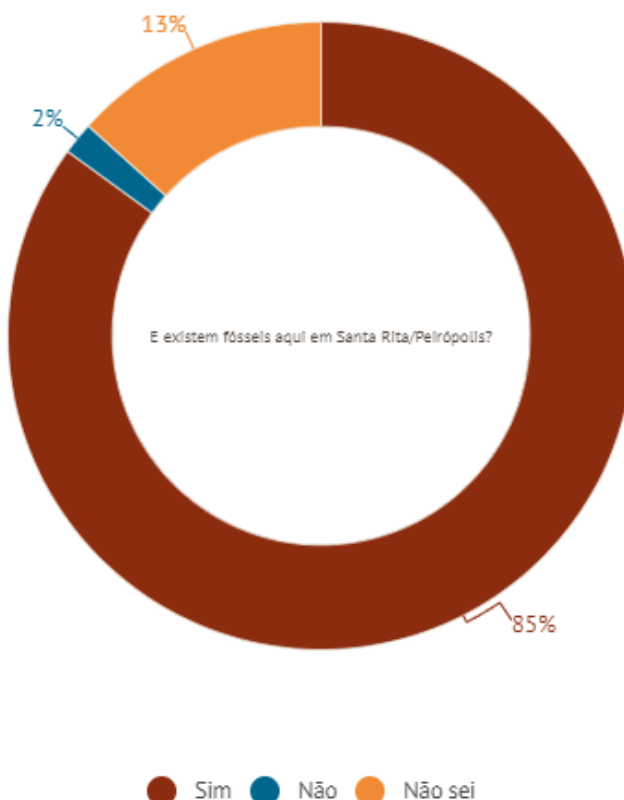


Gráfico 09 – Existem fósseis pela região? Fonte: dados de pesquisa

Dentre os 85% que responderam que sim, existem fósseis, 21 são participantes do bairro de Santa Rita, e 30 de Peirópolis. Sendo assim, os demais, que responderam Não (2%) e Não sei (13%) são participantes localizados em Santa Rita (Tabela 08). Isto pode estar relacionado ao fato de que o Geossítio Santa Rita é muito recente, e os participantes que responderam de forma negativa não têm conhecimento da sua existência, como no exemplo:

"Aqui nesse bairro, especificamente, eu não tenho conhecimento. Mas lá em Peirópolis, que ele é um distrito daqui de Uberaba, eu sei que tem bastante."

Dafne, Santa Rita

"É... não, que eu saiba aqui não. É em Peirópolis."

Dominique, Santa Rita

Em seguida, vários dos participantes que responderam à pergunta de forma afirmativa, deram exemplos para justificar sua fala. Em alguns casos, um mesmo participante deu mais de um exemplo. Em Santa Rita foi mencionado o próprio geossítio Santa Rita (11 ocorrências), Peirópolis (8 ocorrências), a obra do Shopping Praça Uberaba (3 ocorrências), Geoparque (1 ocorrência) e "Uberaba como um todo" (1 ocorrência). Em Peirópolis, os exemplos citados foram: Museu dos Dinossauros (11 ocorrências), Locais de escavação (8 ocorrências), Caieira (2 ocorrências), a obra do Shopping Praça Uberaba (2 ocorrências), Peirópolis (1 ocorrência), Rodovia (1 ocorrência), Uberaba (1 ocorrência).

Os resultados refletem a história das localidades. Embora sejam encontrados fósseis na área urbana de Uberaba com certa frequência, o geossítio Santa Rita foi inaugurado em final de 2020; logo, a convivência mais cotidiana com um espaço dedicado ao patrimônio paleontológico é mais recente nessa região, quando comparada à experiência da população de Peirópolis, que convive com esta realidade pelo menos desde os anos 1950, com uma ligação que foi fortalecida ao longo do tempo.

3.4 A importância dos fósseis

A pergunta "Na sua opinião, o fóssil é uma coisa importante?", foi respondida de maneira afirmativa por quase a totalidade dos participantes, 92% (Gráfico 10).

Tabela 09 – Na sua opinião, o fóssil é uma coisa importante?

Resposta	Santa Rita (n)	Peirópolis (n)	Total (n)	%
Sim	29	26	55	92%
Não	1	1	2	3%
Depende	0	3	3	5%
Total (n)	30	30	60	100%

Fonte: dados de pesquisa

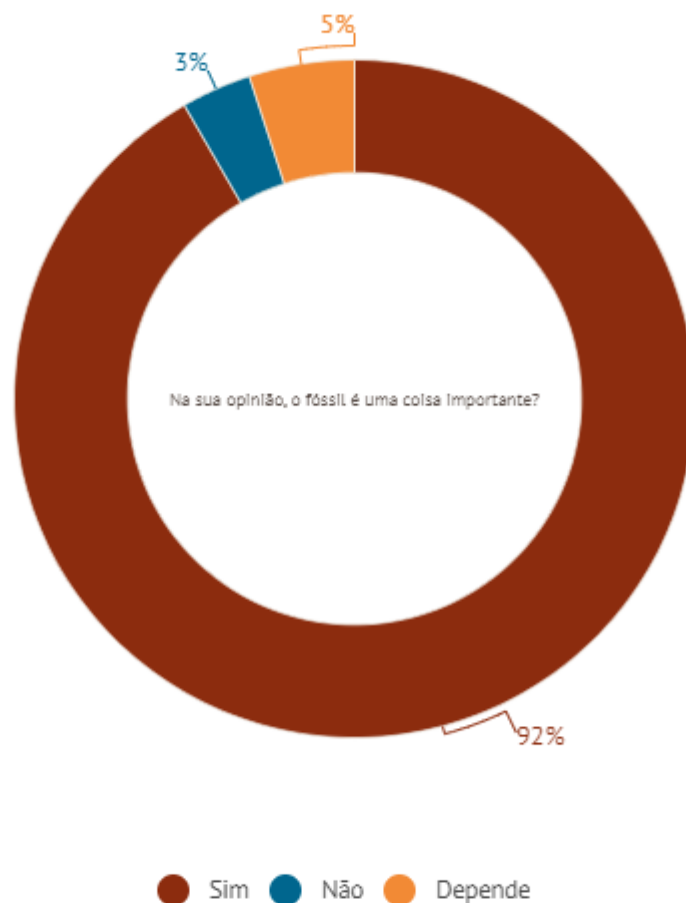


Gráfico 10 – Na sua opinião, o fóssil é uma coisa importante? Fonte: dados de pesquisa.

Uma minoria respondeu que Não (2 participantes) e Depende (3 participantes). Nesse cenário, cabe destacar os 5% que responderam Depende; em suas falas, eles ressaltaram que, em suas vidas, não é importante, mas que para o turismo, a ciência e para quem pesquisa, é sim. O que demonstra uma relação pacífica com o patrimônio paleontológico local, que reconhece que, para determinados grupos, é importante, e por isso motivo de preservação. Conforme exemplificado pelas falas a seguir:

"Pra mim, não é não. Mas pra ciência é, entendeu?"

Dona Dione, Peirópolis

"Pra mim, pra mim particularmente, não é, né? Lógico pra mim não tem, mas pra quem estuda, pra quem... trabalha, pra quem vive desse trabalho, lógico que é bem importante, né? (...) Aqui, o... a importância aqui também pro lugar, é o turismo também. O turismo vem muito mais por causa do museu."

Dona Daniele, Peirópolis

Para os que responderam de maneira afirmativa à pergunta, foi questionado o porquê seria importante. Conforme explicado anteriormente, as respostas foram interpretadas e categorizadas de acordo com seu conteúdo. As justificativas mais apresentadas foram, nessa ordem: História (19 ocorrências), Estudo/Ciência (12 ocorrências), Conhecimento (10 ocorrências), Prova (7 ocorrências), Cidade/Comunidade (3 ocorrências), Descoberta (3 ocorrências). As demais justificativas, foram: Petróleo (2 ocorrências), Valor Monetário (1 ocorrência) e Patrimônio Cultural da Humanidade (1 ocorrência).

As três primeiras categorias com maior ocorrência (História, Ciência/Estudo e Conhecimento) apresentam sutis diferenças entre si, e podem ser entendidas como parte de um mesmo espectro, relacionados ao saber. Conforme os exemplos a seguir, as falas na categoria de maior incidência, História, ressaltam noções como história da humanidade e história do planeta:

"É uma história. É uma parte da história, né? É importante. É... no geral, todo o fóssil, acredito que ele te remete à história do passado, né? A gente vê a questão dos ancestrais, os nossos ancestrais, né? E... e... a história tá aí, então assim, ela fala. Eu acho muito importante porque faz parte da história. A história, construção, a evolução, né, do homem. No geral assim, eu acho muito importante sim (...) Então eu acho que é importante sim, é importante porque é um pedaço da nossa vida, é um pedaço da nossa história."

Deise, Santa Rita

"Conta muito da nossa história, né? Pra... até porque pra gente saber quem a gente é, tem que voltar lá no passado, né?"

Dona Dirce, Peirópolis

Por sua vez, as falas enquadradas em Estudo/Ciência ressaltam aspectos relacionados ao conhecimento formal e acadêmico:

"Através dele, é uma das formas da gente estudar, e tentar entender como que foi o passado, né? Seja ele daquela determinada espécie, né? Às vezes identifica a idade dela, como que às vezes qual era a alimentação dela, o tamanho e tudo mais, e até mesmo... possibilita às vezes de aprender sobre como era a região onde ele habitava, né? Pra saber se, ah era uma região mais quente, mais úmida, né? Tudo isso."

Davi, Santa Rita

"Através do fósseis, você pode fazer várias investigações, várias descobertas, né? Quanto tempo esteve ali, quem morava ali, né? O que que morava naquela região, que tipo de animal que era, e depois você vai classificar... esse fóssil, né? Então eu acho que é importante. E quando você faz isso, você envolve pessoas, você envolve trabalho, dá trabalho para as pessoas, dá pesquisa, pesquisa depois pode trazer é... coisas, pode ser plantas, né? Não é só animais. "

Dante, Peirópolis

Já as falas enquadradas na categoria Conhecimento, ressaltam alguns aspectos relacionados à ideia de obter algum conhecimento novo através dos fósseis, de uma maneira mais ampla:

"Porque ele vai mostrar que teve, né? É... esses animais, dinossauros, é... antes, né? Pra dar... dar esse conhecimento pra gente que não participou dessa época, a gente poder saber se existiu, como existiu, quantos existiram, né? Então eu acho importante."

Dalia, Santa Rita

"Porque é... é... traz o que a gente não conhece, é o novo... conhecimento, né? E eu acho que pra criança, que tá tudo muito eletrônico, tudo muito... é uma coisa nova, é uma coisa diferente. A gente vê que criança é apaixonada em dinossauro... (...) Então eu acho que mexer no antigo, no... no... é muito importante, gente. O saber é muito importante."

Débora, Peirópolis

As três justificativas que aparecem em seguida, com menor ocorrência (Prova, Cidade/Comunidade e Descoberta) são importantes por destacar aspectos ligados a realidade local. O caráter de prova mostra que a importância do fóssil está na evidência material de que eles existiram, de modo geral, mas também de que existiram no território que hoje é em Uberaba, especificamente, como mostram os exemplos:

"Eu acredito que sim porque é... é... é uma constatação, é uma afirmação de que eles estiveram, né? Aqui. É uma... é uma prova. É uma prova praticamente, eu digo assim, viva, física, é uma prova física de que existiram sim realmente aqui."

Dora, Santa Rita

"Ah, assim... eu não sei explicar o... o certo, né? Porque. Mas eu acho que é importante, né? Porque... (...) Isso... Porque assim, pelo menos é uma coisa que já existiu, né? E a gente olhando os fóssil a gente tem... certeza, né? Que já existiu."

Dona Dulce, Peirópolis

Por sua vez, as falas da categoria Cidade/Comunidade colocam a importância do fóssil no impacto que a sua existência traz para Uberaba, com um enfoque turístico/econômico:

"É... importante pra cidade, né? Porque aqui parece que é um dos lugar que mais tem"

Seu Domenico, Santa Rita

"Uai, eu... eu tenho fósseis como uma coisa muito importante aqui pra comunidade. Porque através desse fósseis vem é... o serviço pras pessoas, pros morador daqui, né? Pros donos de restaurante, pras doceira... Isso aí ajudou muito. Teve muita doceira que criou seus filhos fazendo os doce, vendendo pros turista. Então é muito gratificante isso aí, entendeu? (...) É muito importante pra comunidade isso aí, eu vejo, né? É uma visão minha, entendeu? Eu acho muito importante."

Dona Daiane, Peirópolis

Cabe discorrer brevemente sobre as justificativas com menor incidência (Petróleo, Patrimônio Cultural da Humanidade e Valor Monetário). As duas falas que correlacionaram a importância dos fósseis ao petróleo foram ditas por participantes de Santa Rita, e demonstram uma certa confusão entre o termo amplo fósseis e os combustíveis fósseis:

"Nossa. Através do fóssil, se tira o petróleo. O petróleo se faz o quê, tudo que a gente necessita, a gente faz. É o plástico, é a gasolina, é o gás é... é muita coisa que é feita..."

Dona Diana, Santa Rita

"Até onde eu sei, até onde eu sei, o resultado, boa parte do que eu aprendi de escola, isso aí, vai ter boa parte... parece que a maioria, boa parte do petróleo do mundo é formado pela decomposição de fósseis de animais pré-históricos. E no entanto... além de outros seres."

Daniel, Santa Rita

A fala que coloca o fóssil como importante por fazer parte do Patrimônio Cultural da Humanidade, utiliza essa expressão para justificar a necessidade da preservação desse material. O adendo feito pelo participante segue a tônica do resto entrevista, que colocava uma dicotomia entre a preservação do fóssil e o que o participante chama de progresso.

"O fóssil faz parte do patrimônio cultural da humanidade, ponto. Ele tem que ser preservado e estudado. Desde que... ele possa andar... margeando essa tênue linha que tem da preservação com... o progresso da... da... da humanidade."

Diego, Santa Rita

Por fim, a fala que relaciona a importância do fóssil ao valor monetário, foi dita por um participante de Peirópolis, e ressalta a questão da comercialização dos fósseis, enfatizando que essa prática é um crime, ainda que exista um valor monetário associado ao fóssil:

"É importante porque... porque cê não pode vender, não pode comercializar que é crime. Porque a... uma pessoa vim aqui, entrar aqui dentro, e pegar [inaudível] ele não vai conseguir vender, por quê? Valor tem, mas não consegue vender."

Dario, Peirópolis

Através das respostas dadas pelos participantes, é possível inferir que há, de modo geral, uma boa apreensão da noção de fóssil e da sua importância, seja ela científica ou para o desenvolvimento econômico da cidade. A totalidade dos entrevistados apresentou algum nível de familiaridade com o termo e foi capaz, de, através da associação de palavras, estabelecer ligações semânticas que fazem parte da realidade local, com respostas como: Dinossauros, Ossos, Escavação e Peirópolis.

Mais da metade dos participantes afirmou que existem sim fósseis em Uberaba, e souberam apontar exemplos sobre onde eles estão e/ou foram encontrados; foi também expressivo o número de pessoas que apontou o fóssil como algo importante, alguns reconhecendo, inclusive, que mesmo que não haja importância no âmbito pessoal, ele é algo importante para quem estuda e trabalha com atividades relacionadas ao fóssil, ainda que indiretamente, como donos de restaurantes e artesãos.

A percepção da importância para a história, estudo, ciência, conhecimento e prova expressa pela maioria participantes, permite inferir um reconhecimento do valor científico dos fósseis, característica primeira para ser considerado patrimônio paleontológico. Ainda assim, isso não significa que este patrimônio tenha importância para a vida dos entrevistados, como deixado claro por alguns. Ademais, foram mencionados outros aspectos relacionados ao fóssil que justificariam sua preservação, como a importância para o turismo e economia local, fatores estes que, para determinadas pessoas, poderia ser de maior relevância do que o aspecto científico.

CAPÍTULO 4

MEMÓRIAS E LEMBRANÇAS: RESSONÂNCIA E ENCANTAMENTO

4 Memórias e lembranças: ressonância e encantamento

Os resultados das perguntas até aqui permitem inferir que a comunidade local estabelece sim algum tipo de vínculo com os fósseis institucionalizados como patrimônio em Uberaba. A última pergunta foi proposta com fins de melhor investigar de que maneira essa relação se estabelece, tendo como norteadoras as noções de ressonância e encantamento.

A questão “Você tem alguma memória/lembrança relacionada aos fósseis?”, teve respostas que variam em tamanho e complexidade, por ser uma pergunta aberta. Nesse caso, a resposta inteira foi considerada como unidade de análise, ou seja, o recorte foi feito a nível semântico, em oposição de outros tipos de análise em que são feitos recortes a nível linguístico (consideram palavras ou frases). Bardin (2011) chama esse tipo de unidade de análise de tema, e afirma:

O tema, enquanto unidade de registro, corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas. Não é possível existir uma definição de análise temática, da mesma maneira que existe uma definição de unidades linguísticas (Bardin, 2011, p. 135).

A autora acrescenta, ainda, que este recorte é comumente utilizado em estudos que objetivam estudar opiniões, crenças, motivações, etc. Portanto, e considerando os objetivos da pesquisa, optou-se pela análise de conteúdo de tipo temática, categorial e frequencial. Ou seja, a análise foi executada de modo a identificar temáticas em comum nas falas dos entrevistados, em seguida procedeu-se a operação de enquadrá-las em categorias pré-estabelecidas (ressonância e encantamento), e, por fim, a abordagem de frequência, para investigar se e qual dos dois tipos de relação se destaca.

Para a análise desta pergunta, seguiu-se o mesmo procedimento efetuado para algumas questões anteriores, ou seja, em um primeiro momento as respostas foram do tipo Sim/Não, e a seguir o participante compartilhou suas lembranças/memórias. Tais relatos foram interpretados e categorizados de acordo com sua temática principal. Em seguida, buscou-se enquadrá-los nas categorias de ressonância e encantamento.

4.1 Memórias e lembranças

Dos 60 entrevistados, 53% afirmaram ter algum tipo de lembrança em que os fósseis estivessem presentes, enquanto 47% afirmaram que não (Gráfico 11).

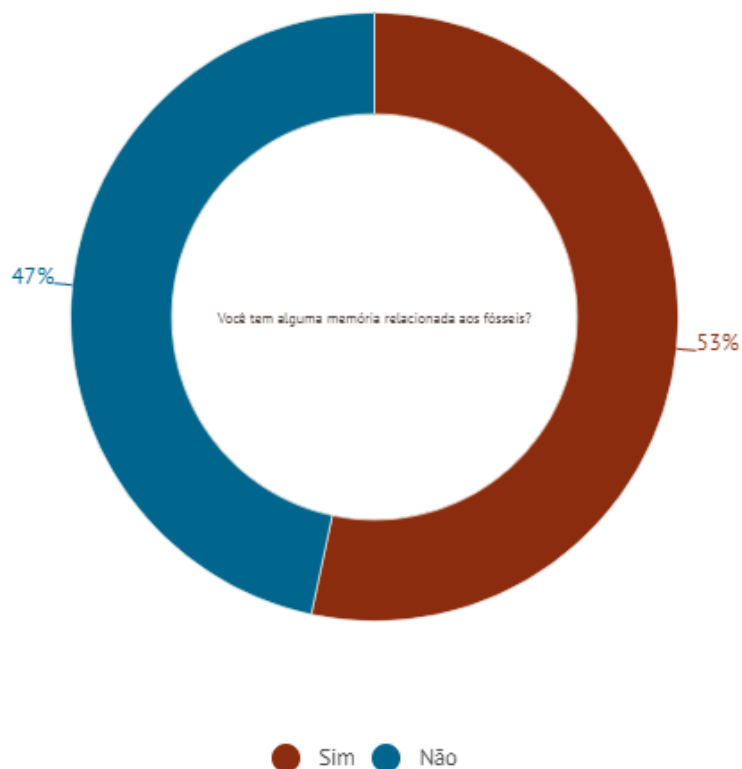


Gráfico 11 – Você tem alguma memória relacionada aos fósseis? Fonte: dados de pesquisa.

Em um recorte por localidade (Tabela 10), nota-se pouca diferença entre Santa Rita e Peirópolis em números absolutos.

Tabela 10 – Você tem alguma memória relacionada aos fósseis?

Resposta	Santa Rita (n)	Peirópolis (n)	Total (n)	%
Sim	19	13	32	53%
Não	11	17	28	47%
Total (n)	30	30	60	100%

Fonte: dados de pesquisa

Em Santa Rita, as temáticas das memórias/lembranças foram cinco: Peirópolis (13 ocorrências), Filmes, desenhos e jogos (2 ocorrências), Infância (2 ocorrências), História de família (1 ocorrência), Obra (1 ocorrência). Já em Peirópolis, as temáticas mais recorrentes foram quatro: Escavação (6 ocorrências), Peirópolis (3 ocorrências), Filmes, desenhos e jogos (3 ocorrências), Infância (1 ocorrência).

É possível notar que algumas temáticas apareceram em ambas as localidades (Peirópolis, Filmes, desenhos e jogos, Infância), enquanto outras eram específicas de cada local. As falas que mencionavam Peirópolis rememoravam, principalmente, visitas ao Museu dos Dinossauros e seu complexo (jardim e Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price), seja em família ou com a escola, como nos exemplos a seguir:

“Bom, de infância eram os passeios que a gente fazia da escola em Peirópolis, né? Isso aí era algo... eu acho que marca toda a criança aqui de Uberaba é a ida em Peirópolis na escola, pelo menos uma vez na vida eu acho que uma escola vai em Peirópolis, né?”

Denis, Santa Rita

“É... minha mãe sempre me contou história de dinossauro. Na minha cabeça, eu achei que nunca tinha existido. Eu fui entender que existiam realmente quando eu fui fazer uma visita com a escola, lá no museu dos dinossauros, que eu fui ver os fósseis, eu fui ver que existiam os esqueletos e que realmente eram reais.”

Domenica, Santa Rita

“É... na minha fase... mais ou menos... de adolescente pra adulto nós fizemos uma visita aqui em família, né? Então foi assim, bem interessante, bem marcante. E... nós trouxemos alguns sobrinhos, e hoje eles estão com 27 anos ou mais, e continuam valorizando isso, e repassando para os filhos.”

Deolinda, Peirópolis

“Tá uai, é... é, assim que eu cheguei aqui, que eu nem sabia que existia isso, né? Que eu morei, é... que eu vim pra cá, morar aqui, né? E aí eles falava que existia, que achou, que achou, então a gente ficava doidinho pra ver. (...) Aí né, aí a gente foi lá para o museu ver, né? Porque era tudo fechado, né? Naquela época, né? Então aí... aí eu fui lá ver, né? Eu e minhas outras colegas, né? Aí a gente foi lá e viu. (...) Mas aí a gente não acreditava muito não, achava que era pedra, né?”

Dácia, Peirópolis

Por sua vez, as falas com a temática Filmes, desenhos e jogos traziam à tona lembranças relacionadas ao consumo de tais produtos midiáticos, demonstrando o papel dessas produções na difusão de conteúdos relacionados à paleontologia de modo geral, e mais especificamente, aos dinossauros.

“Sim. Ah sim, tem a minha filha. A minha filha, ela assiste um desenho, né? Que chama Dino Trem que fala muito dos dino... fala só do... é de dinossauro. E no meio, e quando assim, acaba o desenho, tem o, um... é... paleontólogo, né? Ele fala, ele explica quais são os dinossauros, ele explica o que que eles comem, é... é... o tipo de... de... dinossauro que é, se é carnívoro, se é... explica tudo isso. Então a minha filha, ela apaixonou com isso. Ela tem cinco anos, e ela onde ela vê dinossauro... é tanto que aqui tem um chaveirinho de dinossauro que eu até vou levar pra ela pôr na mochila dela. Ela é apaixonada.”

Donatella, Santa Rita

“Ah, foi quando eu fui no... cinema, assistir o Parque dos Dinossauros. (...) Marcou. Tanto que eu assisto até hoje. Dos filmes eu gosto, entendeu? Eu acho interessante, eu gosto. Mas... foi uma coisa que me marcou bastante na minha infância, foi esse filme. Do meu irmão ter me levado... no cinema pra poder assistir”.

Dália, Peirópolis

Na temática Infância, surgiam lembranças poucos específicas, mas que, de modo geral, correlacionavam esta etapa da vida aos fósseis:

“Bom, a memória é uma coisa muito interessante, porque a memória ela não é sequencial, né? Ela é muito mais que isso, ela é... a gente constrói a nossa própria memória. Então quando... eu penso em fósseis, em dinossauros, em arqueologia, em paleontologia... isso me remete à duas... fases assim, específicas da minha vida. A primeira da infância, obviamente, né? As crianças acabam sendo estimuladas a pensar nos dinossauros, né? E aí isso acaba fazendo parte dessa... dessa noção, de criança associada com dinossauro. Aí tem... camiseta com dinossauro, tem brinquedinho com dinossauro... então a gente é levado... a ter uma certa familiaridade com isso.”

Dalila, Santa Rita

“Então, quando eu era criança, eu me lembro assim vagamente, né? Porque eu passava as férias numa fazenda, e sempre, né, todas as férias, nós... nossa família de Patrocínio, de Minas Gerais, e lá a gente brincava de escavação, né? Brincava lá, e havia uma grande quantidade de... de ossos, né, que a gente... a gente chamava aquilo de fóssil, mas na verdade eram ossos de animais que foram de alguma maneira enterrados, não foram soterrados como fósseis, né? Então assim, eu tenho essa lembrança boa, sabe? De ter uma época me feito uma... uma escavadora, né? Então isso é muito legal.”

Danusa, Santa Rita

As falas enquadradas na temática Escavação apareceram somente em Peirópolis, eram lembranças evocadas pelas próprias pessoas que trabalharam em escavações ou por seus familiares. Ao pensar na história do bairro de Peirópolis, faz sentido o aparecimento de tal temática, visto que muitas escavações foram feitas no próprio bairro e arredores, com a participação de mão de obra local.

“Assim, que... que marcou também pra mim, pode ser... eu não vou falar que não marcou porque... é... meu esposo e meu filho, antes deles trabalhar ali na roça, antes deles ir pra roça, eles... eles era técnico, ele são, né? Técnico em escavação. (...) Todos os dois trabalhou. Tem fotos, tem documento, tem tudo. Eles chegou a escavar, chegou a tirar, tinha... é... eles tem aquela técnica de tirar o... tudo, tudo, tudo, eu vivenciei tudo isso. Aqui dentro de casa, na época que eles trabalhou lá, é... era muito importante pra eles, que tava lá escavando. Pra mim, que eu ficava aqui esperando eles, fazia o almoço, tudo, tem coisa que se acostuma.”

Dalva, Peirópolis

“Olha, eu quando, o meu primeiro trabalho, quando eu comecei a trabalhar aqui em Peirópolis aqui, foi... na escavação... então eu também fiz o curso técnico de... Paleontologia. Então a gente ia pro campo, e louco pra poder encontrar um fóssil grande. Então, isso, na, em 1992... até 2010 eu tive contato na área paleontológica. Então em 2004 tivemos aqui uma visita de um... paleontólogo e biólogo... de... Ribeirão Preto, e ele comentou a importância, para os fósseis, pra vocês, não é encontrar fóssil grande, as informações, as melhores informações, estão nos fósseis menores. Você vai poder conduzir e descrever a fauna paleontológica da época. E a gente começou a mudar esse interesse, esse olhar, que as pequenas coisas também. (...) Não só os dentes de pe... de peixes, dente de dinossauro, as cascas de ovos, parte de tartaruga, né? Os que seria parte de icnofósseis, e aí você consegue descrever todo esse contexto. De como que seria, de como que foi a época que esses grandes animais conviveram na nossa região.”

Djalma, Peirópolis

Por fim, as falas ditas apenas em Santa Rita, que tiveram somente uma ocorrência cada. A primeira, que fazia referência à obras, foi dita por um comerciante local; esta temática foi recorrente nesta entrevista, foi este o participante que correlacionou a palavra fóssil à Problema:

“Porque esse museu agora é massa pra caramba. Lá ficou top. Mas o antigo museu... e eu lembro do G., quando a gente foi na excursão, ele subiu no dinossauro, lá, caiu e quebrou o braço. (...) Mas é... é... isso é uma das passagens. A outra passagem que nós tivemos até recente, foi uma obra nossa que foi embargada... porque poderia ter a presença de fósseis devido ao solo, e nós tivemos que gastar maior grana pra fazer o estudo, pra ver que realmente não tinha, pra poder continuar a obra.”

Diego, Santa Rita

E, a segunda, trazia uma história de família, uma lembrança vivida através de histórias passadas por gerações:

“A minha avó conta muitas histórias, né? Mas... é... são realmente histórias. Que ela fala que... a mãe dela fala que quando era escrava, né? E eles mexiam nas terra pra poder é... arar as terras, daí realmente existiam, né? Que fala que uma vez ela contou que falou que acharam é... tipo... é... ossos de um rabo de um bicho muito grande, mas é coisa assim, que (...) é, histórias de família, nada foi comprovado.”

Dandara, Santa Rita

Quanto aos participantes que expressaram não ter nenhuma memória relacionada aos fósseis, cabe nota que, enquanto alguns negavam de maneira a encerrar o assunto, outros, após a ênfase na resposta negativa, completavam com alguma fala, exemplo, dando uma resposta mais completa.

“Ah... eu lembro mais quando eu vim pra cá, como isso é bastante difundido aqui. Pra mim, né? Eu achei bastante difundido aqui. Antes disso, eu não lembro não, só coisa em reportagem... mas nada do que eu... possa falar assim “nossa, marcou e eu lembro bem que eu vi, quando vi.”

Damiana, Santa Rita

“Olha, tirando parte escolar, que é... é comum assim as escolas fazerem visitaçaõ aqui, pra apresentar pras crianças, tirando isso, acho que não tem nenhuma lembrança específica não.”

Désiré, Peirópolis

É importante dizer que, na prática, a aplicação desta pergunta se mostrou um desafio. Em alguns casos, os participantes compartilharam histórias apenas quando o gravador foi desligado, em outros, julgavam não ter nada de especial para compartilhar, mas, em conversa prévia à entrevista, ou ainda durante a entrevistas, em resposta a perguntas anteriores, já tinham compartilhado “causos” que poderiam ser considerados lembranças.

Uma participante de Peirópolis, por exemplo, que negou ter alguma lembrança relacionada aos fósseis, mencionou, em momento anterior da entrevista, uma história vivida em sua infância:

Pesquisador: No museu? Entendi. E na opinião da senhora, o fóssil é uma coisa importante?

Dolores: Eu acho.

Pesquisador: É? E por quê?

Dolores: Ah porque eu... eu via o... quando o Langerton, depois do Lopa foi o Langerton, não é D.? Que trabalhou aqui. O Langerton

achava e mostrava pra nós. Então eu via ele... assim, ele trazia na hora e a gente aqui era tudo emendado, não tinha muro, não tinha nada, era como se fosse uma família só, e eu via e falava: Meu Deus, é de verdade.

Pesquisador: Entendi. Ele trazia então pra vocês verem de perto?

Dolores: Trazia. Alguma coisa pequena.

Cabe nota também a fala de uma participante que, apesar mencionar não ter nenhuma lembrança em relação aos fósseis compartilhou uma fala relacionada a temática de escavação, em outro momento da entrevista, que se difere um pouco das anteriores. A entrevistada frequentava a escavação na posição de mediadora, levando alunos em visitas escolares para conhecer o local. Importante mencionar que essa mesma participante correlacionou a palavra fóssil ao termo Extensão, e foi nesse momento que compartilhou um pouco sua história:

“É... trabalhei no museu 4 anos (...) E eu fazia... a parte turística também. Levava os alunos pra... pra visitar lá as escavações, enfim. (...) Então vinham os ônibus, eu acho que no mês de novembro tinha um... um evento aqui, e nós recebíamos alunos de vários lugares e levávamos pra visitar as escavações e lá, darmos explicações sobre tudo.”

Doralice, Peirópolis

Logo, a resposta negativa não quer dizer necessariamente que não existam memórias ou lembranças. Uma possibilidade é que os entrevistados não tenham se sentido à vontade o suficiente para compartilhar alguma memória ou lembrança, ou que simplesmente não tenham se recordado no momento da entrevista. Outro fator que pode ter tido impacto nas respostas, é o fato desta ser a última pergunta da entrevista, e que alguns participantes tenham simplesmente desejado encerrá-la.

4.2 Ressonância e Encantamento

A seguir, procedeu-se uma releitura das respostas, de modo a tentar compreender se tais memórias poderiam sugerir uma relação de ressonância e/ou encantamento com os fósseis. Nesse ponto, cabe lembrar que a ideia de ressonância tem a ver com o poder de um objeto – no caso os fósseis – de trazer à tona o contexto no qual ele surgiu, como referências culturais e memórias individuais. Por outro lado, a ideia de encantamento carrega consigo a noção de maravilhamento, de algo surpreendente. Falar de ressonância em relação aos fósseis é

explorar também as dimensões não científicas deste patrimônio, e a noção de encantamento importa, visto o fascínio que os fósseis despertam.

A cada temática identificada nas falas dos participantes foi atribuída uma categoria, tendo como base o embasamento teórico. Ou seja, as temáticas relacionadas às memórias individuais e às referências culturais locais foram enquadradas em Ressonância, e aquelas relacionadas ao fascínio e ao surpreendente foram entendidas como Encantamento, conforme Quadro 03.

Quadro 03 – Categorização das temáticas

Encantamento	Ressonância
Filmes, desenhos e jogos Infância	Peirópolis Escavação História de família Obra

Conforme ressaltado anteriormente, as temáticas Peirópolis, Filmes, desenhos e jogos e Infância aparecem tanto em Santa Rita quanto em Peirópolis. Sendo assim, em ambas as comunidades locais entrevistadas, existem relações de Ressonância (Peirópolis) e Encantamento (Filmes, desenhos e jogos e Infância).

As falas de Encantamento, temáticas Filmes, desenhos e jogos e Infância, mostram um certo distanciamento da realidade local, em outras palavras, não estão ligadas aos fósseis locais. São episódios que remetem a produtos da mídia de entretenimento que são, muitas vezes, talhados para causar o estupor ou ainda relacionados a uma fase da vida que é entendida como o lugar do mágico, do surpreendente, do lúdico.

Quanto às temáticas categorizadas como ressonância, Peirópolis apareceu majoritariamente dentre os moradores de Santa Rita (13 ocorrências), o que, se por um lado, demonstra que ainda não foi estabelecida uma relação forte com o próprio geossítio Santa Rita e o patrimônio ali presente, por outro reitera a importância de Peirópolis para a população uberabense como um todo.

É importante ressaltar que as noções de Ressonância e Encantamento não são, necessariamente, excludentes. Por isso, algumas falas na temática Peirópolis, que são, por exemplo, lembranças da época de infância, ou da época escolar, pode indicar também alguma relação de Encantamento para com os fósseis. Mas, como tais lembranças estão intimamente ligadas ao patrimônio paleontológico de Uberaba, há também uma forte carga de ressonância. Sendo assim, nesses casos, a relação

estabelecida seria de Ressonância e Encantamento, como na fala do Denis (página 87) e no exemplo:

“Assim, desde... desde quando criança, visito Peirópolis, vou... vou no museu... né? Já fui na época que eu era pequeno com a escola, “ah, vamo visitar a parte de escavação em Peirópolis”, já fui em campo, onde eles estavam escavando, os fóssil e tudo mais (...).”

Donato, Peirópolis

A temática da Escavação, exclusiva dentre os entrevistados de Peirópolis, mostra uma relação mais íntima com os fósseis, e, sem dúvidas, de ressonância, pois remete às memórias individuais (pessoais), ligadas à história de vida dos participantes. Cabe lembrar que essas falas foram ditas por pessoas que participaram ativamente de escavações, ou por seus familiares.

Para além das falas registradas, essa relação pôde ser observada pela pesquisadora em um universo mais amplo, durante a interlocução com os entrevistados. Na casa de uma das participantes, que relatou que seu marido e filhos foram auxiliares de escavação, o martelo geológico era o peso de porta da sala. Em outro momento, uma outra participante, após o encerramento da entrevista, trouxe fotos do seu marido durante uma escavação para mostrar para a pesquisadora.

“Fez parte, que meu marido trabalhou. Ele trabalhou na escavação, mexeu muito com os fósseis lá. Carregava da... da cidade que eles tavam mexendo pra cá, pro museu... (...) Sim. Ele, meu marido, meu filho, minha filha trabalhou lá.”

Diná, Peirópolis

Em algumas entrevistas, a percepção daquilo não registrado (gestos e expressões) demonstrava o orgulho na fala do entrevistado ao compartilhar determinada lembrança:

“Assim, a minha experiência [inaudível] a primeira vez que eu fui escavar, o negócio que eu te falei, que eu achei o dente, nós tava lá, eu tava lá com o martelinho, batendo, batendo, batendo, aí eu vi lá aí eu fui [inaudível] “que isso?”, eu não sabia. Aí fui, fui, fui limpando devagarzinho, aí [inaudível] eu disse “eu vou passar o dedo”, que eu te falei. Aí eu chamei esse professor Thiago, falei assim “Thiago, vem cá, olha aqui”. [Inaudível] de boca aberta, “Oi, Thiago”. Aí ele parou e disse: “Uai, que aconteceu com ele? Nossa, cê achou um dente.”. Eu disse “o que?” Eu não sabia, ele foi, me explicar tudo. Aí [inaudível] só não lembro qual dente que era do animal, agora já me fugiu da memória”.

Dario, Peirópolis

Assim como nas falas da temática Peirópolis, observou-se que, além da existência de Ressonância, é possível inferir que o Encantamento perpassa a fala de alguns participantes. Isso foi percebido, em especial, na fala do participante Dário, que demonstrou algo além das memórias individuais. Em sua fala, quando compartilha sua primeira experiência em escavações e a primeira vez que encontrou um fóssil, nota-se a existência do surpreendente.

No mais, nota-se, na fala desses participantes, que o “fazer paleontologia” foi primordial para moldar a visão e o vínculo que eles têm para com os fósseis. O impacto é visto não só na vida dos que de fato estavam presentes em escavações, como também na vida de seus familiares.

“É, na hora que trabalha cê percebe tu que é... é, é a realidade pura, né?”

Dario, Peirópolis

As duas últimas falas enquadradas como ressonância são únicas. A fala na temática História de Família (página 90) importa, pois ela traz uma lembrança passada de geração em geração, e correlaciona a população negra escravizada em Uberaba aos fósseis. Considerando a riqueza paleontológica de Uberaba, não é difícil imaginar que episódios como o relatado pela participante devam ter acontecido.

Já a fala relacionada a obras (página 89) é dicotômica, pois o entrevistado, ao mesmo tempo que critica e menciona constantemente a interrupção de obras como um problema, tem também lembranças boas relacionadas ao patrimônio paleontológico, e, ao longo da entrevista, afirmou acreditar no potencial de Uberaba se tornar a capital dos Dinossauros do Brasil; por isso tal relação poderia ser compreendida como um tipo de ressonância negativa, em que há sim evocação de memórias, mas que são ruins ou incômodas.

Por fim, resta discorrer sobre aqueles que expressaram não ter nenhuma memória relacionada aos fósseis. Quase a totalidade desse grupo respondeu de maneira afirmativa a questões anteriores, ou seja, já ouviu sim falar em fósseis e os considera importantes. Isso nos permite inferir que existe algum tipo de relação estabelecida para com o patrimônio paleontológico, ainda que não existam subsídios para categorizá-las em ressonância ou encantamento.

Conforme dito anteriormente, uma possibilidade é que os entrevistados não tenham se sentido à vontade o suficiente para compartilhar alguma memória ou lembrança. Ou que ainda simplesmente não tenham se recordado no momento da entrevista. Em Peirópolis, especialmente, esta resposta negativa pode estar

relacionada à imersão dos habitantes nesse “universo paleontológico”, ou seja, a convivência com fósseis e temas relacionados é algo tão cotidiano que, no momento da entrevista, não foi percebido como uma lembrança especial a ser mencionada.

Sendo assim, os resultados permitem inferir que há sim uma relação estabelecida entre as comunidades locais pesquisadas e os fósseis institucionalizados como patrimônio paleontológico em Uberaba. Ainda que as relações de Encantamento sejam similares em ambas as regiões, no quesito Ressonância cada bairro tem a sua particularidade.

De modo geral, os participantes de Santa Rita demonstraram uma conexão mais sólida com Peirópolis do que com o próprio bairro onde residem/trabalham, resultado que parece dentro do esperado, dada as diferenças entre os dois locais já apontadas nesse texto. As memórias compartilhadas, ainda que tenham relação com o patrimônio paleontológico local, remetem a momentos específicos e pontuais das vidas dos participantes, momentos que são importantes o suficiente para serem lembrados, mas que não fazem parte da sua vida de maneira mais cotidiana.

Por sua vez, é possível perceber nas lembranças compartilhadas pelos moradores de Peirópolis uma profunda conexão com os fósseis, trazendo memórias muito intrincadas com suas histórias de vida; principalmente aqueles que tiveram oportunidade de trabalhar em escavações ou cujos familiares exerceram esta atividade; nesse caso, percebe-se que o “fazer paleontologia” foi primordial para a construção de uma relação com o patrimônio paleontológico local, contribuindo para a construção da visão e opiniões que eles têm sobre os fósseis.

4.3 Estratégias para a gestão do patrimônio a partir das relações de ressonância e encantamento

As falas dos participantes dão pistas de como utilizar as relações já existentes, de Ressonância e Encantamento, a favor do patrimônio paleontológico local.

As falas de Encantamento têm, de modo geral, o lúdico muito presente, ao remeter ao universo infantil, às brincadeiras, desenhos animados e filmes. As esculturas dos dinossauros tanto no Geossítio Santa Rita, quanto no Geossítio Peirópolis, são já iniciativas que exploram a potência da relação de Encantamento, atuando como um chamariz para o patrimônio paleontológico local. Outra possível estratégia que explore as relações de Encantamento poderia ser, por exemplo, a criação de um “dino mascote”, algo na linha dos desenhos animados, que chamam a atenção das crianças.

Ainda em relação as atividades voltadas para o público infantil, cabe nota que Peirópolis têm, desde longa data, eventos e atividades voltadas para esse público. É necessário replicar tais iniciativas no Geossítio Santa Rita.

Percebe-se que outra estratégia interessante no âmbito do Encantamento seria trazer algumas das mídias mencionadas para os espaços do geoparque, de forma que tais produções poderiam atuar como ponte entre o imaginário e o patrimônio paleontológico local. Sessões de cinema, com a exibição de filmes relacionados à temática paleontológica, nos espaços dos geossítios, seguidos de visitas guiadas, ou bate-papo com paleontólogos, por exemplo, seriam iniciativas interessantes. Uma das participantes entrevistadas, ao falar do filme Parque dos Dinossauros, indica de modo claro que o filme faz você querer ir a Peirópolis, ver se é igual ao filme:

“O que lembra mesmo, a, o que mais gente... pra mim, o que marca muito... (...) Querendo ou não, é o filme. (...) Porque o filme faz você lembrar, e aí cê tem a intenção de vim aqui pra ver se é igual. (...) O Parque dos Dinossauros. (...) Aí cê fica... quando cê é criança, cê gosta mais ainda, aí **cê quer vim ver se é igual, e quando eles limpava com a vassourinha, e tinha um ossinho e tal...**”

Dilza, Peirópolis

A fala da Dilza, quando menciona o “limpar com a vassourinha”, conduz à outra relação detectada na fala dos entrevistados, de Ressonância. Nesse grupo, tanto as falas ligadas à temática de Peirópolis quanto as falas ligadas à temática Escavação demonstram a importância de estar presente onde tudo acontece. A aula passeio, presente na fala de diversos entrevistados, tira a paleontologia da teoria e a traz para o mundo real. A experiência compartilhada pelos participantes sobre suas visitas em Peirópolis menciona a ida ao museu, o jardim e, também as visitas às escavações. Considerando o resultado das entrevistas, resta claro que a aula passeio é uma atividade profícua, que deve ser replicada no Geossítio Santa Rita.

Do mesmo modo, participar das Escavações também influenciou a percepção dos participantes sobre o patrimônio paleontológico. Alguns participantes em Peirópolis mencionaram que, até onde sabem, após a pandemia não tiveram mais escavações nos pontos próximos à Peirópolis. De todo o modo, é necessária uma atenção especial para que o uso de mão de obra local em escavações não seja abandonado, visto o impacto positivo que a participação nessa atividade gerou na vida das pessoas entrevistadas. Para além disso, atividades de ensino em pontos de escavação visitáveis, como o Geossítio Caieira devem ser mantidas e reforçadas, visto a importância do “fazer paleontologia” para a criação de vínculos com o patrimônio paleontológico local.

As falas de Ressonância nos remetem à importância de documentar a história oral, de modo a registrar outras dimensões relacionadas aos fósseis institucionalizados como patrimônio paleontológico, para além da científica. Resgatar, por exemplo, memórias como a compartilhada por Dandara, que relaciona os fósseis à população negra escravizada em Uberaba e dar luz - seja em eventos, exposições, mídias do geoparque, etc. - a figuras locais que trabalharam como auxiliares de escavação, como Langerton, que foi mencionado em várias entrevistas. Outra iniciativa interessante seria, sempre que possível, dar crédito aos fósseis coletados pelos moradores locais, por exemplo: “Participaram desta escavação” ou “Encontrado por”.

Por fim, é importante ressaltar que deve haver uma preocupação com a manutenção das relações de Ressonância. Como a fala do participante Diego, que menciona as obras, demonstra, uma lembrança boa pode ser afetada por uma nova lembrança, ruim. No mais, é primordial a manutenção de atividades que estimulem esse vínculo, a sua descontinuidade pode representar uma perda de Ressonância para as gerações futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o patrimônio em uma perspectiva da relação é tarefa complexa, porém, necessária, uma vez que, nas dinâmicas patrimoniais, diversas vezes os interesses, opiniões e sentimentos daqueles que convivem diariamente com os espaços patrimonializados são deixados em segundo plano. Pensar sobre a relação, o vínculo (ou a sua inexistência) se torna essencial não apenas para a preservação daquilo que já é considerado patrimônio, como é bom para pensar o próprio fazer patrimonial.

Ciente da complexidade da questão, a proposta foi contribuir para a discussão lançando luz sobre uma realidade bem particular, a dos fósseis institucionalizados como patrimônio paleontológico, que são majoritariamente valorizados pelo prisma de sua importância científica. Foco principal foi dado à questão dos fósseis patrimonializados através da iniciativa denominada geoparque, tendo como campo da pesquisa o Geoparque Uberaba – Terra de Gigantes, devido não só à importância paleontológica do local, como também ao fato deste ser um geoparque em desenvolvimento, que busca a obtenção da chancela da UNESCO.

Os resultados obtidos permitem inferir que as comunidades locais pesquisadas têm familiaridade com temas relacionados aos fósseis e à paleontologia, bem como têm conhecimento da riqueza paleontológica de Uberaba. De modo geral, reconhecem a importância científica dos fósseis, e depositam nessa importância a necessidade da sua preservação. Contudo, a percepção de relevância para a ciência, conhecimento, etc. expressa pelos participantes não implica, necessariamente, em um reconhecimento do fóssil como patrimônio, pelo menos não da mesma maneira que este é valorizado pelos geocientistas. Ademais, alguns participantes deixaram claro que reconhecem a importância científica dos fósseis, e/ou a importância econômica destes para a região, mas que, em suas vidas pessoais, não há nenhuma relevância em particular.

Principalmente em Peirópolis, os fósseis assumem um papel de importância na subsistência de seus moradores, seja daqueles que trabalharam diretamente na escavação ou daqueles que vivem de atividades de turismo relacionadas ao patrimônio paleontológico, representando, portanto, um aspecto importante da identidade local, de maneira que a história dos fósseis na região se mistura com a história de vida dos seus moradores. Aspectos que sobressaíram como de maior relevância dentre os entrevistados do bairro rural.

Através das lembranças compartilhadas pelos participantes, foi possível perceber que a população de Uberaba estabelece uma relação majoritariamente positiva com os fósseis institucionalizados como patrimônio no município. Dentre as

falas dos participantes de Santa Rita, notou-se uma maior menção de histórias sobre momento pontuais e específicos de suas vidas, muitas delas ligadas à Peirópolis, que assume uma posição de destaque já esperada, devido à história do local.

Já as falas dos moradores de Peirópolis trazem consigo lembranças ligadas à histórias de família e à relatos de vida, principalmente no caso daqueles que trabalham em escavações ou seus familiares. As respostas dadas pelos participantes deixa claro o quão intrincada pode ser a relação entre pessoas e patrimônios. O não dito, o não compartilhado, está longe de significar a ausência de relação, podendo ser na verdade algo mais profundo do que aparenta, ou, algo tão cotidiano e banal para o participante que ele não vê razões para compartilhar.

As noções de ressonância e encantamento, utilizadas para dimensionar as relações estabelecidas, se demonstraram profícuas, contribuindo para a compreensão uma realidade tão complexa. Percebeu-se que as falas relacionadas ao encantamento têm forte presença do universo do lúdico, remetendo à infância, à jogos, brincadeiras, filmes e desenhos. Já as de ressonância estabelecem pontes com a realidade local, remetendo principalmente à Peirópolis e às atividades de escavação.

A partir do dimensionamento dessas relações, foi possível vislumbrar caminhos para a gestão desse patrimônio que levem em consideração os vínculos já estabelecidos, visando não apenas o estabelecimento de novos vínculos como também a manutenção dos já existentes. Cabe ressaltar, principalmente, as falas ligadas à ressonância. Em primeiro lugar, as falas dos participantes deixaram clara a importância do “fazer paleontologia” e das visitas escolares (aulas passeio) para a geração de vínculos positivos com os fósseis patrimonializados. Além disso, demonstraram a importância da história oral para a documentação de outros aspectos relevantes relacionados aos fósseis, para além dos científicos, valorizando histórias pessoais e personalidades locais envolvidas com os fósseis, de modo geral.

Por fim, espera-se que os resultados obtidos contribuam para uma melhor gestão do patrimônio paleontológico em Uberaba, tendo como foco não só o turismo, mas os sentimentos e impressões dos cidadãos uberabenses, levando em conta as relações já estabelecidas com os fósseis. E, ainda que os resultados não apontem caminhos universais, dada não só as inúmeras tipologias de patrimônio, como também as inúmeras realidades nas quais os patrimônios estão inseridos, vislumbra-se que abordagem escolhida, isto é, pensar a relação através dos conceitos de ressonância e encantamento, seja útil e replicável em outros contextos.

REFERÊNCIAS

AB. RAHMAN, Syakir Amir *et al.* Living heritage village of Kampung Morten Melaka: local community involvement in tourism. **Malaysian Journal of Social Sciences and Humanities**, v. 6, n. 2, p. 236-244, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47405/mjssh.v6i2.673>. Disponível em: <https://msocialsciences.com/index.php/mjssh/article/view/673>. Acesso em: 20 de abr. 2021.

ABBAGNANO, Nicola. Admiração. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 18.

ALVES, Elder Patrick Maia. Crítica e resignação. O trânsito constante entre categorias nativas e categorias analíticas: a força política e estética da categoria indústria cultural. Maceió, **Latitude**, v. 2, n. 1, p. 82-105, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATALLA, Guillermo Bonfil. Nuestro patrimonio cultural: un laberinto de significados. **Pensamiento acerca del Patrimonio Cultural**, Benito Juárez, v. 3, 2003. Disponível em: <https://patrimonioculturalyturismo.cultura.gob.mx/publicaciones/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

BEIROZ, Helio. Zonas de amortecimento de Unidades de Conservação em ambientes urbanos sob a ótica territorial: reflexões, demandas e desafios. **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 35, p. 275-286, dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.5380/dma.v35i0.38523>.

BENÍTEZ, Daniel Castro. La «Baticueva» de Supermán. El museo cotidiano del héroe en reposo y los mortales en acción. In.: Espanha. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. **Casas museo: museología y gestión**. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, 2013.

BÉTARD, François; HOBLÉA, Fabien; PORTAL, Claire. Les géopatrimoines, de nouvelles ressources territoriales au service du développement local. **Annales de Géographie**, Paris, n. 717, 2017. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-Annales-de-geographie-2017-5-page-523.htm>. Acesso em: 19 fev. 2021.

BORGES Luiz Carlos; CAMPOS, Marcio D'Oliveira. Patrimônio como valor, entre ressonância e aderência. In: **Encontro Regional ICOFOM LAM**, XXI, 2012. Petrópolis. Termos e conceitos da museologia: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral. Documentos de trabalho. Rio de Janeiro: Unirio: MAST, 2012.

BRAGA, Liliâne Rodrigues de Oliveira; MACHADO, Maria Márcia Magela. Etnomapeamento de Comunidades Tradicionais de Matriz Africana como instrumento de valorização e conservação da Geodiversidade Cultural. In.: Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico, 2, 2013, Outro Preto. **Anais...**, 2013.

BRANCO, Pércio de Moraes. O que são e como se formam os fosséis? **Serviço Geológico do Brasil**, 2014. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/CPRM-Divulga/O-que-sao-e-como-se-formam-os-fosseis%3F-1048.html>. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/15557140/constituicao-federal-constituicao-da-republica-federativa-do-brasil-1988>. Acesso em: 08 jul. 2018.

BRILHA, José. **Patrimônio Geológico e Geoconservação**: a conservação da natureza em sua vertente geológica. Viseu: Palimage Editores, 2005

BRILHA, José. Inventory and quantitative assessment of geosites and geodiversity sites: a review. **Geoheritage**, v. 8, n. 2, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12371-014-0139-3>. Acesso em: 02 jan. 2021.

CACHÃO, Mário; SILVA, Carlos Marques da. Introdução ao Patrimônio Paleontológico Português: definições e critérios de classificação. **Geonovas**, Lisboa, n. 18, 2004. Disponível em: http://www.apgeologos.pt/index.php?option=com_content&view=category&id=20&Itemid=156. Acesso em: 08 jul. 2018.

CAMACHO, Sandra. Resonance and Wonder: Susan Philipsz's 'Study for Strings'. **International Journal on Stereo & Immersive Media**, Lisboa, v. 1, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/stereo/article/view/6286>. Acesso em: 09 mar. 2021.

CARREÑO, Ana Luisa; MONTELLANO-BALLESTEROS, Marisol. La Paleontología mexicana: pasado, presente y futuro. Boletín de La Sociedad Geológica Mexicana, [Coyoacán], n. 2, p.137-147, 2005. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94320209003>. Acesso em: 08 jul. 2017.

CARVALHO, Ismar Souza de; DA-ROSA, Átila Augusto. Paleontological Tourism in Brasil: examples and discussion. **Arquivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 1, p.271-283, jan./mar.2008.

CASSAB, Rita de Cassia Tardin. Histórico das pesquisas paleontológicas no Brasil. In: CARVALHO, I. S. (Ed.). **Paleontologia**: conceitos e métodos. Rio de Janeiro: Interciência, 2010

CASSAB, Rita de Cassia Tardin; MELO, Diogo Jorge de. Atividades Paleontológicas de Llewellyn Ivor Price (1905 - 1980) em Peirópolis, Município de Uberaba (MG), de 1948 a 1960. In: Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 15, 2016, Florianópolis, Santa Catarina. **Anais...** Disponível em: [https://www.15snhct.sbhc.org.br/resources/anais/12/1482494667_ARQUIVO_AtividadePaleontologicasdeLlewellynIvorPriceFINAL\(SalvoAutomaticamente\).pdf](https://www.15snhct.sbhc.org.br/resources/anais/12/1482494667_ARQUIVO_AtividadePaleontologicasdeLlewellynIvorPriceFINAL(SalvoAutomaticamente).pdf). Acesso em: 12 dez. 2020.

CASTRO, Aline Rocha de Souza Ferreira de; MACHADO, Deusana Maria da Costa. Reflexão sobre a interação dos atores sociais com o patrimônio paleontológico através da experiência do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí/RJ. In.: Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico, 2, 2013, Outro Preto. **Anais...**, 2013.

CASTRO, Aline Rocha de Souza Ferreira de. **O patrimônio geológico sob a perspectiva da população residente no município de Santana do Cariri, Ceará**. 2014. 300 f. Tese (Doutorado em Geologia) - Programa de Pós-Graduação em Geologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/10/teses/857702.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

CASTRO, Aline Rocha de Souza Ferreira; MANSUR, Katia Leite; CARVALHO, Ismar de Souza. Diagnóstico da relação da comunidade com o patrimônio geológico por meio de instrumento de coleta de dados. **Terrae Didatica**, Campinas, v. 11, n. 3, 26 fev. 2015. Disponível em:

<http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/TED/article/view/4946>. Acesso em: 08 jan. 2021.

_____. Reflexões sobre as relações entre geodiversidade e patrimônio: um estudo de caso. **TerraPlural**, Ponta Grossa, v.12, n.3, p. 383-403, set./dez., 2018. Acesso em: 15 mar. 2020.

CASTRO, Aline Rocha de Souza Ferreira de; CARVALHO, Ismar de Souza. O patrimônio geológico sob a perspectiva da população residente no município de Santana do Cariri, Ceará. In.: Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico, 5, 2019, Crato. **Anais...**, 2019.

CENTRO ESPÍRITA EURÍPEDES BARSANULFO (Uberaba). **Episódio 1**: o começo, presença do médium chico xavier. 12 dez. 2017. Facebook: CEuripedesBarsanulfo. Disponível em: https://www.facebook.com/163621814142932/posts/168099407028506/?locale=pt_BR. Acesso em: 31 maio 2023.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2017.

CLARK, David Leigh. Paleontology. In: _____. Fossils, paleontology and evolution. Iowa: Wm. C. Brown, 1968. Cap. 1. p. 1-5

COMISSÃO DE GEOPARQUES (Brasil). **Plano de trabalho**: biênio 2020-2022. biênio 2020-2022. 2020. Disponível em: <http://www.geoparques-sbg.org.br/Atas/bienios/Plano%20de%20trabalho%20bi%20C3%AAnio%202020-2022%20CG-SBG%20ass.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2021.

DAVALLON, Jean. À propos des régimes de patrimonialisation: enjeux et questions. In.: FILIPE, Graça; VALE, José; CASTAÑO, Inês (coord.) **Patrimonialização e Sustentabilidade do Patrimônio**: reflexão e prospectiva. Lisboa: Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, 2014. Disponível em: <https://ihc.fcsh.unl.pt/patrimonializacao-sustentabilidade/>. Acesso em: 22 ago. 2020.

DECLARAÇÃO de Aracaju. In: Congresso Brasileiro de Geologia, 43, 2006, Aracaju. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Geologia, 2006. Disponível em: http://sigep.cprm.gov.br/destaques/Geocarta_de_Aracaju_43CBG.pdf. Acesso em: 02 dez. 2019.

DECLARAÇÃO Internacional dos Direitos à Memória da Terra. In: Simpósio Internacional sobre a Proteção do Patrimônio Geológico, 1991. Digne-les-bains. Disponível em: http://sigep.cprm.gov.br/destaques/Declaracao_Internacional_Direitos_a_Memoria_da_Terra.pdf. Acesso em: 01 dez. 2019.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Patrimoine. In. : _____ (Ed.). **Dictionnaire Encyclopedique de Muséologie**. Paris: Armand Colin, 2011.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Patrimônio. In. : _____ (Ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

DRAGOUNI, Mina; FOUSEKI, Kalliopi. Drivers of community participation

in heritage tourism planning: an empirical investigation. **Journal of Heritage Tourism**, v. 13, n. 3, 2018. DOI: 10.1080/1743873X.2017.1310214. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1743873X.2017.1310214>. Acesso em: 19 mar. 2021.

DWORKIN, Shari L. Sample size policy for qualitative studies using in-depth interviews. **Archives of Sexual Behavior**, v. 41, set. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10508-012-0016-6>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-012-0016-6>. Acesso em: 11 jan. 2021.

FARIA, Ana Claudia Trindade de Coutinho; SILVA, Ítalo Batista da. Ressonância. In: _____. **Glossário etimológico de física**. Natal: IFRN, 2019. p. 196.

FRANCO, André Rocha; RUCHKYS, Úrsula de Azevedo. Etnocartografia e análise da geodiversidade e de seus valores culturais com comunidades tradicionais de artesãos em pedra-sabão de região do Quadrilátero Ferrífero – Minas Gerais. In.: Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico, 2, 2013, Outro Preto. **Anais...**, 2013.

GARRIDO, Miguel León. La contribución del Nuevo Mundo al nacimiento de las ciencias paleontológicas. *Revista de Humanidades*, Sevilla, n. 28, p.23-48, 2016. Disponível em: <http://www.revistadehumanidades.com/articulos/115-la-contribucion-del-nuevo-mundo-al-nacimiento-de-las-ciencias-paleontologicas>. Acesso em: 12 jul. 2017.

GEOPARK UBERABA. **Guia Turístico Geopark**. Uberaba: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Inovação, 2020. 32 p. Disponível em: <http://www.uberaba.mg.gov.br/facilitado/conteudo,145>. Acesso em: 06 jan. 2021.

GEOPARQUE UBERABA (Uberaba). Application Dossier. Uberaba: UFTM, 2022.

GEOPARQUE UBERABA (Uberaba). Aspirante Geoparque Uberaba realiza capacitação com Agentes de Matrizes Africanas. 2023a. Disponível em: <https://www.geoparqueuberaba.com.br/noticias.php?id=8>. Acesso em: 29 jun. 2023.

GEOPARQUE UBERABA (Uberaba). Geoparques. 2023b. Disponível em: <https://www.geoparqueuberaba.com.br/geoparques.php>. Acesso em: 29 jun. 2023.

GIRAULT, Yves. Introduction. In: _____. (editor). **Unesco Global Geoparks: Tension Between Territorial Development and Heritage Enhancement**. London: Wiley, 2019.

GLOBAL GEOPARKS NETWORK. **About GGN: members list**. Members list. 2021. Disponível em: <http://www.globalgeopark.org/aboutGGN/list/index.htm>. Acesso em: 03 jun. 2021.

GODINHO, Taysa Kennia; SOLHA, Karina Toledo. Percepções da comunidade local em cidades Patrimônio da Humanidade: Diamantina, Minas Gerais, Brasil. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 16, n. 1, p. 213-231, 2018. DOI: <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2018.16.014>. Disponível em: <http://ojsull.webs.ull.es/index.php/Revista/article/view/1271>. Acesso em: 13 ago. 2020.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O espírito e a matéria: o patrimônio enquanto categoria de pensamento. In _____. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007a.

_____. Ressonância, subjetividade e materialidade: as culturas como patrimônios. In.: _____ **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Garamond, 2007b.

_____. Sistemas Culinários como Patrimônios Culturais. In _____ . **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Garamond, 2007c.

_____. Os limites do patrimônio. In.: Lima Filho, Manuel Ferreira; Eckert, Cornelia; Beltrão, Jane Felipe (Organizadores). **Antropologia e patrimônio cultural**: diálogos e desafios contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, 2007d.

_____. Apresentação. In.: GONÇALVES, José Reginaldo Santos; BITAR, Nina Pinheiro; GUIMARÃES, Roberta Sampaio. **A alma das coisas**: patrimônio, materialidade e ressonância. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013a.

_____. The Dark Side of the Moon: heritage, memory and place in Rio de Janeiro, Brazil. **Vibrant**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 190-207, 2013b.

GOODEY, Brian. Interpretação e comunidade local. In.: MURTA, S.M. **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

GREENBLATT, Stephen. Resonance and Wonder. In: _____. **Learning to curse**: essays in early modern culture. Abingdon: Routledge, 1990.

_____. Novo Historicismo: ressonância e encantamento. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, 1991. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2323>. Acesso em: 09 mai. 2020.

_____. Resonance and Wonder. In: KARP, I.; LAVINE. S.D. **Exhibiting Cultures**: the poetics and politics of museum display. London: Smithsonian Institution Press, 1991.

GUIMARÃES, Antonio S. A. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. n.1, p. 93-107, jan./jun. 2003.

HARTOG, François. Patrimônio e presente. In.: _____. **Regimes de Historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

JALLA, Daniele. Sorpresa, stupore, meraviglia. In: GENNARO, Eloisa (Org.). **Il museo che sorprende**: azione e relazione educativa al museo alla luce delle nuove ricerche. Ravenna: Laboratorio Provinciale per la Didattica Museale, 2007, p. 9-18.

JIMURA, Takamitsu. The impact of world heritage site designation on local communities: a case study of Ogimachi, Shirakawa-mura, Japan. **Tourism Management**, v. 32, n. 2 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2010.02.005>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0261517710000397>. Acesso em: 10 jan. 2021

KANJOU, Youssef. The Role of Local Community in the Reconstruction of Syrian Cultural Heritage. In.: **The Aleppo Project**. Shattuck Center on Conflict, Negotiation and Recovery, 2021. Disponível em: <https://www.thealeppoproject.com/wp-content/uploads/2021/03/KanjouLemkinV06.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.

KISTLER, Jordan; TATTERSDILL, Will. What's your dinosaur? Or, imaginative reconstruction and absolute truth in the museum space. **Museum & Society**, Leicester, v. 17, n. 3, 2019. DOI: <https://doi.org/10.29311/mas.v17i3.3219>. Disponível em: <https://journals.le.ac.uk/ojs1/index.php/mas/article/view/3219>. Acesso em: 10 dez. 2020

KRATZ, Corinne A.; KARP, Ivan. Wonder and Worth: Disney Museums in World Showcase. **Museum Anthropology**, v.17, n. 7, 1993. DOI: 10.1525/mua.1993.17.3.32. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1525/mua.1993.17.3.32>. Acesso em: 04 mar. 2021.

KUNZLER, Josiane. **O fóssil no museu**: análise da legitimação do patrimônio nas exposições museológicas. 2019. 318 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Museu de Astronomia, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://www.unirio.br/ppg-pmus/josiane_kunzler.pdf. Acesso em: 08 jul. 2019.

LIMA, Flavia Fernanda de; SCHOBENHAUS, Carlos; NASCIMENTO, Marcos A. L. Brasil. In: PRIETO, Jose Luis Palacio, CORTEZ, José Luis Sánchez, SCHILLING, Manuel Enrique (Coord.). **Patrimonio geológico y su conservación en América Latina**: situación y perspectivas nacionales. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2016, p. 56-79.

LEAR, Gabriel Richardson. **Plato on Philosophical Wonder**. Chicago: University of Chicago, 2014. (55 min.), color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=btkm-jvksOw>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MAIRESSE, François. The Evolution of the Economics of Culture and its Influence on the Development of Geoparks. In.: GIRALT, Yves (editor). **Unesco Global Geoparks: Tension Between Territorial Development and Heritage Enhancement**. London: Wiley, 2019.

MALTERUD, Kirsti; SIERSMA, Volkert Dirk; GUASSORA, Ann Dorrit. Sample size in qualitative interview studies: guided by information power. **Qualitative Health Research**, v. 26, n. 13, nov. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/1049732315617444>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1049732315617444>. Acesso em: 30 nov. 2020.

MANSUR, Kátia Leite *et al.* Conservação e restauro do patrimônio geológico e sua relevância para a geoconservação. **Boletim Paranaense de Geociências**, v. 70, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/geo.v70i0.31871>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/geociencias/article/view/31871>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Técnicas de Pesquisa. In.: _____. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 01-12, abr. 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>. Acesso em: 15 jan. 2021.

NASCIMENTO, Marcos. Aspirantes e Projetos de Geoparques no Brasil: realidades e desafios. In: Webinar Aspirantes e Projetos de Geoparques no Brasil: realidades e desafios, 1, 2020. **I Webinar...** Comissão de Geoparques, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/PxsSaruUTH8?t=7096>. Acesso em: 18 out. 2020.

NASROLAHI, Ahmad *et al.* Assessment of Local People Opinion After World Heritage Site Designation, Case Study: Historic City of Yazd, Iran. **Heritage**, Basel, v. 2, n. 2, p. 1739-1747, jun. 2019. DOI: 10.3390/heritage2020106. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2571-9408/2/2/106>. Acesso em: 10 mar. 2021.

NOGUEIRA, Rodolfo. [Entrevista concedida a] Mell Longuinho André Siciliano. 27 abr. 2021.

OLAFSON, Rikke. Wonderful Stories on Digital Devices: how museums have the power to ignite feelings of Resonance and Wonder. In.: Nordic Digital Excellence in Museums, 2014. **Anais...** Warsaw, December 1-3, 2014. Disponível em: <http://nodem.org/wp-content/uploads/2015/08/NODEM-2014-Proceedings.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

PADIGLIONE, Vincenzo. Del buon uso dello stupore. **La Ricerca Folklorica**, n. 39, apr. 1999. DOI: <https://doi.org/10.2307/1479889>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1479889>. Acesso em: 09 dez. 2020.

PLATÃO. **Teeteto-Crátilo**. Belém: UFPA, 1988.

POMBO, Heraclito Astudillo. Paleontología cultural y Etnopaleontología. Dos nuevos enfoques sobre el registro fósil. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra, v. 10, n. 3, 2010. Disponível em: <http://www.aepect.org/ect/numeros-publicados/ect-vol-18-3-2010/>. Acesso em: 05 dez. 2019.

PONCIANO, Luiza *et al.* Patrimônio geológico-paleontológico *in situ* e *ex situ*: definições, vantagens, desvantagens e estratégias de conservação. In: CARVALHO, Ismar de Souza; SRIVASTAVA, Nerendra Kumar; STROHSCHOEN JR., Oscar; LANA, Cecília Cunha (Org.). **Paleontologia**: cenários de vida. Rio de Janeiro: Interciência, 2011. v. 4, p. 853-871.

PRATA, Larissa. De novo: escultura de dinossauro volta a ser vandalizada no geossítio santa Rita. **Jornal da Manhã**. Uberaba. 02 jan. 2021. Disponível em: <https://jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,206780>. Acesso em: 08 fev. 2021.

PRIETO, José Luis Palacio; CORTEZ, José Luiz Sánchez; SCHILLING, Manuel. Presentación. In.: _____. (coord.). **Patrimonio geológico y su conservación en América Latina**: situación y perspectivas nacionales. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2016, p. 9-13.

RANWA, Ruchika. Heritage, community participation and the state: case of the Kalbeliya dance of India. **International Journal of Heritage Studies**, v. 27, n. 10, maio 2021. DOI: 10.1080/13527258.2021.1928735. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13527258.2021.1928735>. Acesso em: 13 jun. 2021.

REGO, Arménio; PINA E CUNHA, Miguel; MEYER JUNIOR, Victor. Quantos participantes são necessários para um estudo qualitativo? Linhas práticas de orientação. **Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2018. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rgplp/article/view/78224>. Acesso em: 16 ago. 2020.

RESONANCE. In.: The American Heritage Dictionary of the English Language. Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company, 2020. Disponível em:

<https://www.ahdictionary.com/word/search.html?q=resonance>. Acesso em: 17 ago. 2021.

RIBEIRO, Luiz Carlos Borges; CARVALHO, Ismar de Souza. Peirópolis e Serra da Galga, Uberaba, MG: terra dos dinossauros do Brasil. In: SIGEP. **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**: vol. 2. Brasília: CPRM, 2009. p. 1-1. Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br>. Acesso em: 08 jul. 2019.

RIBEIRO, Luiz Carlos Borges. [Entrevista concedida a] Mell Longuinho André Siciliano. 20 abr. 2021.

ROBSON, Mark. Resonance and Wonder. In: _____. Stephen Greenblatt. New York: Routledge, 2008.

ROCHA, Beatriz Alves Goulart; REIS E CUNHA, Claudia dos. A ampliação dos modelos de gestão do patrimônio: a importância da participação comunitária para as cidades de pequeno porte e com exemplares arquitetônicos modestos. **Revista CPC**, São Paulo, n. 28, p.8-36, ago./dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/156189>. Acesso em: 20 mar. 2021.

RUDWICK, Martin J. S. The Meaning of Fossils. Chicago: University of Chicago Press, 1985

SANTOS, Wellington Francisco Sá dos. **Diagnóstico para o uso geoturístico do patrimônio geológico de São José de Itaboraí - Itaboraí (Estado do Rio de Janeiro)**: subsídio às estratégias de geoconservação. 2010. 252 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SANTOS, Wellington Francisco Sá dos. **Sítios Paleontológicos, Estratégias de Geoconservação e Geoturismo na Bacia de Sousa (Paraíba)**: potencial da Área para se Tornar um Geoparque. 2014. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SCIFONI, Simone, RIBEIRO, Wagner Costa. Preservar: por que e para quem? **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 98-109, 2006. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/65>. Acesso em: 18 ago. 2019.

SELL, Jaciele Carine; FIGUEIRÓ, Adriano Severo; BORBA, André Weissheimer de. Geoprodutos e símbolos locais: ferramentas de geoconservação para o Pampa Uruguaio-sul-riograndense. In.: Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico, 3, 2015, Lençóis, Chapada Diamantina. **Anais...**, 2015.

SIGEP. Apresentação. In: Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP). **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**: vol. 1. Brasília: DNPM, 2002. Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/>. Acesso em: 08 jul. 2018.

SILVA, Elayne Gouveia da. **Potencial para o geoturismo do município de Gurjão/PB a partir da avaliação de seus geossítios e da percepção da comunidade**. 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Turismo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/20494/1/ElayneGouveiaDaSilva_DISSE RT.pdf. Acesso em: 07 mar. 2021.

SILVA, Maria Betânia Moreira Carvalho. **Museologia Social: a relação museu-comunidade a partir das vozes que construíram e constroem o Complexo Cultural e Científico de Peirópolis**. 2019. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2019. Disponível em: <https://genfec.com.br/publicacoes/dissertacoes-defendidas/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SIMÕES, Marcello Guimarães; RODRIGUES, Sabrina Coelho; SOARES, Marina Bento. Introdução ao estudo da Paleontologia. In.: SOARES, Marina Bento (ed.). **A Paleontologia na sala de aula**. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2015.

SOARES, Rafael Celestino *et. al.* Geodiversidade e valores culturais: geossítio Colina do Horto no Geopark Araripe, Juazeiro do Norte-Ceará. In.: Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico, 3, 2015, Lençóis, Chapada Diamantina. **Anais...**, 2015.

SOUZA, Aline Rocha de. **Geoconservação e Musealização: a aproximação entre duas visões de mundo, os múltiplos olhares para um patrimônio**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Museu de Astronomia: Rio de Janeiro, 2009. Disponível: <http://www.unirio.br/ppg-pmus/dissertacoes/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

SUÁREZ, José Martin. Sítio Fossilífero de Pirapozinho, SP: extraordinário depósito de quelônios do Cretáceo. In: SIGEP. **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**: vol. 1. Brasília: DNPM, 2002. p. 49-54. Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/sitios.htm>. Acesso em: 08 jul. 2021.

THACKRAY, J. C. Before Darwin. In: Briggs, Derek E. G.; Crowther, Peter R. *Palaeobiology: a synthesis*. New Jersey: Blackwell Science, 1990.

TOLENTINO, Átila Bezerra. O que não é educação patrimonial. In: TOLENTINO, Átila Bezerra; BRAGA, Emanuel Oliveira (Orgs.). **Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas**. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016.

TOMASSI, H. Z.; Almeida, C. M. O que é fóssil? Diferentes conceitos na Paleontologia In: XXII Congresso Brasileiro de Paleontologia, Natal. Anais, p.143-147. 2011.

UBERABA (Município). Portaria nº 003/2015, de 15 de julho de 2015. **Estabelece Critérios de Andamento Técnico-Administrativo Para Os Procedimentos de Movimentação de Solo, Escavação E/Ou Outros Que Possam Interferir nas Reservas Fossilíferas no Âmbito do Município de Uberaba**. Uberaba, 15 jul. 2015. Disponível em: <http://www.uberaba.mg.gov.br:8080/portal/acervo/portavoz/arquivos/2015/1312%20-%202017-07-2015.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2023.

UFTM. **Proext publica edital para seleção de projetos voltados ao Geopark**, Uberaba, 24 ago. 2020. Disponível em: <http://www.uftm.edu.br/ultimas-noticias/2695-proext-publica-edital-para-selecao-de-projetos-voltados-ao-geopark>. Acesso em: 06 set. 2020.

UNESCO. **Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural**. 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

UNESCO. **Geociências e Geoparques Mundiais da UNESCO**. 2018. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/earth-science-geoparks>. Acesso em: 04 fev. 2021.

UNESCO. **UNESCO Global Geoparks applications**. 2023. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/igpp/geoparks/applications?hub=67817>. Acesso em: 21 abr. 2023.

VAN GEERT, Fabien. Entre « géo-patrimologie » et muséologie géopatrimoniaire : enjeux théoriques pour un futur muséal. **Icofom Study Series**, [S.l.], v. 48, n. 1, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/iss/2234>. Acesso em: 02 out. 2020.

VIANA, Maria Somália; CARVALHO, Ismar de Souza. **Patrimônio Paleontológico**. Rio de Janeiro: Interciência, 2019.

VILAS-BOAS, Mariana; BRILHA, José Bernardo R.; LIMA, Flavia Fernanda de. Conservação do patrimônio paleontológico do Geopark Araripe (Brasil): enquadramento, estratégias e condicionantes. **Boletim Paranaense de Geociências**, Curitiba, v. 70, p.1-2, 17 dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/geociencias/article/view/31418>. Acesso em: 08 jul. 2020.

WINTER, Cecilia V. Pérez.; MARTINELLI, Agustín G.; RIBEIRO, Luiz Carlos Borges. Terra dos dinossauros: la contrucción e implementación del turismo paleontológico en el barrio rural de Peirópolis, Uberaba (MG, BRASIL). **Revista de Cultura e Turismo**, Santa Catarina, ano 07, n. 01, fev. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/312>. Acesso em: 18 dez. 2020.

WONDER. In.: The American Heritage Dictionary of the English Language. Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company, 2020. Disponível em: <https://www.ahdictionary.com/word/search.html?q=wonder>. Acesso em: 17 ago. 2021.

WONDER. In: CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS (ed.). Dicionário Cambridge Inglês-Português. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/wonder>. Acesso em: 18 maio 2021a.

WONDER. In: COLLINS (ed.). Dicionário Collins. Westerhill Road: HarperCollins Publishers, 2021. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english-portuguese/wonder>. Acesso em: 18 maio 2021a.

ZANIRATO, Sílvia Helena. Patrimônio e identidade: retórica e desafios nos processos de ativação patrimonial. **Revista CPC**, São Paulo, v. 13, n. 25, jan./set. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/144623>. Acesso em: 16 nov. 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

**Título da pesquisa: “Patrimônio Paleontológico: ressonância e encantamento”
Esta pesquisa será conduzida conforme os critérios da ética de pesquisa com seres humanos, estabelecidos pelas Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Patrimônio Paleontológico: ressonância e encantamento”. O objetivo deste estudo é investigar de que modo os moradores e trabalhadores de Peirópolis e Santa Rita se relacionam com o patrimônio paleontológico da região (fósseis). A participação é voluntária. Você não receberá nenhum pagamento por sua participação, e não terá nenhuma despesa. Caso aceite participar, serão feitas algumas perguntas cujas respostas serão gravadas em audiovisual. As entrevistas poderão ocorrer de forma presencial ou remota. A duração prevista é de 30 min a 50 min. Você não é obrigado a participar desta pesquisa. Não há problema em recusar este convite ou em desistir e retirar o consentimento de uso de dados já coletados. Durante todo o processo serão adotadas as medidas necessárias para evitar quaisquer riscos para o participante, sejam eles físicos ou psíquicos. Para minimizar os riscos físicos, todas as entrevistas presenciais serão conduzidas com o uso obrigatório de máscaras, enquanto durar a pandemia de COVID-19, ou serão conduzidas de forma remota, caso a situação exija tal precaução. Quanto aos riscos psíquicos, as entrevistas serão conduzidas de forma a evitar qualquer constrangimento ou desconforto, mas, caso eles ocorram, você pode optar por não responder determinada pergunta, ou solicitar a interrupção da entrevista, e os dados até então coletados serão destruídos. Os dados obtidos serão armazenados de forma a evitar a exposição dos participantes e suas opiniões, em HD externo mantido offline, com cópia virtual (google drive); somente as pesquisadoras terão acesso a esses dados. Como benefícios, espera-se que os resultados da pesquisa contribuam para uma melhor compreensão da relação estabelecida entre pessoas e patrimônios, e que as informações coletadas contribuam para a preservação do patrimônio paleontológico em Uberaba. Os dados coletados serão utilizados somente para os fins desta pesquisa e apresentações em eventos e publicações científicas derivadas do estudo. As identidades dos participantes serão mantidas em sigilo. Em caso de eventuais danos e/ou prejuízos comprovadamente decorrentes da participação nesta pesquisa, o participante tem garantido pela legislação e normas em vigor, o direito de buscar indenizações e ressarcimentos.

Consentimento:

Eu, _____, recebi claras informações sobre a pesquisa, todas contidas no presente termo que li ou que foi lido para mim. A pesquisadora a pesquisadora Mell Siciliano esclareceu todas as minhas dúvidas quanto à participação neste estudo. Ficaram claros para mim quais são os objetivos, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que não terei despesas nem receberei pagamentos ao participar. Concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo. Estou ciente de que minha identidade será mantida em sigilo e que os dados serão utilizados somente com finalidades de pesquisa e divulgação científica. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do Participante

_____ de _____ de 20_____

Declaração de responsabilidade dos pesquisadores: Declaro que forneci todas as explicações necessárias sobre esta pesquisa, sua natureza, seus objetivos, riscos e benefícios, bem como respondi à todas as dúvidas. Declaro ainda que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) do/da participante, sem imposições. Me comprometo a cumprir os termos aqui descritos bem como as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Mell Siciliano
Pesquisadora discente

Prof. Dra. Deusana Maria da C. Machado
Pesquisadora Orientadora

Em caso de dúvidas, entrar em contato com as pesquisadoras e/ou com o Comitê de Ética em Pesquisa através dos seguintes contatos

Pesquisadora discente:

Mell Siciliano
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGPMUS UNIRIO-MAST)
E-mail: mellsiciliano@gmail.com
Telefone: (21) XXXXXXXXXX

Pesquisadora orientadora:

Prof. Dra. Deusana Maria da Costa Machado
Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGPMUS UNIRIO-MAST)
E-mail: deusana@unirio.br
Telefone: (21) XXXXXXXXXX

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGPMUS UNIRIO-MAST)
Av. Pasteur, 458, Urca - Prédio do CCH, sala 410
Telefone: (21) 2542-1031

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP-UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Avenida Pasteur, 296, subsolo do prédio da Nutrição – Urca – Rio de Janeiro – RJ –
Cep: 22290-240.
Telefone: (21) 25427796
E-mail: cep@unirio.br

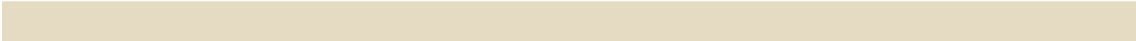
APÊNDICE B – CARTÃO DE VISITAS**MELL SICILIANO**

Pesquisadora

Universidade Federal do Estado do Rio
de Janeiro (UNIRIO) - Programa de Pós-
Graduação em Museologia e Patrimônio

mellsiciliano@gmail.com
(21)

Av. Pasteur, 458, Urca - Prédio do CCH,
sala 410 - Rio de Janeiro (RJ)



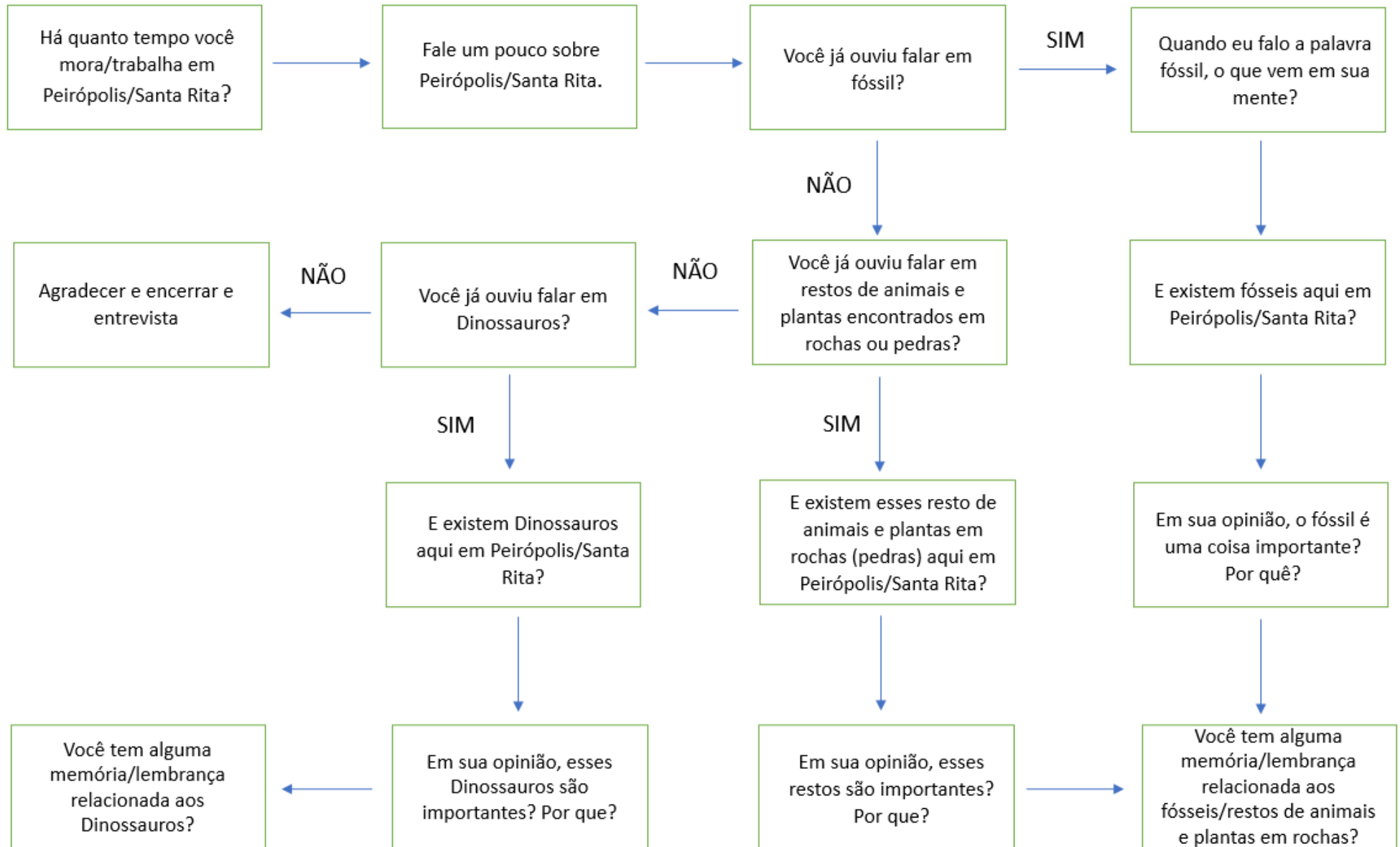
APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA**ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA****Número da entrevista:** _____**Data:** ____/____/____**Início:** ____:____**Término:** ____:____**Local:** _____**1) Sexo** Homem Mulher Outros: _____**2) Gênero** Masculino Feminino Outros: _____**3) Idade:**

- 18 a 24 anos
- 25 a 34 anos
- 35 a 44 anos
- 45 a 54 anos
- 55 a 64 anos
- 65 ou mais

4) Escolaridade:

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Outros: _____

5) Profissão/Ocupação:**6) Questões**



ANEXOS

ANEXO A – PARECER DO CEP

UNIRIO - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Patrimônio Paleontológico: ressonância e encantamento

Pesquisador: Mell Siciliano

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 54172221.7.0000.5285

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.231.993

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa que faz parte dos estudos de doutoramento realizados no Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO. O estudo é sobre o relacionamento estabelecido entre comunidades locais e o patrimônio paleontológico (in situ e ex situ), bem como possíveis consequências desta relação. Segundo a autora, patrimônio paleontológico é a "valorização de um elemento específico da geodiversidade, qual seja: fósseis. Sua importância reside no caráter de testemunho da vida existente no planeta Terra em tempo profundo, fazendo referência tanto à geodiversidade quanto à biodiversidade". De acordo com a autora, "(...)as iniciativas e estratégias voltadas para a preservação do patrimônio paleontológico são mobilizadas pela comunidade científica/acadêmica, tendo em consideração critérios específicos, como a qualidade e raridade dos afloramentos e fósseis. Contudo, essas iniciativas apesar de relevantes "(...) não garantem que este patrimônio seja importante para as comunidades locais e tampouco reconhecido por elas como patrimônio, podendo ocasionar posturas de descuido, descaso e em alguns casos, até vandalismo.

A proposta de pesquisa apresentada "(...)é observar tal relação a partir de duas noções amplamente empregadas pela museologia e patrimônio: ressonância e encantamento. A pesquisa de campo será desenvolvida no entorno de sítios específicos do Geopark Uberaba – Terra de Gigantes, nomeadamente aqueles de interesse para a paleontologia: Peirópolis e Santa Rita. "Este geoparque, ainda em fase de desenvolvimento, ocupa uma área de 4.540,51 km², totalizando toda

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição

Bairro: Urca

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2542-7798

E-mail: cep@unirio.br

UNIRIO - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.231.993

a extensão do município. O projeto é mantido pela Prefeitura de Uberaba em parceria com a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ)". "(...)Como resultado, espera-se contribuir para o debate sobre a importância das comunidades locais para a preservação dos patrimônios em seus espaços de vivência; ademais, o uso das noções de ressonância e encantamento configuram um potencial dispositivo conceitual-analítico, aplicável em outros contextos, sendo útil para a compreensão de uma realidade tão complexa".

A autora estima uma amostra de até 60 participantes, considerando as duas localidades onde será realizada a pesquisa de campo. A metodologia proposta está dividida em leitura e análise da bibliografia especializada e trabalho de campo. A primeira etapa serve de embasamento teórico para escolha e debate dos conceitos que serão abordados ao longo da pesquisa, como patrimônio, patrimônio paleontológico, ressonância e encantamento. A segunda etapa, trabalho de campo, está estruturada em três pontos: (1) consulta de fontes atuais sobre o Geopark Uberaba de modo geral, os geossítios e o município, como matérias veiculadas em jornais e revistas, além de notícias oficiais veiculadas pelo próprio geoparque e prefeitura, (2) observação direta, o que implica em viagens de campo aos geossítios selecionados, de maneira a permitir uma maior interação entre o pesquisador e as comunidades locais e (3) entrevistas semiestruturadas com membros das comunidades locais. Quanto às entrevistas, vislumbra-se sua condução de maneira híbrida, ou seja, presenciais, caso a situação sanitária permita, com a possibilidade de entrevistas remotas, com o auxílio de figuras locais, como membros de associação de moradores, por exemplo. Como método para delimitar a abrangência geográfica das entrevistas, será utilizado o conceito de buffer zones (zonas de amortecimento), que define qual é a área circundante de uma Unidade de Conservação. A autora definiu os seguintes critérios de inclusão: (1) Ser maior de idade; (2) Morar ou trabalhar em um raio de pelo menos 3km do Geossítio Uberaba/Geossítio Santa Rita.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Explorar e analisar as relações estabelecidas por comunidades locais com o patrimônio paleontológico (fóssil), através das noções de ressonância e encantamento.

Objetivo Secundário:

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
Bairro: Urca CEP: 22.290-240
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2542-7796 E-mail: cep@unirio.br



Continuação do Parecer: 5.231.993

- (1) Identificar e discutir conceitos e teorias para pensar patrimônio, patrimônio paleontológico e as relações estabelecidas entre patrimônio e comunidades locais;
- (2) Caracterizar as relações estabelecidas entre comunidades locais e os fósseis;
- (3) Classificar as relações estabelecidas por comunidades locais com o patrimônio paleontológico através das noções de ressonância e encantamento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

No que tange aos riscos, a autora identifica riscos físicos – relacionados à pandemia de COVID-19 no caso de entrevistas presenciais e riscos psíquicos – constrangimento ou desconforto em responder alguma pergunta. A respeito dos benefícios, a pesquisadora espera que os resultados da pesquisa contribuam para uma melhor compreensão da relação estabelecida entre pessoas e patrimônios, e que as informações coletadas contribuam para a preservação do patrimônio paleontológico em Uberaba.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa em questão diz respeito a um tema relevante para produção de conhecimento no âmbito da preservação do patrimônio paleontológico, posto que trata da relação entre as comunidades e os fósseis no Geopark Uberaba em Minas Gerais. O texto é coerente e a proposta é exequível. É a terceira versão da pesquisa. A autora informou que a amostra estimada é de 60 participantes e tal dado foi incluído na Plataforma Brasil. No que tange à abordagem dos participantes, a pesquisadora informou que serão combinadas três diferentes estratégias. No projeto original foram feitas alterações no documento a partir da relatoria anterior. A pesquisadora esclareceu que serão realizadas entrevistas presenciais e virtuais e que "(...) o pesquisador irá propor em voz alta as perguntas, que serão então respondidas pelo entrevistado. No caso específico da modalidade virtual, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será lido ao entrevistado, e sua anuência registrada em gravação. A entrevista remota será conduzida da maneira mais conveniente e confortável para o entrevistado, podendo ser via telefone ou através de plataformas de videoconferência, como o Zoom ou Google Meet. Em ambos os casos, apenas a voz dos entrevistados será registrada". Em razão da última relatoria a autora construiu dois TCLEs diferentes para as duas propostas (presencial e virtual) e os inseriu na Plataforma Brasil. Vale ressaltar que tal medida visa garantir que a anuência antecede à realização da coleta de dados e requer que o potencial participante tenha conhecimento sobre o roteiro da

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição

Bairro: Urca

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2542-7796

E-mail: cep@unirio.br

UNIRIO - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.231.993

entrevista semiestruturada. Nos referidos documentos (TCLEs), dentre os diversos esclarecimentos prestados aos potenciais participantes, a pesquisadora sinaliza como se dará a preservação dos dados que será diferente para cada tipo de entrevista.

No texto que em relação à abordagem dos participantes, "(...) serão combinadas três diferentes estratégias. A primeira delas é o convite através do intermédio de associações como a Associação dos Amigos do Sítio Paleontológico de Peirópolis, no bairro Peirópolis, e a Associação dos Artesãos da Uberfama - Uberaba Feita a Mão, no bairro Santa Rita. O contato com as associações será feito de maneira presencial, ou via e-mail/telefone. A segunda é a abordagem direta em espaços públicos de grande circulação de pessoas, como praças, e arredores de igrejas, mercado municipal e biblioteca municipal, por exemplo; e por fim, a terceira estratégia é a indicação, ou seja, cada entrevistado poderá indicar alguma pessoa de seu conhecimento/círculo que ele imagina que gostaria de contribuir para a pesquisa". A autora também incluiu na Plataforma Brasil o material para prevenção de contágio do covid-19 no orçamento apresentado. Em relação ao TCLE, a autora inseriu a seguinte informação: "Em caso de eventuais danos e/ou prejuízos comprovadamente decorrentes da participação nesta pesquisa, o participante tem garantido pela legislação e normas em vigor, o direito de buscar indenizações e ressarcimentos".

A pesquisadora incluiu no projeto original a devolução dos resultados do estudo, que, segundo ela, será da seguinte forma: "(...) Por fim, são vislumbradas as seguintes atividades como possíveis maneiras de devolução dos resultados da pesquisa para os participantes e comunidade envolvida, de modo geral: (1) Palestras e/ou mesas redondas abertas ao público, em que serão debatidas as principais descobertas da pesquisa, em espaços como associações, Universidade Federal do Triangulo Mineiro e/ou no próprio Geopark Uberaba; (2) Palestras e/ou mesas redondas on-line, caso não seja possível fazê-las de maneira presencial; (3) O desenvolvimento de um pequeno documentário sobre a pesquisa e principais resultados e (4) Montagem de exposição no Geoparque e/ou em outros espaços públicos sobre os resultados da pesquisa".

Em relação a um instrumento de coleta de dados, a autora informou novamente que: "(...) (...) o pesquisador irá propor em voz alta as perguntas, que serão então respondidas pelo entrevistado. No caso específico da modalidade virtual, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será lido ao entrevistado, e sua anuência registrada em gravação. A entrevista remota será conduzida da maneira mais conveniente e confortável para o entrevistado, podendo ser via telefone ou através de plataformas de videoconferência, como o Zoom ou Google Meet. Em ambos os casos, apenas a voz dos entrevistados será registrada". Diante dos ajustes realizados pela pesquisadora, não foram identificadas outras pendências que estejam relacionadas à realização da

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
Bairro: Urca CEP: 22.290-240
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2542-7796 E-mail: cep@unirio.br

**UNIRIO - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO**



Continuação do Parecer: 5.231.993

pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresenta os termos de apresentação obrigatórios, são eles: folha de rosto (assinada pela Coordenação da Pós Graduação em Museologia e Patrimônio), cronograma, orçamento, projeto de pesquisa, TCLE e o roteiro de entrevista.

Recomendações:

Sugerimos que o TCLE elaborado para entrevista no formato remoto seja incluído no Projeto Original.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não se aplica.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezade Pesquisader,

Inserir os relatórios parcial(is) (a cada 6 meses) e final da pesquisa na Plataforma Brasil por meio de Notificação.

Consulte o site do CEP UNIRIO (www.unirio.br/cep) para identificar materiais e informações que podem ser úteis, tais como:

- a) Modelos de relatórios e como submetê-los (sub abas "Relatórios" e "Notificações" e aba "Materiais de apoio e tutoriais");
- b) Situações que podem ocorrer após aprovação do projeto (mudança de cronograma e da equipe de pesquisa, alterações do protocolo pesquisa; observação de efeitos adversos, ...) e a forma de comunicação ao CEP (aba "Tramitação após aprovação do projeto" e suas sub abas).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1861822.pdf	31/01/2022 02:15:17		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_entrevistas_remotas.pdf	31/01/2022 02:13:32	Mell Siciliano	Aceito
TCLE / Termos de	TCLE_entrevistas_presenciais.pdf	31/01/2022	Mell Siciliano	Aceito

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
 Bairro: Urca CEP: 22.290-240
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)2542-7796 E-mail: cep@unirio.br

UNIRIO - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.231.993

Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_entrevistas_presenciais.pdf	02:10:04	Mell Siciliano	Aceito
Outros	CartaPendencia5200534.pdf	31/01/2022 02:05:39	Mell Siciliano	Aceito
Outros	Carta.pdf	31/12/2021 13:48:13	Mell Siciliano	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado.pdf	31/12/2021 13:41:28	Mell Siciliano	Aceito
Outros	Roteiroentrevista.pdf	04/12/2021 00:45:59	Mell Siciliano	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	03/12/2021 19:24:04	Mell Siciliano	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 09 de Fevereiro de 2022

Assinado por:
ANDRESSA TEOLI NUNCIARONI FERNANDES
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição

Bairro: Urca

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2542-7796

E-mail: cep@unirio.br

ANEXO B – EXEMPLO DE TRANSCRIÇÃO

TRANSCRIÇÃO – 26P

Pesquisador 1: Há quanto tempo o senhor... trabalha e mora aqui em Peirópolis?

26P: Olha... aqui no museu, eu assim, contando quando eu trabalhei no jardim, eu trabalhei seis ano e meio... aí eu... é, no jardim seis ano e meio, era uma firma. Depois eu passei a ser porteiro, trabalhei quatro ano e oito meses, aqui era uma outra empresa que chamava [inaudível], agora nessa aqui que é... MXF já tem quatro meses.

Pesquisador 1: E o senhor...

26P: Porque eu... eu saí e depois voltei de novo. Já tem quatro anos.

Pesquisador 1: Entendi. E o senhor mora aqui, então.

26P: Moro aqui.

Pesquisador 1: Desde quando?

26P: Desde quando eu nasci [risos].

Pesquisador 1: [risos] A vida toda.

26P: A vida toda.

Pesquisador 1: E me conta um pouquinho como é que é Peirópolis?

26P: Ah, Peirópolis, agora... [inaudível], quando teve o mus-museu antes, antes, tem o museu lá na estação de trem.

Pesquisador 1: Entendi.

26P: Aqui não tinha esse prédio, só aquela outra parte de lá.

Pesquisador 1: Uhum.

26P: E aqui onde que tá construído, passava a linha do trem de ferro antigamente.

Pesquisador 1: Entendi.

26P: Aí depois que veio o museu, Peirópolis mudou. É assim, melhorou bastante.

Pesquisador 1: Uhum.

26P: Porque veio turista, aí antes até tinha o museu, é... tinha um... depois que construiu esse prédio... que a UFTM assumiu, antes era a prefeitura. Mas Peirópolis melhorou... como se diz... bastante, fez o calçamento...

Pesquisador 1: Entendi.

26P: Tem os restaurantes tudo... aí melhorou bastante.

Pesquisador 1: Então...

26P: Eu creio que, como se diz... antigamente era nada, né? Mas agora... com o museu... porque deu, o museu deu vários [inaudível]. Assim, a UFTM, que as empresas terceirizadas deu... vários empregos, mas melhorou bastante.

Pesquisador 1: E aqui é um lugar tranquilo?

26P: Sim, é tranquilo. Mas quando acontece alguma coisa é só chamar, a polícia vem é resolve. Mas é muito difícil.

Pesquisador 1: Entendi.

26P: Assim, difícil assim, não vou falar que não acontece, mas quando tem, alguém vem, ladrão vem, assim, quando vem gente estranha, [inaudível] já tem ali onde é a casa do turista, não sei se cês já viram...

Pesquisador 1: Sei, sei.

26P: Tem um posto policial... aí é só ligar. Mas antigamente, em Ponte Alta [inaudível] tinha posto policial, vinha... mas é tudo tranquilo.

Pesquisador 1: Entendi.

26P: Então assim, é... é, quando vem gente estranha, chama, liga pra eles, eles vêm, e manda embora, e tudo.

Pesquisador 1: Entendi.

26P: Não tem assim. Quando cê encontra, quando acontece algum roubo é pras fazenda, e as fazenda que mora... assim que mora perto de Peirópolis, é assim, assim, perto assim, mas também é... assim, não vou falar que não tem. Tem. Mas...

Pesquisador 1: É pouco.

26P: É pouco.

Pesquisador 1: E aqui recebe muito turista, então?

26P: Recebe. E aí depois que o museu abriu aqui assim, é muito turista.

Pesquisador 1: E é mais final de semana, como é que?

26P: É mais... é final de semana, sábado, domingo e feriado, é assim, sábado e domingo e feriado. Hoje tá tendo assim, mas mais é amanhã, dá bastante gente.

Pesquisador 1: É?

26P: Isso, e férias também. Na época de férias deu muita gente.

Pesquisador 1: Férias, legal.

26P: Férias que é... em julho, agora, no meio do ano. Janeiro, fevereiro.

Pesquisador 1: Entendi.

26P: Não, janeiro, é... é... em dezembro, janeiro, quer dizer, dá muita gente.

Pesquisador 1: Entendi. E agora já chegando assim na parte mais específica da minha pesquisa. O senhor já ouviu falar em fóssil?

26P: Sim.

Pesquisador 1: E quando eu falo essa palavra, qual é a primeira coisa que vem na cabeça do senhor?

26P: Olha, é... é... antigamente eu ouvia falar, eu não conhecia. Depois que eu comecei a trabalhar e eu comecei, que eu já trabalhei no jardim e depois eu era escavação, aí eu ia pra escavação escavar.

Pesquisador 1: Ah, cê ia pra escavação escavar?

26P: Isso.

Pesquisador 1: Nossa, que legal. E quanto tempo o senhor trabalhou assim na escavação?

26P: Olha, é... é... quanto tempo que eu trabalhei no jardim foi seis anos e meio, aí eu creio que foi um... [inaudível] uns três anos eu trabalhei.

Pesquisador 1: Entendi.

26P: Aí tinha escavação aqui em Uberaba, em [inaudível].

Pesquisador 1: Nossa.

26P: Se chamava Serra da... é, Serra da Galga é indo pra Uberlândia, aí na 050. Mas aí [inaudível] e aí trabalhei.

Pesquisador 1: Entendi.

26P: É uma experiência. A prime... nossa, a primeira vez que eu fui trabalhar, eu tava, era aqui, no ponto [inaudível] aqui em Peirópolis. Aí tava lá com o martelinho, tem todo... aí eu achei um dente, só isso, ainda [inaudível] dá problema que eu passei o dedo...

Pesquisador 1: Aham.

26P: Aí agarra, cada... mesmo que... tipo faca, faca de serra.

Pesquisador 1: Sei.

26P: Ainda passei o dedo com força, o melado desceu na hora.

Pesquisador 1: Caramba.

26P: Aí tem um rapaz que ele é até... paleontólogo que chama... Thiago Marinho, até trabalha na UFTM.

Pesquisador 1: Sei... sei...

26P: Ele era de Santos, depois foi pro Rio, aí ele passou num concurso e veio pra Uberaba. “Ô seu Thiago, [inaudível] um dente”. Era... mais ou menos assim o dente. Eu disse: “Olha, eu sei eu inda passei [inaudível] os dentes por causa da serra, e ainda passei o dedo”. “Ó, vou passar o dedo [inaudível] vou passar meio com força”. Mas dá não, dá nada, o melado, o sangue desceu na hora.

Pesquisador 1: Caramba.

26P: Não, é uma experiência muito boa. Trabalhei [inaudível]. Aqui, aqui, é... tem poucos ossos aqui que uns levaro lá pro... museu lá de... qual é... ai, qual que é... Campo Alto, [inaudível] pra lá de Ribeirão, esqueci o nome da cidade. Mas foi uma experiência ótima trabalhar numa escavação.

Pesquisador 1: Nossa.

26P: Porque aí cê vê, como se diz, [inaudível] conhecia pessoas diferentes, apesar que tinha eu, [inaudível], tinha gente daqui, vinha gente de Uberaba. Esse, é o... que é um meu que é chama que ele, ele até paleontólogo lá na Argentina, Argentina, vinha também...

Pesquisador 1: Uhum.

26P: [Inaudível] “Nossa, um osso”. [Inaudível] mas depois que eu mesmo trabalhei, eu disse “não, eu acredito, é de verdade mesmo”.

Pesquisador 1: Né? É na hora que trabalha que percebe que...

26P: É, na hora que trabalha cê percebe tu que é... é, é a realidade pura, né? A gente via... nossa é uma experiência ótima que eu trabalhei... há uns três quatro anos que eu trabalhei.

Pesquisador 1: Legal. Então deixa eu perguntar pro senhor. Então assim, existem fósseis aqui em Peirópolis, né?

26P: Existe.

Pesquisador 1: E, e acha muito aqui? Como é que é?

26P: Acha. É, porque agora não tá escavando, porque não tá tendo equipe certa.

Pesquisador 1: Entendi.

26P: Então eu acho que três, quatro anos que tá parado. Mas ih, se escavar, acha. Eu [inaudível] que todo o ano nós escavar, que assim, nós escava no período da seca. Período chuvoso é um diabo, porque acaba a... a terra, [inaudível] vira barro.

Pesquisador 1: Ah, entendi. Então dá mais trabalho.

26P: [Inaudível]. Mas todo o ano. Tinha hora que cê não achava, mas tinha hora que cê achava.

Pesquisador 1: Uhum. Entendi.

26P: Tinha hora que cê achava era... era fragmento, era... um ossinho pequeno, acha osso [inaudível]. Por exemplo, agora lá na Serra da Galga achou um... um fêmur, acho que ele deu... mediu... se eu não me engano foi 23 que ele tinha. Só que ele tava [inaudível] assim na rocha, aí quando choveu foi pingando, pingando, aí ele... né, como dizer, vai molhando, vai, aí ele quebrou, aí a outra parte ficou pra dentro; só que não escavou porque... ia com o martelete, aí comendo as rocha lá, aquele tutututu a rocha vinha em cima de nós.

Pesquisador 1: Ahh sei.

26P: Mas um [inaudível], um... é vou falar pra você, um osso grande. Eu lembro que até pararam a 050, eu tava... aí... o guincho pra pôr no caminhão que nós não aguentava carregar, que era muito pesado.

Pesquisador 1: Uhum.

26P: Isso dava o que? Um... mais de... eu vou falar uns 100kg de pesado.

Pesquisador 1: Aham, caramba.

26P: Se fosse pra pesar, eu... eu... diria de 50 a 100, que era muito grande. Nós tava em... 6... 8 pessoas, não dava conta de carregar não. Aí veio o guincho, a polícia rodoviária parou lá o trânsito nos dois sentido. Foi uma experiência ótima.

Pesquisador 1: Nossa, ai que legal. E deixa eu perguntar pro senhor. É... na sua opinião, fóssil é uma coisa importante?

26P: Sim.

Pesquisador 1: E por que?

26P: É porque é... assim, na minha opinião...

Pesquisador 1: Sim.

26P: É importante porque... porque cê não pode vender, não pode comercializar que é crime. Porque a... uma pessoa vim aqui, entrar aqui dentro, e pegar [inaudível] ele não vai conseguir vender, por quê? Valor tem, mas não consegue vender.

Pesquisador 1: Entendi.

26P: Mas eu acho que é uma... é um... como dizer, é... na minha opinião, que tem é... [inaudível] uma pessoa vê lá, “um osso de dinossauro”, que tem por lá 70, 80, 10 milhões de anos...

Pesquisador 1: Uhum.

26P: Muita gente não acredita, mas depois você vai ver que é tudo... a realidade pura, né?

Pesquisador 1: Sim. Sim.

26P: Mas e... eu acredito tudo, depois que eu trabalhei...

Pesquisador 1: Não tem como.

26P: Não tem como.

Pesquisador 1: Entendi.

26P: É... experiência... fantástica.

Pesquisador 1: Nossa, que legal. E a gente já tá chegando no final, eu queria saber se o senhor tem alguma história assim, de vida, alguma memória ou lembrança, que de alguma forma aí os fósseis ou os ossos estivessem presentes. Alguma coisa assim que o senhor lembra.

26P: Oh, assim, a memória que eu tenho, que como dizia, os primeiros fóssil que foi achado, ele... era um médico espírita

Pesquisador 1: Uhum.

26P: Ele... trabalhava, era do [inaudível], chama Langerton. E ele foi os, ele foi o primeiro...

Pesquisador 1: A achar?

26P: O... a... homem que achou os primeiros ossos.

Pesquisador 1: Uhum.

26P: Aí, só que os primeiros ossos foi lá pro museu do Rio de Janeiro, aquele que pegou fogo lá, [inaudível] pegado fogo lá.

Pesquisador 1: Sei, sei.

26P: Mas a única coisa que eu lembro, da minha memória, quando o [inaudível] passava, eu era um... molecote, seis, sete anos, eu lembro. É... eu lembro até hoje quando o Jipe estourou. Estourou assim, o cara tava soltando lá e... tinha resíduo de olho aí a caçamba, o Jipe explodiu.

Pesquisador 1: Aham.

26P: Mas eu lembro, é... é... é... assim, antes da estação [inaudível] que o museu lá hoje [inaudível] eu lembro que eu era moleque, a gente era moleque e tinha ideia de pegar pedra e tacar pedra no vidro e quebrar [risos] pra ver só o vidro quebrar. Assim, depois que eu... fui... fui trabalhar, antes eu trabalhava, ajudava meu pai a roçar pasto, é... fazer serviço... braçal da roça, mas depois que eu comecei o trabalho que eu fui... comecei a trabalhar no museu, é... que eu fui, a primeira vez que eu fui escavar, assim eu não sabia. “Não, cê tem que bater de primeira [inaudível] batia uma marreta de 8kg.

Pesquisador 1: Nossa.

26P: Era... tinha um pino, cê ia batendo. Agora... depois que veio a UFTM, é assim, compra os... o equipamento, o gerador, entendeu?

Pesquisador 1: Uhum.

26P: Aí o martelete era só... [gestual explicando].

Pesquisador 1: Entendi.

26P: [inaudível] o marteletinho com cuidado [inaudível] aí quebrava o osso. Aí se quebrava tinha que... passava tipo aquela cola Super Bonder...

Pesquisador 1: Sei.

26P: Pra colar pra... só que não é aquela de sapato não, é aquelas mais... da... é... Loc... Loc né, da [inaudível].

Pesquisador 1: Ah sei.

26P: Assim, a minha experiência [inaudível] a primeira vez que eu fui escavar, o negócio que eu te falei, que eu achei o dente, nós tava lá, eu tava lá com o martelinho, batendo, batendo, batendo, aí eu vi lá aí eu fui [inaudível] “que isso?”, eu não sabia. Aí fui, fui, fui limpando devagarzinho, aí [inaudível] eu disse “eu vou passar o dedo”, que eu te falei. Aí eu chamei esse professor Thiago, falei assim “Thiago, vem cá, olha aqui”. [Inaudível] D., [inaudível], de boca aberta, “Oi, Thiago”. Aí ele parou e disse: “Uai, que aconteceu com ele? Nossa, cê achou um dente.”. Eu disse “o que?” Eu não

sabia, ele foi, me explicar tudo. Aí [inaudível] só não lembro qual dente que era do animal, agora já me fugiu da memória.

Pesquisador 1: Mas...

26P: Nossa, [inaudível] nossa, perfeito. Maior perfeição.

Pesquisador 1: E em que ano foi, mais ou menos isso? Foi antes da pandemia, né?

26P: É, foi antes da pandemia, quer ver, nós tá em dois mil e vinte

Pesquisador 1: E dois.

26P: É e dois, é dois mil e vinte, ah... tem mais... [inaudível] seis anos? Ai já tem pra é... isso aí, é... tem uns... 10 anos isso aí.

Pesquisador 1: Entendi.

26P: É, já tem uns 10 anos.

Pesquisador 1: E...

26P: Foi antes [inaudível] muito antes da pandemia.

Pesquisador 1: Muito legal.

26P: É.

Pesquisador 1: E... antes da gente terminar, eu só queria saber se tem alguma coisa assim sobre Peirópolis, e... enfim, também os fósseis, esses ossos, que você acha importante assim, que eu, que sou de fora, não posso sair sem saber.

26P: É...oh, assim, Peirópolis, é... como se diz assim, melhorou. Quer dizer [inaudível] mais. A... a prefeitura fala que vai fazer uma pracinha, mas até agora nada. Mas melhorou aqui, tem os restaurantes, tem os turistas, assim, turista é o museu, né? Que o povo vem aqui no museu, ou até em algum restaurante, é... algum lugar pra almoçar, aí nós indica. Mas se o museu... deu muita referência pra Peirópolis. Porque antigamente Peirópolis era... é um lugarzinho, vamo dizer assim, desleixado, modo de dizer. Que era... que que era... tinha estrada de chão, igual aqui, em cima, mas agora modificou muito, é... aí asfaltou, fez a iluminação tudo, tem agora iluminação lá do asfalto lá até lá em cima, até lá na ponte. Mas Peirópolis melhorou bastante, [inaudível] assim, eu falo assim, na minha opinião melhorou por causa do museu, se não fosse o museu... não era isso aí, não era Peirópolis.

Pesquisador 1: Entendi.

26P: É.

Pesquisador 1: Então perfeito, muito, muito obrigada.

26P: De nada.